

**Maria Helena Soares Paes**

***A VARIÁVEL (R) EM CODA SILÁBICA MEDIAL NO BAIRRO VÁRZEA, EM LAGOA SANTA-MG***

**BELO HORIZONTE**  
**Faculdade de Letras da UFMG**  
**2014**

**Maria Helena Soares Paes**

***A VARIÁVEL (R) EM CODA SILÁBICA MEDIAL NO BAIRRO VÁRZEA, EM LAGOA SANTA-MG***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: B – Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria do Carmo Viegas

**BELO HORIZONTE**  
**Faculdade de Letras da UFMG**  
**2014**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS




## FOLHA DE APROVAÇÃO

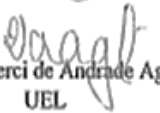
**A variável (R) em coda silábica medial no bairro Várzea, em Lagoa Santa-MG**

**MARIA HELENA SOARES PAES**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 11 de agosto de 2014, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Maria do Carmo Viegas - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Vanderci de Andrade Aguilera  
UEL

  
Prof(a). Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen  
UFMG

Belo Horizonte, 11 de agosto de 2014.

*Aos meus pais,  
naturais de Lagoa Santa e com suas raízes na Várzea,  
dedico este trabalho, pois eles foram uma das razões para  
que ele se desenvolvesse.*

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus, por se fazer presente em todos os momentos de minha vida, guiando meus passos e amparando-me nas dificuldades.

À Maria do Carmo Viegas, pela dedicada e cuidadosa orientação, pela disponibilidade, zelo, preocupação, resolução de dúvidas em todos os momentos e pelas sugestões e o grande incentivo dado a este trabalho, vai meu agradecimento especial.

Aos meus pais, Licurgo e Carmosina, e aos meus irmãos, Cláudio, Gessé, Guilherme e Ana Carolina, por terem me apoiado nessa longa caminhada. Especialmente a meus pais, pelo empenho e esforço para me proporcionar este momento, esta chegada ao final, os meus sinceros agradecimentos.

À Joana Jacira, agradeço pelo interesse, incentivo e colaboração para a realização desta pesquisa.

O meu muito obrigada à Maria da Conceição (tia Zinha), pela disponibilidade e pelo auxílio em todos os momentos que precisei na realização deste estudo.

Ao Vaneriz, pelo companheirismo, compreensão e paciência, obrigada.

Agradeço imensamente à Melina, pelo providente auxílio, boa vontade e disponibilidade em me ajudar nos momentos em que precisei, e ao Alan, pela disponibilidade e boa vontade em prestar seu glorioso auxílio nos momentos de maior necessidade.

Aos informantes, sujeitos da pesquisa, pela importante colaboração que deram ao aceitarem participar, com boa vontade, deste estudo, muito obrigada.

Agradeço aos professores, Vanderci Andrade Aguilera, Maria Antonieta Cohen, Pâmella Alves Pereira e Alexia Duchowny, por aceitarem participar da banca examinadora.

À Elizete, pelo providente e dedicado trabalho de revisão, pela boa vontade e paciência com que se empenhou em me auxiliar nesta jornada, muito obrigada.

*“A nossa língua é também a nossa história.”*

Jacob Grimm

## RESUMO

O presente trabalho, baseado na Teoria da Variação e Mudança Linguística, Labov (1972), tem o objetivo de identificar e analisar as ocorrências da variável (R) em coda silábica medial, no bairro Várzea, localizado no município de Lagoa Santa, em Minas Gerais. A variante erre retroflexo, em concorrência com a fricativa glotal, foi o ponto de partida deste estudo. Porém, no decorrer da análise dos dados coletados, surgiram outras variantes, as quais foram também analisadas. Foi observado aqui que a variante retroflexa do (R) foi realizada apenas pelos adultos. Encontramos indícios de que a variante fricativa esteja em progressão na comunidade pesquisada.

**Palavras-chave:** Variação – Variante Retroflexa – Fricativa Glotal – Falares Mineiros – Mudança em Progresso – Lagoa Santa/MG

## ABSTRACT

This research, based on the Theory of Linguistic Variation and Change, Labov (1972), aims at identifying and analyzing the occurrences of the (R) variable in medial syllabic coda, in Várzea district, in Lagoa Santa city, Minas Gerais, Brazil. The retroflex variant of (R), that shares the same environment with the glottal fricative, was the starting point of this study. However, while we were making the data analysis, other variants appeared, so we have analyzed them too. We noticed that the retroflex variant of (R) was performed by adults only. We have found evidences that the fricative variant has been in progression in the studied community.

**Keywords:** Variation – Retroflex Variant – Glottal Fricative – Mineiros Speech – Changing in Progress – Lagoa Santa/MG



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALAM	– <i>Atlas Linguístico do Amazonas</i>
ALERS	– <i>Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil</i>
ALISPA	– <i>Atlas Linguístico Sonoro do Pará</i>
ALPB	– <i>Atlas Linguístico da Paraíba</i>
ALPR	– <i>Atlas Linguístico do Paraná</i>
ALS	– <i>Atlas Linguístico de Sergipe</i>
ALS II	– <i>Atlas Linguístico de Sergipe II</i>
APFB	– <i>Atlas Prévio dos Falares Baianos</i>
BH	– Belo Horizonte
CNPq	– Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COEP	– Comitê de Ética em Pesquisa
EALMG	– <i>Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais</i>
EJA	– Educação de Jovens e Adultos
FALE	– Faculdade de Letras
HARAS	– Homem, Adulto, Rurícola, Analfabeto e Sedentário
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGA	– Instituto de Geociências Aplicadas
MG	– Minas Gerais
PB	– Português do Brasil
PP	– Português de Portugal
PR	– Paraná
Praat	– <i>Software</i> de análise e síntese da fala
RC	– Razão de Chances
RJ	– Rio de Janeiro
RS	– Rio Grande do Sul
SC	– Santa Catarina
SP	– São Paulo
SPSS	– <i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
TCLE	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFF	– Universidade Federal Fluminense

UEL	– Universidade Estadual de Londrina
UFMG	– Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	– Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFVJM	– Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
VARBRUL	– <i>Variable Rule</i>
VARFON-Minas	– Variação Fonético-Fonológica, Morfológica e Lexical em Minas Gerais

## LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS

- [ɹ] – aproximante alveolar
- [ɻ] – aproximante retroflexa
- [ɦ] – fricativa glotal sonora
- [h] – fricativa glotal surda
- [ʒ] – fricativa pós-alveolar sonora
- [ʒ̥] – fricativa pós-alveolar surda
- [ɣ] – fricativa velar sonora
- [x] – fricativa velar surda
- [ɭ] – lateral (L velarizado)
- [ɾ] – tap vozeado
- [ʊ] – vogal alta posterior arredondada
- [∅] – zero fonético

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Divisão dos três falares mineiros .....	36
<b>Figura 2</b> – Carta 2: “Arco-Íris” .....	37
<b>Figura 3</b> – Carta 3: “Arco-da-Velha” .....	38
<b>Figura 4</b> – Ocorrência do erre retroflexo em final de sílaba, em Minas Gerais – palavra “arco” .....	38
<b>Figura 5</b> – Mapa do erre retroflexo em Minas Gerais .....	39
<b>Figura 6</b> – Mapa da localização do município de Lagoa Santa em Minas Gerais.....	40
<b>Figura 7</b> – Mapa da localização do município de Lagoa Santa, Minas Gerais .....	40
<b>Figura 8</b> – Locais de ocorrência da variante predominante do (R) em coda medial .....	41
<b>Figura 9</b> – Foto aérea da lagoa central de Lagoa Santa, Minas Gerais .....	44
<b>Figura 10</b> – Elementos envolvidos na articulação do Retroflexo e do L velarizado .....	55
<b>Figura 11</b> – Localização do bairro Várzea no município de Lagoa Santa.....	92
<b>Figura 12</b> – Espectrograma da pronúncia da variante de (R): Fricativa glotal na palavra aniversário .....	97
<b>Figura 13</b> – Espectrograma da pronúncia da Fricativa glotal ,entre barras transversais, na palavra porco .....	97
<b>Figura 14</b> – Espectrograma da pronúncia da variante W para L na palavra anelzinho .....	98
<b>Figura 15</b> – Espectrograma da pronúncia da variante W para R na palavra garfo .....	98
<b>Figura 16</b> – Espectrograma da pronúncia da variante X fricativa velar na palavra círculo ....	99
<b>Figura 17</b> – Espectrograma da pronúncia da variante W para L na palavra almoço .....	99
<b>Figura 18</b> – Espectrograma da pronúncia da variante Zero erre na palavra cerzir .....	100
<b>Figura 19</b> – Espectrograma da pronúncia da variante Zero erre na palavra perfeito .....	100
<b>Figura 20</b> – Espectrograma da pronúncia da variante Fricativa glotal na palavra vírgula ....	101
<b>Figura 21</b> – Espectrograma da pronúncia da variante Retroflexo na palavra aniversário .....	101
<b>Figura 22</b> – Espectrograma da pronúncia da variante Retroflexo na palavra gorjeta .....	102
<b>Figura 23</b> – Espectrograma da pronúncia da variante Retroflexo na palavra vírgula .....	102
<b>Figura 24</b> – Espectrograma da pronúncia da variante L por R-velarizado na palavra farda .	103
<b>Figura 25</b> – Espectrograma da pronúncia da variante Zero ele na palavra apalpar.....	103
<b>Figura 26</b> – Espectrograma da pronúncia da variante L velarizado na palavra soldado .....	104

<b>Figura 27</b> – Espectrograma da pronúncia da variante L velarizado na palavra balde .....	104
<b>Figura 28</b> – Espectrograma da pronúncia da variante L por R-retroflexo na palavra almoço.....	105
<b>Figura 29</b> – Espectrograma da pronúncia da variante L velarizado na palavra almoço.....	105
<b>Figura 30</b> – <i>Os Mistérios dos erres e vogais</i> .....	106
<b>Figura 31</b> – Estudo revela que Minas tem uma das maiores variações de falas do país .....	108
<b>Figura 32</b> – <i>Os Dialectos de Minas</i> .....	112
<b>Figura 33</b> – <i>Os Dialectos de Minas</i> : destaque dos mapas dos falares.....	113
<b>Quadro 1</b> – Gênero e faixa etária dos informantes .....	51
<b>Quadro 2</b> – Código dos informantes, gênero e idade .....	51
<b>Quadro 3</b> – Variantes de (R) e de (L).....	53
<b>Quadro 4</b> – Quadro das vogais tônicas orais do Português .....	56
<b>Quadro 5</b> – Ponto e modo de articulação das consoantes seguintes .....	58
<b>Quadro 6</b> – Fatores sociais .....	61

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Avaliação, por estado, do dialeto rural como padrão brasileiro .....	31
<b>Tabela 2</b> – Variáveis Dependentes .....	65
<b>Tabela 3</b> – Totais da Variável (L).....	66
<b>Tabela 4</b> – Cruzamento das variantes da variável (L) e gênero.....	67
<b>Tabela 5</b> – Cruzamento das variantes da variável (L) e faixa etária.....	68
<b>Tabela 6</b> – Totais da variável (R) .....	69
<b>Tabela 7</b> – Cruzamento das variantes da variável (R) e faixa etária .....	70
<b>Tabela 8</b> – Cruzamento das variantes da variável (R) e gênero .....	70
<b>Tabela 9</b> – Variantes da variável (R) .....	72
<b>Tabela 10</b> – Variável (R): regressão binomial Retroflexo x Fricativa glotal .....	72
<b>Tabela 11</b> – Retroflexo x Fricativa glotal: vogal precedente.....	73
<b>Tabela 12</b> – Retroflexo x Fricativa glotal: ponto da consoante seguinte.....	74
<b>Tabela 13</b> – Retroflexo x Fricativa glotal: gênero .....	74
<b>Tabela 14</b> – Retroflexo x Fricativa glotal: faixa etária .....	75
<b>Tabela 15</b> – Variável (R): regressão binomial Fricativa glotal x Zero Erre .....	76
<b>Tabela 16</b> – Fricativa glotal x Zero erre: tonicidade da sílaba .....	76
<b>Tabela 17</b> – Fricativa glotal x Zero erre: ponto da consoante seguinte .....	77
<b>Tabela 18</b> – Fricativa glotal x Zero erre: gênero .....	77
<b>Tabela 19</b> – Fricativa glotal x Zero erre: estilo .....	78
<b>Tabela 20</b> – Variável (R): regressão binomial Retroflexo x Zero Erre .....	79
<b>Tabela 21</b> – Retroflexo x Zero erre: tonicidade.....	80
<b>Tabela 22</b> – Retroflexo x Zero erre: ponto da consoante seguinte .....	80
<b>Tabela 23</b> – Retroflexo x Zero erre: faixa etária.....	81
<b>Tabela 24</b> – Retroflexo x Zero Erre: estilo .....	81

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO .....	16
1	TRABALHOS CORRELATOS.....	20
1.1	Amaral e O Dialeto Caipira.....	21
1.1.1	O que vem a ser caipira? .....	22
1.1.2	Características do falar caipira .....	23
1.1.3	Contribuição indígena para o léxico brasileiro .....	25
1.2	Estudos sobre a origem do erre retroflexo: um contraponto à sua origem indígena .....	25
1.3	A vitalidade do dialeto caipira .....	29
1.4	Estigma e preconceito linguístico .....	30
1.4.1	O estigma referente ao erre retroflexo.....	32
1.5	As cartas dialetais e a ocorrência do erre retroflexo em Minas Gerais .....	35
2	A COMUNIDADE PESQUISADA.....	42
2.1	Um pouco de história – Lagoa Santa .....	42
2.2	O bairro Várzea .....	44
2.3	O bairro Várzea nos dias atuais.....	45
3	O MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	47
3.1	A teoria da Variação e Mudança Linguística .....	47
3.2	Variação e mudança em progresso: uma análise baseada no tempo aparente.....	48
3.3	Procedimentos utilizados para a seleção dos informantes e a coleta, codificação e análise dos dados.....	50
3.3.1	Técnica de amostragem.....	50
3.3.2	Os informantes sujeitos da pesquisa.....	50
3.3.3	Coleta de dados .....	51
3.3.4	Codificação dos dados.....	52
3.3.4.1	Variáveis dependentes.....	53
3.3.4.2	Grupos de fatores que podem influenciar a variável linguística .....	55
3.3.4.2.1	Grupos de fatores linguísticos: variáveis independentes linguísticas .....	56
3.3.4.2.1.1	Tonicidade da sílaba em que se encontra a variável .....	56
3.3.4.2.1.2	Vogais antecedentes à variável .....	56
3.3.4.2.1.3	Ponto e modo de articulação da consoante seguinte à variável.....	57
3.3.4.2.2	Grupos de fatores sociais: variáveis independentes sociais .....	58
3.3.4.2.2.1	O fator gênero/sexo .....	59
3.3.4.2.2.2	Faixa etária .....	60
3.3.4.2.2.3	Estilo.....	60
3.3.5	A Análise quantitativa.....	61
3.3.6	Teste de avaliação .....	63

4	ANÁLISE DOS DADOS .....	65
4.1	Variável (L) .....	66
4.1.1	Variável (L): indivíduo e item lexical .....	68
4.2	Variável (R) .....	69
4.2.1	Variável (R): indivíduo e item lexical .....	71
4.3	A Variável (R) e a regressão .....	72
4.3.1	Retroflexo x Fricativa glotal .....	72
4.3.2	Fricativa glotal x Zero erre .....	76
4.3.3	Retroflexo x Zero erre .....	79
4.4	A variável (R) e o teste de avaliação .....	82
	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	83
	REFERÊNCIAS .....	87
	ANEXOS .....	92



## INTRODUÇÃO

O projeto VARFON-Minas/CNPq, sob a coordenação da professora Maria do Carmo Viegas da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem como objetivos principais a descrição e a análise da variação linguística dos falares mineiros. A presente pesquisa está inserida no projeto VARFON-Minas e objetiva contribuir para a descrição dos falares mineiros.

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho surgiu a partir de observações assistemáticas das produções de fala dos moradores do bairro Várzea, em Lagoa Santa, Minas Gerais (MG). Nessas produções de fala, notou-se a realização da variante retroflexa do (R) em posição final de sílaba, no interior da palavra. E, estando Lagoa Santa situada em uma área que usualmente é colocada fora da área de realização do erre retroflexo, conforme mapas dialetais de Minas Gerais, o fenômeno linguístico despertou a nossa atenção. A identificação dos moradores desse bairro era e é realizada por essa característica linguística. O que pode ser constatado por meio de diálogos entre os moradores da cidade, como, por exemplo:

“—Você é da Várzea, não é?”

“—Por quê?”

“—Porque você fala puxando o erre!”

A variável (R) no Português do Brasil (PB) tem despertado o interesse de vários estudiosos no campo da linguística. Isso se deve principalmente ao alto grau de “polimorfismo” que ela possui, como, por exemplo: ca.ṛta/cahta/caxta/carta. Amaral (1920) se referia à variante retroflexa como “*r caipira*”.

Um dos aspectos abordados na literatura a respeito da variante retroflexa do (R) no PB é o questionamento sobre sua origem, ou seja, questiona-se como, quando e onde surgiu essa variante. Amaral (1920), ao descrever características fonéticas da variante retroflexa do (R), ou “*r caipira*”, atribuiu sua origem como sendo proveniente da língua dos indígenas.

[...] Para o ouvido, este *r caipira* assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico. E’, muito provavelmente, o mesmo *r* brando dos autóctones. Êstes não possuíam o *rr* forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de

produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema. (AMARAL, 1920, p. 21).

No decorrer do seu estudo, Amaral (1920) também previu a extinção do falar caipira, baseando-se em fatores como o processo de urbanização e o rápido progresso que chegava à província de São Paulo à época, os quais seriam responsáveis pelo desaparecimento do dialeto caipira. De acordo com o autor, o dialeto caipira estava sendo relegado à margem: “Hoje, êle acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fóra daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação” (AMARAL, 1920, p.13).

Assim, embora sofrendo as pressões do meio, alguns remanescentes desse linguajar ainda resistiriam às novas formas de linguagem que se impunham pelo processo de evolução da sociedade. Amaral (1920) estava referindo-se, assim, a um processo de variação e mudança pelo qual estava passando o dialeto caipira. Ele usou a expressão “outras tendências” para dizer de fatores favorecedores à evolução constante e “autônoma de nosso falar”. Para ele haveria sempre uma distinção entre o falar “português peninsular” e o português falado nas demais regiões do Brasil. Contudo, essa evolução não seria a expansão do dialeto caipira, pois, segundo Amaral (1920, p.13), “este acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares”.

Depreende-se dessas afirmações que o desaparecimento do dialeto caipira, conseqüentemente, levaria também à extinção da variante retroflexa do (R), ou do “*r* caipira”, característica desse falar. No entanto, estudos recentes mostram que a previsão de Amaral não se efetivou ainda, uma vez que o falar caipira assim como a variante retroflexa do (R) continuam em vigor no PB.

Para o desenvolvimento desta dissertação, vamos nos deter na realização medial da variável (R). Algumas hipóteses foram formuladas: a de que as variantes não retroflexas do (R) estejam em progresso na comunidade pesquisada, bairro Várzea, Lagoa Santa; a de que a variante retroflexa do (R) esteja sendo estigmatizada por essa comunidade; e ainda, a de que os fatores sociais, como faixa etária e gênero, estejam exercendo influência na realização da variante erre retroflexo.

Dessa forma, a partir da afirmação da presença do erre retroflexo na comunidade pesquisada, o trabalho de pesquisa aqui proposto tem o objetivo principal de identificar e analisar os fatores que concorrem para a variação do (R) em coda silábica medial, verificando se suas variantes estariam em competição e, assim, em processo de mudança. Em última análise, pretende-se verificar se há indício de variação estável ou de mudança em progresso.

Nessa perspectiva, apresentamos como objetivos específicos: descrever as realizações da variável (R) no bairro Várzea; verificar os grupos de fatores que estejam interferindo para que essas realizações ocorram; definir o *status* de prestígio, ou desprestígio, das variantes encontradas; verificar o *status* da variação: mudança em progresso ou variação estável; e contribuir para a formação do *corpus* dos falares de Minas Gerais VARFON-Minas.

A partir disso, algumas perguntas surgiram: as variantes do (R) que ocorrem em Lagoa Santa são apenas a fricativa glotal e a retroflexa? Há fatores linguísticos e sociais que favorecem ou desfavorecem o emprego do erre retroflexo? A variante erre retroflexo está em progressão na comunidade estudada? Ela é uma variante de prestígio ou estigmatizada nessa comunidade?

Para chegarmos às respostas dessas questões, utilizamos o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de Labov (2008), pois:

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.<sup>1</sup> (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Para Labov (2008 [1972]), não há como estudar a variação e a mudança na língua de uma determinada comunidade sem levar em conta os fatores sociais que influenciam essa língua a todo instante. E é sobre essa perspectiva que a presente pesquisa se desenvolveu.

Para um melhor entendimento do desenvolvimento desta dissertação, apresentamos a sua estrutura:

---

<sup>1</sup> [...] cannot understand the development of a language change apart from the social life of the community in which it occurs. Or to put it another way, social pressures are continually operating upon language, not from some remote point in the past but as an immanent social force acting in the living present. (LABOV, 1972, p. 3).

- **Introdução**
- **Capítulo 1**, em que consta a revisão de literatura pertinente ao assunto;
- **Capítulo 2**, que contém um breve histórico da comunidade pesquisada;
- **Capítulo 3**, no qual apresentamos o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, desenvolvido por Labov (1972), e os pressupostos metodológicos da pesquisa;
- **Capítulo 4**, em que se apresenta a análise dos dados coletados em campo e os resultados da pesquisa;
- **Considerações Finais**, em que consta uma síntese dos resultados encontrados neste estudo, assim como propostas para a sua continuidade;
- **Anexos**, como fontes ilustrativas complementares.

## CAPÍTULO 1

### 1 TRABALHOS CORRELATOS

Autores como Amaral (1920), Callou, Moraes e Leite (1983), Head (1987), Leite (2004), Aquino (2005), Ferraz (2005), Castro (2006), Cohen (2006), Cristófaros-Silva (2008), Rennieke (2010), Aguilera e Silva (2011), dentre outros, apresentam estudos importantes sobre a variável (R) e suas variantes no Português do Brasil.

O grupo dos róticos<sup>2</sup> define-se por uma classe de sons da variável (R). A riqueza e a variedade sonora desse grupo têm sido alvo de estudos linguísticos no Brasil, principalmente a partir de meados do século XX. Esses estudos colocam em destaque a variação da realização dos róticos na Língua Portuguesa – variação presente também nas demais línguas do mundo –, especialmente quando eles se encontram em coda silábica.

Note que em Belo Horizonte ocorre o segmento [h] em posição final de sílaba e neste mesmo contexto ocorre o tepe [r] em São Paulo. Lembramos que há o contraste fonêmico em posição intervocálica entre [h] e [r] (cf. “caro/carro”) sendo que [h] relaciona-se ao “R” forte e [r] relaciona-se ao “r fraco”. O “R forte” varia consideravelmente no português brasileiro e o representamos por /R/ sendo que este segmento sempre ocorre no início da sílaba. O tepe é sempre representado por [r]. A perda de contraste fonêmico entre o “R forte” e o “r fraco” é neutralizada no português em posição de final de sílaba. Isto quer dizer que neste contexto pode ocorrer foneticamente segmento correspondente ao “R forte” ou o “r fraco”. Neste contexto – de posição final de sílaba – utilizamos o arquifonema /R/ para representar fonemicamente o “R pós-vocálico”. O arquifonema /R/ ocorre somente em posição final de sílaba – seja em meio de palavra (cf. “carta”) ou em final de palavra (cf. “mar”). Como dissemos anteriormente, há contraste fonêmico entre o “R forte” e “r fraco” apenas em posição intervocálica (cf. “caro/carro”) [...].

Em todos os dialetos do português haverá o contraste fonêmico em posição intervocálica entre o “r fraco” e o “R forte” (cf. “caro/carro”). Este contraste fonêmico pode manifestar-se pelo número de vibrações da língua na articulação do seguimento consonantal: vibrante simples em “caro” [ˈkaro] e vibrante múltipla em “carro” [ˈkaro]. Alternativamente o “R forte” pode manifestar-se como uma consoante fricativa [χ, ʁ, h, fi] ou retroflexa [ɻ]. Seguindo consoante tautossilábica (na mesma sílaba), também temos o “r fraco” para qualquer dialeto (cf. “cravo, primo”). O “r fraco” se manifestará foneticamente como um tepe ou vibrante simples em todos os dialetos do

<sup>2</sup> Róticos: aportuguesamento de *rhotics* do Inglês.

português. A variação linguística ocorre de maneira bastante ampla nos demais contextos em que o “R forte” ocorre. (CRISTÓFARO-SILVA, 2008, p. 160).

Cristófaros-Silva (2008) enfatiza as várias manifestações do (R) em coda silábica em Belo Horizonte, região central mineira, e em Pará de Minas, região Centro-Oeste de Minas Gerais. Observamos que não houve notação da realização retroflexa do (R) para o falar de Belo Horizonte. Já em referência ao falar de Pará de Minas, a autora encontrou a manifestação retroflexa do (R). Isso implica que o “R forte” pode manifestar-se, alternativamente no falar de Pará de Minas, ora como uma fricativa glotal, ora como uma variante retroflexa.

Muitos são os estudos referentes à variação e mudança linguística apresentados nos últimos anos. Os estudos aqui apresentados são os que abordam vários aspectos relacionados à variante erre retroflexo, tais como: sua caracterização, sua origem, sua vitalidade, e a existência do estigma e/ou prestígio quanto à produção dessa variante. Dentre esses aspectos, ressalta-se a questão do estigma em relação à produção da variante retroflexa do (R), que foi bem difundido e observado através de vários estudos que se dedicaram a descrevê-lo.

### 1.1 Amaral e O Dialeto Caipira

Natural de Capivari, Amadeu Amaral dedicou-se aos estudos da Língua Portuguesa. Autodidata, registrou peculiaridades sobre os falares da província de São Paulo. Em seu relato, Amaral (1920) afirma que, há mais ou menos 30 anos (antes da publicação, em 1920, da sua obra), existia em São Paulo um falar caipira pronunciado por todas as pessoas, inclusive pela minoria culta: “E’ de todos sabido que o nosso falar *caipira* (...) dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta” (AMARAL, 1920, p. 11). E, em relação ao modo de falar caipira, o autor pondera:

Antes de tudo, deve notar-se que a prosódia caipira (tomando o termo *prosódia* numa acepção lata, que também abranja o ritmo e musicalidade da linguagem) difere essencialmente da portuguesa. O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa. (AMARAL, 1920, p. 17).

Ao caracterizar o falar caipira, Amaral (1920) destacou alguns aspectos de sua prosódia, observando que ela se caracterizava por um “frasear (...) lento, plano e igual”.

### 1.1.1 O que vem a ser caipira?

Na enciclopédia eletrônica Wikipedia<sup>3</sup>, o termo caipira provém da língua tupi (*ka'apir* ou *kaa-pira*), que significa “cortador de mato”. É o nome que os indígenas Guaianás do interior do Estado de São Paulo, no Brasil, deram aos colonizadores brancos, caboclos, mulatos e negros.

Já nos dicionários Houaiss e Aurélio, o vocábulo caipira possui as seguintes significações:

Caipira adj. 2g. s. 2g. 1. que(m) é da roça 2 p. ext. que(m) é simplório, não tem requinte ou muita instrução. 3 fig. Que(m) é tímido, acanhado, pouco sociável. adj. 2g. B 4 relativo a festas juninas e seus trajes [ETIM: orig. contrv., prov. do tupi]. (HOUAISS, 2011, p. 150).

Caipira. [Do tupi *kai'pira*.] S.2g.1. Bras., S. Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros. [Sin., sendo alguns regionais: *araruama*, *babaquara*, *babeco*, *baiano*, *baiquara*, *beira-corgo*, *beiradeiro*, *biriba* ou *biriva*, *botocudo*, *brocoió*, *bruaqueiro*, *caapora*, *caboclo*, *caburé*, *cafumango*, *caiçara*, *cambembe*, *camisão*, *canguaí*, *canguçu*, *capa-bode*, *capiau*, *capicongo*, *capuava*, *capurreiro*, *cariazal*, *casaca*, *casacudo*, *casca-grossa*, *catatuá*, *catimbó*, *catrumano*, *chapadeiro*, *curau*, *curumba*, *groteiro*, *guasca*, *jeca*, *jacu*, *macaqueiro*, *mambira*, *mandi* ou *mandim*, *mandioqueiro*, *mano-juca*, *maratimba*, *mateiro*, *matuto*, *mixanga*, *mixuango* ou *muxuango*, *mocorongo*, *moqueta*, *mucufu*, *pé-duro*, *pé-no-chão*, *pioca*, *piraguara*, *piraquara*, *queijeiro*, *restingueiro*, *roceiro*, *saquarema*, *sertanejo*, *sitiano*, *tabaréu*, *tapiocano*, *urumbeba* ou *urumbeva*.] S. m. 2. Bras., N.E. Jogo de parada, com um dado apenas, ou roleta, entre gente de condição humilde. Adj. 2g. 3. Bras. Diz-se do caipira (1); *biriba* ou *biriva*, *matuto*, *sertanejo*. 4. Bras. Pertencente ou relativo a, ou próprio de caipira (1); *biriba* ou *biriva*, *jeca*, *matuto*, *roceiro*, *sertanejo*. 5. Bras. Diz-se do indivíduo sem traquejo social; *cafona*, *casca-grossa*. 6. Bras. Diz-se das festas juninas e do traje típico usado nessas festas. [Cf. (nas acepç. 1, 3, 4 e 5) provinciano.]. (FERREIRA, 1986, p. 314).

Amaral (1920) sugere, ainda, o termo *caipirismo*, visto como um “traço” que não se revelava apenas na linguagem, mas que, acima de tudo, representava um conjunto de hábitos, envolvendo uma cultura própria que estava presente no cotidiano provinciano e na identidade

<sup>3</sup> Cf.: <<https://pt.wikipedia.org/>>

das pessoas daquela época: “Os genuínos *caipiras*, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida colectiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem das coisas” (AMARAL, 1920, p. 12). Essa passagem de Amaral (1920) traz uma breve, mas significativa, conceituação de caipira, que mostra e contribui para o estereótipo do caipira e do erre retroflexo, uma vez que constitui parte da bagagem linguística dos “genuínos *caipiras*, os roceiros ignorantes e atrasados”.

Podemos verificar nas conceituações apresentadas, que caipira é um termo que já vem carregado de uma significação pejorativa desde sua origem, denotando ainda uma carga de preconceito em seu próprio significado. Então, podemos inferir que um possível estigma linguístico referente à realização retroflexa do (R) esteja vinculado também a esse conceito um tanto desagradável de caipira, que nos remete não apenas à linguagem, mas também aos costumes da população considerada caipira.

### 1.1.2 Características do falar caipira

Em sua obra, Amaral (1920) registrou várias características típicas do falar caipira, dentre elas, temos:

- O /s/ pós-vocálico é ciciante e não chiante como o dos portugueses e de brasileiros de outras regiões. É um /s/ “assobiado” e um exemplo de sua pronúncia pode ser notado no *c* da palavra “cedo”.
- O /r/ inter e pós-vocálico é linguopalatal e guturalizado. Aqui o autor se referindo à realização do “*r* caipira”.
- Os fonemas [ʃ] e [ʒ] eram pronunciados como africadas [tʃ] e [dʒ]: *tchave*, *djá*, supressão da vogal da última sílaba e às vezes toda a sílaba em vocábulos como: *rídico* = ridículo, *musga* = música, *cosca* = cócegas;
- Em sílabas pré-tônicas, o *e* inicial alterna-se para *i* nasal em vocábulos como: *inzame* = exame, *íngua* = igual, *inzempro* = exemplo;
- Alçamento das vogais médias *e/o*. De *e* para *i* nos vocábulos: *piqueno*, *minino*, *atrivido* e de *o* para *u* nos vocábulos: *cuzinha*, *dumingo*;



- Redução dos ditongos *ai/ei* em vocábulos como: *baxo, caxa, esquêro, pêxe, poco, locura, rôpa*;
- Alternância de *b/v* em vocábulos como: *bassôra e vassôra, biête e viête, jabuticaba e jabuticava, mangaba e mangava*;
- Nos gerúndios, caía o *d* da sílaba final: *andano* = andando, *veno* = vendo, *caíno, pôno*;
- A consoante lateral em final de sílaba muda-se para *r*: *quarquê, papêr, mér, arma*;
- Alternância de *l* para *r* nos vocábulos como: *Claro/craro, completo/cumpreto, flor/frô(r)*;

A seguir, mostramos as características fonéticas do erre retroflexo, segundo Amaral (1920):

[...] b) *r* inter e post-vocálico (*arara, carta*) possui um valor peculiar: é *linguò-palatal* e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projectar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento êste que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este *r* caípira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico. E' muito provàvelmente, o mesmo *r* brando dos autóctones. Êstes não possuíam o *rr* forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração dêsse último fonema. (AMARAL, 1920, p. 21).

Ressalta-se ainda que, segundo o autor, os indígenas não pronunciavam o erre forte ou vibrante. Com isso, Amaral (1920) postula a realização da variante retroflexa. Embora não tenha utilizado a denominação “erre retroflexo” para determinar o fonema que descrevera, os detalhes fornecidos por ele levam a crer que se trata da referida variante. Estudiosos afirmam que essa descrição de Amaral sugere uma realização retroflexa do (R), como se pode verificar em Silva Neto (1963 *apud* BRANDÃO, 2007, 266-267):

Há que falar, agora, de uma área muito carregada de tipicismo: estende-se por três Estados: sul de São Paulo, sul de Mato Grosso e norte do Paraná, mas devemos reconhecer que está ainda longe de ter sido traçada com rigor. Em todo o caso, o ponto de irradiação parece ter sido São Paulo e o povoamento bandeirante. Essa é a região do País onde se acumulam os sons mais estranhos à língua comum. Trata-se: [...] c) de um *r* # inter e pós-vocálico, lingual e guturalizado, assim descrito por Amadeu Amaral: “Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os

bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante”. Trata-se, pois, de um r retroflexo [...]

### 1.1.3 Contribuição indígena para o léxico brasileiro

Além de mencionar o surgimento do erre retroflexo no Brasil como sendo de origem indígena observamos que Amaral (1920) apresentou um rol de vocábulos indígenas, ou seja, do Tupi, que contribuiu para a formação do léxico brasileiro. Trata-se de um volume significativo de termos que se espalharam em antropônimos, topônimos, zootônimos e fitônimos:

A nossa população primitiva, durante muito tempo, antes da introdução do negro, era, pela maior parte, composta de indígenas e de mestiços de indígenas. Da extensão que teve a língua dos aborígenes no falar dos primitivos dois ou tres séculos da nossa existência, dão testemunho flagrante, além de muitos vocábulos que entraram nos usos sintáticos correntes, os não menos numerosos topônimos, que se encontram nas vizinhanças dos centros de população mais antigos. (AMARAL, 1920, p. 35).

Apresentamos, a seguir, alguns exemplos dessa contribuição para o léxico do PB em relação aos topônimos e zootônimos, respectivamente, sendo: Carapicuíba, Caraguatá, Ebirapuéra, Itacuéra, Jaraguá, Pirituba, Voturantim, inhambu, irara, gaturamo, capivara, curió, curiango, arara, saracura, etc. Note-se que o erre não figura em posição de coda nesses itens.

## 1.2 Estudos sobre a origem do erre retroflexo: um contraponto à sua origem indígena

Estudos realizados por Aquino (2005) apontam também que a presença do erre retroflexo no Português Brasileiro (PB) deve-se ao convívio entre os indígenas e os bandeirantes, no final do século XVII. Esse convívio provocou um bilinguismo luso-tupi conhecido como “língua geral”. Essa língua, que provinha do tronco Tupi, começou a apresentar retroflexidade pós-vocálica:

Os indígenas que habitavam o Brasil à época dos colonizadores não pronunciavam o /r/ forte ou vibrante (o RR e o /r/ de paulistanos,

respectivamente) e a interação entre as duas raças produziu um bilinguismo luso-tupi, conhecido como “língua geral”, amplamente falado em São Paulo até o fim do século XVIII. Tal língua detinha uma base provinda do tronco comum chamado Tupi (ALMEIDA, 2001, p. 24), que começou a apresentar retroflexidade pós-vocálica. Essa influência sobre a língua dos colonizadores foi acentuada pelas línguas africanas dos escravos, que também trouxeram algumas características do dialeto “caipira”. (AQUINO, 2005, p. 112).

De acordo com estudos realizados por Aguilera e Silva (2011), o erre retroflexo não veio na bagagem dos portugueses quando esses ocuparam as terras brasileiras. As autoras admitem a hipótese de que o som retroflexo tenha surgido através do contato linguístico entre os portugueses e os indígenas, pois a Língua Tupi não contava com os fonemas /r/ e /l/ em coda silábica. Em várias palavras referentes a topônimos, zoônimos e fitônimos, nota-se a ausência desses fonemas em coda final de sílaba segundo as autoras.

Admitindo essa concepção, há que se pensar na dificuldade que enfrentaram os indígenas e mestiços para articularem palavras que continham o fonema /l/ou /r/ em coda, como em: mal, sol, falta, calma, mar, farta, etc. Segundo Aguilera e Silva (2011), a tentativa de elevar a lâmina da língua ao palato para produzir a lateral em coda pode ter, perfeitamente, resultado na realização de um erre retroflexo, que provavelmente se estendeu para as realizações do erre em coda. Lembremos que a realização do /l/ era velarizada quando o português aqui chegou.

É interessante observar que o estudo realizado por Head (1987) não só discute a origem do erre retroflexo no PB como também contesta Amaral e vários estudiosos que atribuíram essa origem aos indígenas:

No contexto de sua descrição da articulação de “r caipira” (citada no início do presente estudo), A. Amaral (1920:21) apresenta uma hipótese de origem indígena: “É, muito provavelmente, o mesmo r brando dos autóctones. Estes não possuíam o rr forte ou vibrante...” Serafim da Silva Neto também atribui essa particularidade de pronúncia típica, além de outras, às condições de contato linguístico entre os colonizadores e os índios da região de origem do dialeto caipira. Nisso é seguido por Silvio Elia (1963:260), que afirma: “... esses fenômenos fonéticos particulares do dialeto caipira (r guturalizado,...) se devem ao bilinguismo luso-tupi, a que aludiu o prof. Serafim da Silva Neto”. De modo semelhante, G. Chaves de Melo (1971:56) considera que “os antigos hábitos linguísticos tupis de par com os africanos impressos ao Português determinaram a formação do dialeto caipira”.

Por outro lado, e à influência de línguas africanas que R. Mendonça (1948: 105-130) atribui diversas propriedades do dialeto caipira, inclusive algumas características do “r”.

Ainda haverá outra hipótese de origem relacionada com contatos linguísticos, segundo a qual o “r caipira” se deve à influência americana no Brasil, não à influência contemporânea, mas ao influxo de imigrantes do Sul dos Estados Unidos depois da guerra civil que terminou em meados do século passado. (HEAD, 1987, p. 11).

Para o autor, admitir que a origem do retroflexo no PB se deve ao contato entre línguas torna-se uma explicação precária, uma vez que carece de elementos que possam realmente fundamentá-la, tais como:

- 1) Em primeiro lugar, faltam as comparações fonéticas necessárias para conhecer as relações entre as pronúncias das respectivas línguas. Não basta afirmar em relação à questão da origem do “r caipira”, que os indígenas não usavam vibrantes na sua própria língua: é necessário comparar a natureza do tipo de som da respectiva língua indígena, que supostamente daria origem ao “r” típico do dialeto caipira, com as propriedades do próprio “r caipira”.
- 2) Tais hipóteses não são suficientes para explicar a origem, mesmo que se verifique elevado grau de semelhança entre os respectivos elementos fônicos: ainda faltaria identificar os mecanismos de substituição seletiva. (É lícito perguntar, por exemplo, por que motivo teria ocorrido a substituição fônica nesse caso, mas não em outros.)
- 3) Finalmente, além de não serem suficientemente documentadas e analisadas, as hipóteses de origem devida ao contato de outras línguas são, em muitos casos desnecessárias, uma vez que explicações plausíveis se encontram nos processos de alternância e evolução interna típicos, descritos em estudos referentes a variedades populares da língua. (HEAD, 1987, p. 11-12).

Head (1987) apresenta, ainda, argumentos em relação à origem do erre retroflexo no Brasil com base nas explicações das propriedades de ordem paradigmática e sintagmática que caracterizam os fonemas /r/ e /l/:

[...] No paradigma ou quadro geral dos fonemas, /r/ e /l/ ocupam lugares muito próximos, compondo assim um pequeno conjunto de sub-paradigmas: o das líquidas (isto é, sonantes não nasais), apicais (ou “anteriores”). Em termos sintagmáticos, há propriedades “fonotáticas” em comum: por um lado, /r/ e /l/ são os únicos fonemas que ocorrem como segundo membro de grupo de consoantes em posição inicial de sílaba; por outro, fazem parte de um pequeno conjunto de consoantes que são passíveis de ocorrência em posição final de sílaba interna e em posição final de palavra. (HEAD, 1987, p. 14)

Ao julgar insuficientes as explicações sobre a origem do erre retroflexo no Brasil, o autor lança outra hipótese, assumindo que essa origem esteja vinculada a processos internos à língua relativos à variação e mudança das líquidas do Português:

O processo de variação e mudança comum entre /r/ e /l/ que, em determinados contextos, teria dado origem à pronúncia típica do “r caipira” abrange alternâncias paralelas, bem conhecidas, mas, que eu saiba, não associadas a nenhum trabalho de linguística histórica anterior sobre o português do Brasil. Por um lado trata-se de uma alternância atribuída frequentemente à lateral não palatal: a “velarização”. Essa propriedade de determinadas realizações de /l/ está amplamente documentada em diversas variedades do português [...]. (HEAD, 1987, p. 15).

Assim como Head (1987), os estudos de Cohen (2006) fazem referência à origem do erre retroflexo no PB, convergindo para o fato da possibilidade de ser essa variante derivada de processos internos da língua, envolvendo as consoantes líquidas: /l/ e /r/. Cohen (2006) menciona o caso de retroflexão que envolve um ele (l). Segundo a autora, esse fenômeno implica na neutralização da oposição entre o erre e o ele (r e l) em posição de coda silábica interna, como em: “arto, asfartar, culpa”, e em coda externa, como em: “cafezar, pessoar, sinar, cascaver”.

Referindo-se, ainda, ao processo de neutralização, Cohen (2006) sintetiza que o /r/ e o /l/ pós-vocálicos em posição de coda silábica, tanto interna quanto externa, podem convergir ambos para um erre retroflexo. Nesses casos, podemos falar de neutralização do /l/ em favor do /r/ e, diacronicamente, de um processo (em andamento) de desfonologização do /l/. A autora acrescenta que, embora a bibliografia mencione o fenômeno da vocalização de (R), esse não foi registrado nos seus dados.

O /l/ velar, segundo os dados de Cohen (2006), ocorreu em Minas Gerais tanto em coda interna quanto externa. Sendo assim, a etapa de evolução do /l/ em MG seria assim esquematizada: l > velarização > retroflexão > vocalização > zero. Já em São Paulo, os dados analisados não revelaram a velarização, assim a etapa de evolução do /l/ seria: l > retroflexão > vocalização > zero.

### 1.3 A vitalidade do dialeto caipira

Em relação à vitalidade do dialeto caipira, Castro (2006) realizou um estudo cujo embasamento foi: *O Dialecto Caipira*, de Amaral (1920); o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) (RIBEIRO *et al*, 1977); e o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) (AGUILERA, 1994 *apud* CASTRO, 2006). Nesse estudo, a autora chegou à conclusão de que o dialeto caipira está em vigor, contrariando o prognóstico de Amaral, o qual, em 1920, afirmou que esse dialeto iria desaparecer em pouco tempo.

Cerca de cinquenta anos após a publicação do estudo de Amadeu Amaral, Rodrigues (1974) atesta a vitalidade do dialeto caipira na região de Piracicaba. Dados morfosintáticos e fonético-fonológicos recolhidos por Rodrigues (1974), através de entrevistas e inquéritos fonéticos realizados junto a moradores da zona rural dessa região, demonstram o pleno vigor do dialeto. (CASTRO, 2006, p. 19).

Estudos recentes também atestam o vigor desse dialeto, conforme podemos observar na pesquisa realizada por Mendes e Oushiro (2013 [2011]), *A pronúncia de (-R) em coda silábica no português paulistano*. Em sua análise, os autores encontraram tanto fatores linguísticos quanto fatores sociais como favorecedores da manutenção da variante retroflexa do (R):

Os resultados mostram que a variante retroflexa é relativamente produtiva entre paulistanos, uma vez que ocorre em cerca de um terço (32,9%) dos casos nos contextos em que alterna com o tepe no português paulistano. Linguisticamente, a variante retroflexa é favorecida quando precedida de vogal [-alta], seguida de consoante [coronal], em verbos, em sílabas tônicas e em final de palavra. Socialmente, a pronúncia retroflexa é favorecida por residentes de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias menos enraizadas na cidade. (MENDES e OUSHIRO, 2013 [2011], p. 91-92).

De acordo com os dados desse estudo, há indícios da vitalidade da variante retroflexa do (R), a qual, como já mencionado, é uma característica marcante do dialeto caipira e que, até mesmo, o define muitas vezes.

#### 1.4 Estigma e preconceito linguístico

Vamos retomar o conceito de comunidade de fala postulado por Labov (2008 [1972]):

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo ou contrato quanto ao uso de elementos da língua, mas pela participação em um conjunto de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso.<sup>4</sup> (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

Em se tratando de avaliação, Ramos (1997) objetiva observar o nível de aceitação ou não aceitação do dialeto rural como definição de língua padrão e, ainda, observar a avaliação feita pelos entrevistados em relação aos sotaques existentes nos falares do PB. No referido texto é feito uma análise das atitudes de falantes de cinco estados brasileiros: Minas Gerais, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, frente aos seus diferentes sotaques e, ao mesmo tempo, analisa a questão: qual é o dialeto padrão do Brasil? O método de pesquisa utilizado consistiu-se na aplicação de dois questionários respondidos por 60 informantes. O primeiro questionário constava de 48 perguntas, e o segundo visava avaliar as atitudes dos falantes a partir da audição de amostras gravadas, representativas dos diferentes falares do PB.

O informante ouvia um fragmento de entrevista, de aproximadamente três minutos de gravação sobre diversões (viagens, cinema, etc.), com falante de nível superior e lhe era solicitado identificar (1) a origem geográfica do falante; (2) sua profissão; (3) se aquele modo de falar lhe era agradável ou desagradável; (4) se aquela maneira de falar era correta ou incorreta; e, finalmente, (5) se havia algum falante, dentre aqueles ouvidos na fita, que não apresentava sotaque algum. Um total de 31 informantes mineiros respondeu ao segundo questionário, o que fez um total de 775 dados. (RAMOS, 1997, p. 106-107).

Em primeiro plano, a autora analisou qual seria a preferência da população na eleição de um dialeto padrão para o PB. O que girou em torno do falar rural – que significa o linguajar de pessoas que vivem na roça ou no meio rural – e do falar urbano – que significa o linguajar de pessoas que vivem nas cidades –, com o objetivo de verificar qual dos dois teria uma melhor aceitação, conforme a avaliação dos informantes. Em relação à hipótese de se eleger o dialeto

---

<sup>4</sup> *The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms: these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.* (LABOV, 1972, p. 120-121).

rural como o dialeto padrão brasileiro, notamos que os informantes reagiram negativamente frente a essa possibilidade. Na Tabela 1, Ramos (1997), em sua avaliação dos dados, revela a rejeição dos informantes em relação ao falar rural como dialeto padrão brasileiro.

**Tabela 1** – Avaliação, por estado, do dialeto rural como padrão brasileiro

<b>AVALIAÇÃO, POR ESTADO, DO DIALETO RURAL COMO PADRÃO BRASILEIRO</b>										
	<b>SC</b>		<b>MG</b>		<b>PB</b>		<b>RS</b>		<b>RJ</b>	
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Favorável	4	7	2	3.7	1	1.6	3	5	00	0
Desfavorável	45	80.6	45	84.8	55	88.6	51	84.6	53	78.4
<b>Total</b>	<b>57</b>		<b>53</b>		<b>62</b>		<b>59</b>		<b>62</b>	

Fonte: Ramos (1997, p. 108).

De acordo com os índices apresentados, há consenso de que a rejeição do dialeto rural como padrão/modelo de fala no Brasil é unânime, ficando acima de 78% em todos os estados. A porcentagem máxima de aceitação ocorreu em Santa Catarina, com 7%, e o índice mínimo ficou no Rio de Janeiro, o correspondente a 0%. Com isso, podemos dizer que o dialeto rural é estigmatizado pela população desses estados da federação.

Ramos (1997) estabelece, ainda, uma comparação dos índices de aceitação dos diferentes sotaques, em diferentes estados brasileiros:

O dialeto mineiro e o paraibano são os menos aceitos, respectivamente 6,5% e 7%. Muito próximo está o dialeto carioca (8,5%). Há vinte anos, a aceitação desse último era maior (19,9%, cf. Almeida, 1979:273), o que possivelmente indica perda do estatuto de capital cultural do país por parte da cidade do Rio de Janeiro. Ainda bastante próximo do dialeto carioca está o dialeto catarinense (10,3%). O maior índice é alcançado pelo dialeto gaúcho (16,5%). (RAMOS, 1997, p. 109-110).

A autora pondera, ainda, que há um alto grau de rejeição a todos os falares testados quanto a serem considerados “um modelo a ser seguido por todos os brasileiros”, pois nenhum dos dialetos alcançou um índice superior a 50%. O que mostra, mais uma vez, que o preconceito linguístico está presente nas mais variadas formas.



#### 1.4.1 O estigma referente ao erre retroflexo

Um estudo de Leite (2004), realizado nos municípios de São José do Rio Preto e Campinas, em São Paulo (SP), demonstrou as atitudes linguísticas de alguns estudantes quanto à realização da variante retroflexa ao se mudarem de São José do Rio Preto para Campinas. Devido a esse processo de migração, a autora notou que havia uma variação na pronúncia do erre pelos estudantes de São José do Rio Preto assim que eles ingressavam na Universidade Estadual de Campinas, uma vez que esses estudantes realizavam menos a variante retroflexa nas suas produções de fala e passavam a adotar mais a realização da aproximante alveolar. A partir disso, constatamos a presença do estigma da variante retroflexa, uma vez que os estudantes se empenhavam em substituí-la.

Esse prestígio ao dialeto do campineiro, marcadamente quanto à pronúncia do /r/, faz com que os graduandos almejem atingir a referida pronúncia, fugindo assim do estigma que recobre a aproximante retroflexa, variante típica da cidade de São José do Rio Preto. Nessa tentativa, elege as variantes aproximante alveolar e vogal colorida<sup>5,6</sup>, presentes no dialeto campineiro, como formas prestigiosas e, então, menos marcadas socialmente. A atitude manifestada pelos informantes em atingir um padrão intermediário com relação à pronúncia está, portanto, estritamente relacionada à cidade de Campinas. (LEITE, 2004, p. 105).

O processo de variação e mudança linguística se move por meio de forças sociais que impulsionam a criação de novas formas linguísticas, com vistas a preencher as exigências de um sistema social evolutivo e inovador, sendo a variabilidade da língua, dentre outros fatores, um resultado dessas “exigências”. Toda língua possui/possuirá variações, uma vez que não há como desvincular a relação língua e sociedade, como mostra Labov (2008 [1972], p. 21):

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

<sup>5</sup> Em relação à vogal colorida, Ladefoged e Maddieson (1996, p. 217) informam, em seus estudos, que ela também é uma das formas de manifestação do rótico, sendo que “encontramos róticos que são fricativos, vibrantes, taps, aproximantes e até vogais 'r-coloridas', bem como articulações que combinam características de várias dessas categorias”. Texto original em Inglês: *We find rhotics that are fricatives, trills, taps, approximants, and even 'r-colored' vowels, as well as articulations that combine features of several of these categories.*

<sup>6</sup> Vogal colorida seria uma vogal com “tons” de /r/, porém, nos estudos linguísticos, ela é apresentada com a denominação “vogal colorida”.

Scherre (2008) destaca o preconceito atribuído a variações concernentes à língua falada no Português Brasileiro. Nesse contexto, ela aborda a forma preconceituosa com que variantes do tipo ausência de concordância nominal e concordância verbal de número e a realização do erre, em sua forma retroflexa, são avaliadas pelas pessoas.

Uma das características das variedades menos prestigiadas na escala social é, por exemplo, a ausência de concordância nominal e verbal de número, usada de forma variável em todo o território brasileiro (*três risco verde / as porta aberta/ os menino fala muito/ as coisa tá cara demais/ caiu os livro/ nós foi lá/ a gente fomos rapidinho/ o povo foram embora*). Na escala espacial, um dos casos mais evidentes é a presença do “r” retroflexo (pronunciado com um movimento da língua para trás – semelhante ao “r” do inglês americano) chamado no Brasil de “r” caipira. O “r” retroflexo é falado numa ampla área geográfica do Brasil Central, que envolve cinco estados brasileiros: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Paraná. O uso mais frequente de construções sem concordância leva a observações do tipo: fulano é burro, fulano não sabe falar português, fulano é preguiçoso, fulano empobrece a língua portuguesa, fulano fala errado e acaba com a língua portuguesa, entre outras bem mais desrespeitosas. O uso do “r” retroflexo não provoca este tipo de reação no ouvinte, mas, às vezes, conduz a piadas, risos, cochichos, olhares enviesados, e até as observações explícitas e constrangedoras, quando o falante usa o “r” retroflexo fora de seu espaço geográfico (Tomara que eu esteja exagerando!). Trata-se, sem dúvida, de uma atitude preconceituosa dos ouvintes. Os brasilienses (os filhos dos candangos – dos adultos que foram para Brasília), por exemplo, discriminam os falantes goianos pelo uso do “r” retroflexo. Percebo isto no meu dia-a-dia em Brasília, onde estou há 16 anos. A própria denominação de “r” caipira para o “r” retroflexo já é uma demonstração de preconceito, no meu jeito de ver as coisas, claro. Estou citando esses dois fenômenos linguísticos porque eles suscitam reações absurdamente preconceituosas, mas são diferentes. (SCHERRE, 2008, p. 13).

Scherre (2009 *apud* RENNICKE, 2010, p. 11-12), em seu artigo *O preconceito linguístico deveria ser Crime*, faz a seguinte ponderação sobre o estigma linguístico que acompanha certas formas de fala no PB:

Então, há críticas negativas em relação, por exemplo, à falta de concordância verbal ou nominal (As coisa tá muito cara): ao “r” no lugar do “l” (Framengo); à presença do gerúndio no lugar do infinitivo (Eu vô tá verificano); ao “r” chamado de caipira, característico da fala de amplas áreas mineiras, paulistas, goianas, mato-grossenses e paranaenses – em franca expansão, embora sua extinção tenha sido prevista por linguistas. Depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo. O preconceito linguístico – o mais sutil de todos eles – atinge um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social. Não quero dizer com isso que não

temos o direito de gostar mais, ou menos, do falar de uma região ou de outra, do falar de um grupo social ou de outro. O que afirmo e até enfatizo é que ninguém tem o direito de humilhar o outro pela forma de falar. Ninguém tem o direito de exercer assédio linguístico. Ninguém tem o direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar.

Também Cohen (2007) realizou estudos enfatizando o estigma face à variante retroflexa do (R), mostrando que sua realização pode gerar uma atitude negativa por parte de certos falantes:

Acrescente-se que a retroflexão do “erre” é uma realização fônica que gera uma atitude negativa por parte dos falantes de regiões onde este não se realiza e mesmo nas em que este se realiza, sendo forma socialmente estigmatizada, que suscita o riso e tem sido denominada de “caipira”, no sentido de interiorana, provinciana e fora de moda. (COHEN, 2007, p. 408).

A autora verifica, no entanto, que, embora típico de áreas rurais do Sul de Minas, o erre retroflexo não se restringe à fala do protótipo do informante da dialetologia tradicional: Homem, Adulto, Rurícola, Analfabeto e Sedentário (HARAS). Esse som está presente também na fala de informantes letrados, com alto grau de escolarização no Sul do Estado de Minas Gerais.

Rennicke (2010) também analisou as atitudes linguísticas perante a realização retroflexa do (R) dos estudantes provenientes da região sul de Minas Gerais ao migrarem para a região central de Minas com o fim de residirem e estudarem em Belo Horizonte/MG. A partir dessa análise, Rennicke (2010) constatou o estigma referente à realização do erre retroflexo tanto pelos informantes belo-horizontinos, que não realizam o retroflexo, como pelos informantes dos locais típicos de ocorrência dessa variante em Minas Gerais. Esse comportamento evidenciou que, quando os falantes não estão no seu local de origem, distantes da sua comunidade de fala, mostram, também, estigma em relação ao seu modo de falar e da sua comunidade de origem.

Para Rennicke (2010), o estigma linguístico é um fato inevitável em um país do porte do Brasil. Entretanto, a conscientização de que todas as formas de preconceito têm de ser repudiadas é algo que vem adquirindo grandes proporções entre os estudiosos no Brasil.

Rennicke (2010), corroborando as afirmações de Scherre (2008) e Cohen (2007), atesta que o fato de o erre retroflexo ser conhecido, também, como “*r caipira*” traz à tona o preconceito, uma vez que o termo *caipira* é especialmente estigmatizado para os informantes.

O fato de o /r/ retroflexo receber comumente o nome *r caipira* ilustra como esta pronúncia realmente é estigmatizada. Os informantes não parecem concordar na hora de definir a origem geográfica do *caipira*, mas como as características mais mencionadas para o *caipira* são a lavoura da terra e o costume de falar ‘um português da roça’ (que parece incluir o /r/ retroflexo), a região mais mencionada é o Sul de Minas Gerais, já que combina estas duas características. (RENNICKE, 2010, p. 100).

Segundo Ferraz (2005):

[...] o falante tenta escapar da produção do retroflexo, todavia essa preocupação, que foi chamada de acobertamento por Leite (2004), parece não ser suficiente para eliminar a característica da retroflexão, principalmente na leitura das palavras paroxítonas. (FERRAZ, 2005, p. 53).

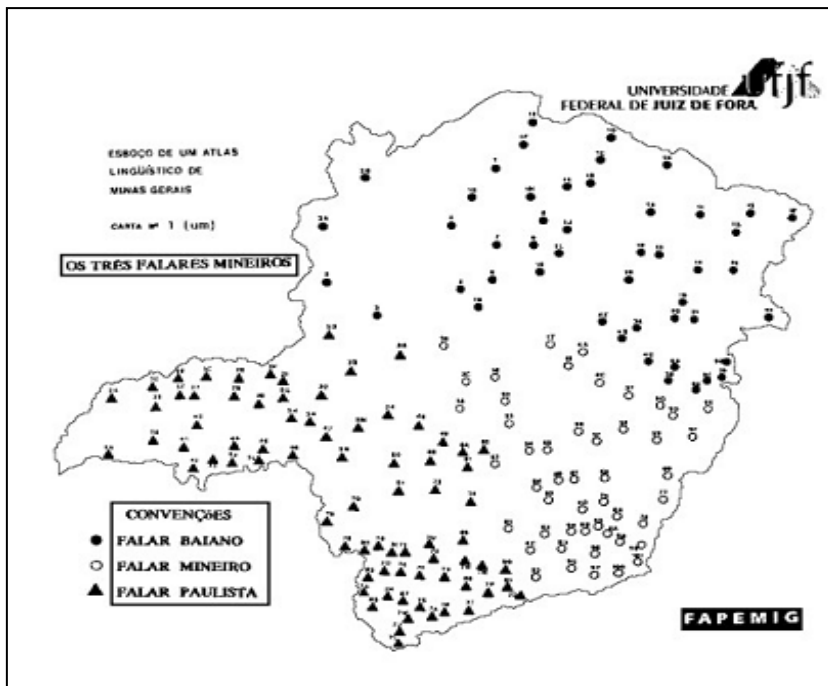
O autor acrescenta ainda: “Isso traz reflexões interessantes e vem ao encontro do que afirmou Leite (op.cit.) sobre as atitudes linguísticas de falantes que os levam a tentativas de acobertar a naturalidade da fala, motivados por estigmas sociais” (FERRAZ, 2005, p. 53).

## 1.5 As cartas dialetais e a ocorrência do erre retroflexo em Minas Gerais

Ribeiro *et al.* (1977) traz setenta e três cartas dialetais. Para esta pesquisa, foram selecionadas apenas três delas.

Zágari (1998) traz a divisão dos falares mineiros. Apresenta a divisão do território mineiro em três falares que se denominam: falar baiano, falar mineiro e falar sulista. Ressaltamos que, no falar sulista, está presente a variante erre retroflexo.

A Carta 1, Figura 1, a seguir, mostra a divisão dos três falares mineiros.



**Figura 1** – Divisão dos três falares mineiros

Fonte: Zágari (1998, p. 46).

Zágari (1998) fornece a descrição das características fonéticas de cada um desses três falares, envolvendo também os locais de sua ocorrência em Minas Gerais, como pode ser visto na Carta 1-falar baiano:

(...) um falar baiano que, partindo do norte, vai até a linha, no sentido leste-oeste, abrangendo as localidades de Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Raydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro, terminando em Paracatu. Caracteriza-se esse falar pela predominância das vogais pretônicas baixas, como [Or´valu], [sE´renu], a presença da africada [ts] antecedendo a vogal alta [i], como em [´mutsu], [´otsu], além do [t] e [d] como coronais, [i´dadi], [´deti] e a nasalidade ocorrente fora da sílaba tônica: [bã´nãna] ou [kãmiñãw]. (ZÁGARI, 1998, p. 34).

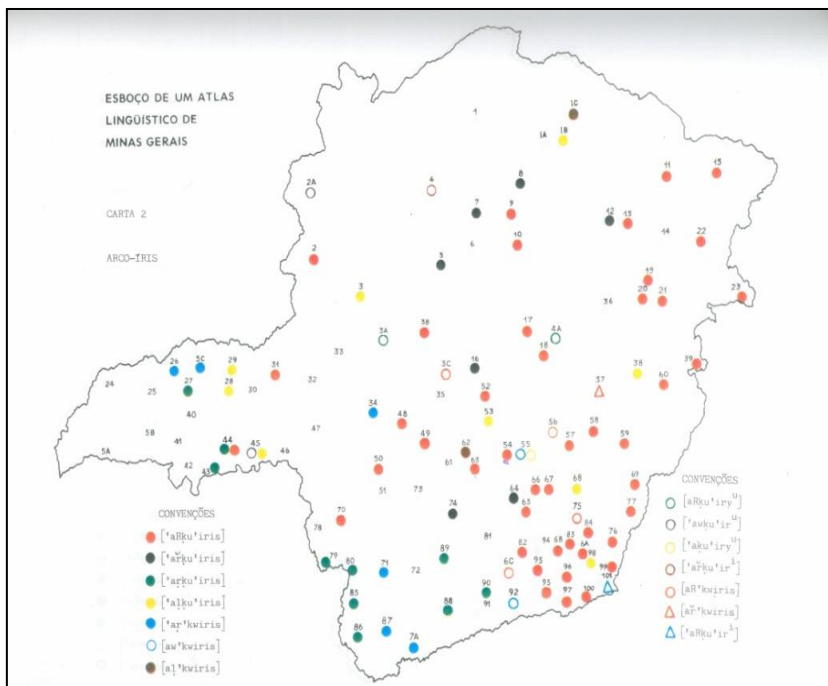
Em seguida, o autor faz menção a um falar que se assemelha muito ao paulista por trazer em suas produções linguísticas a variante retroflexa do (R). Trata-se do falar sulista, conforme a Carta 1.

Distingue esse falar, e é sua marca inconfundível nas Gerais o [r] retroflexo (...). Marcado por filmes, programas de rádio e televisão, como um “R” caipira, pessoas há, de nível superior, nessas localidades, que afirmam e reafirmam não falarem assim. E, de fato, por vezes, tal ocorre, num diálogo

tenso ou formal. Perdida a formalidade, o retroflexo retorna. (ZÁGARI, 1998, p. 34).

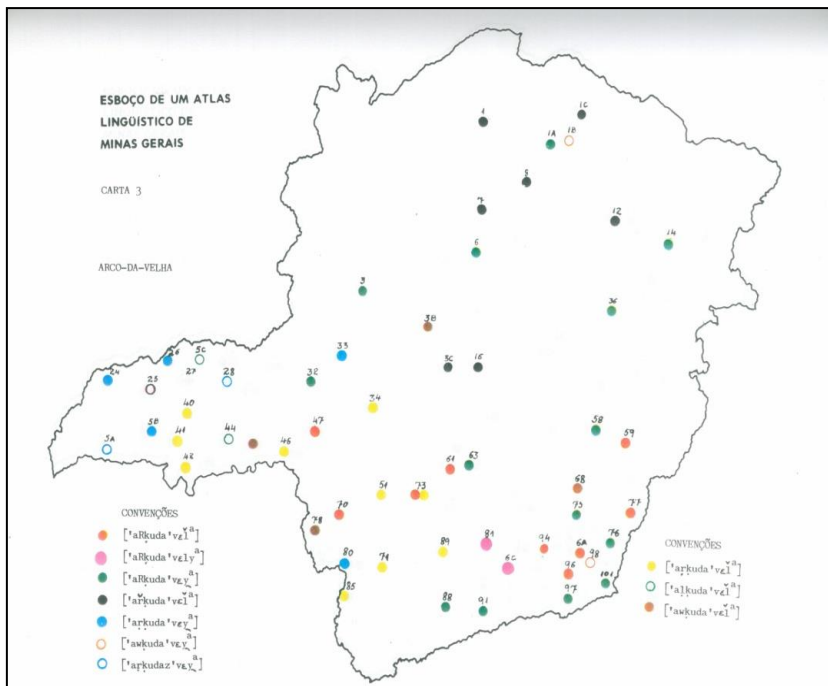
Em relação ao falar mineiro, conforme a Carta 1, o autor pondera: “(...) preso entre essas duas áreas que, não possuindo nenhuma das características acima enumeradas, desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros, quando finais e antecedidos (*sic*) de sibilantes” (ZÁGARI, 1998, p. 34 -35).

A seguir, apresentamos duas cartas dialetais de Ribeiro *et al.* (1977): a Carta 2: “Arco-Íris”, e a Carta 3: “Arco-da-Velha”, as quais foram fonte dos dados consolidados por Castro (2006) em sua Carta I: “*Retroflexo em final de sílaba – arco*”, representando 28 localidades mineiras onde há realização do erre retroflexo em final de sílaba.



**Figura 2** – Carta 2: “Arco-Íris”

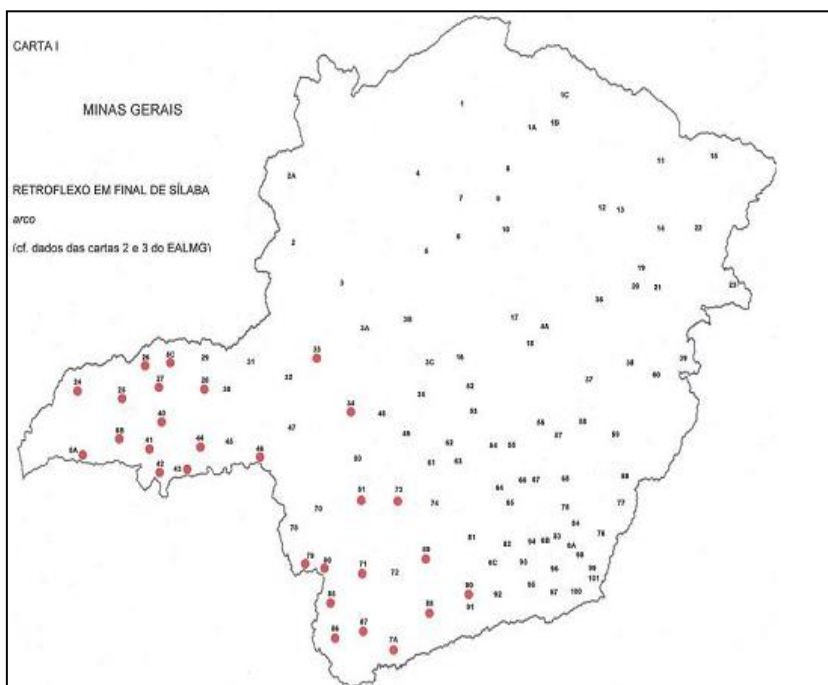
Fonte: Ribeiro *et al.* (1977).



**Figura 3** – Carta 3: “Arco-da-Velha”

Fonte: Ribeiro *et al.* (1977).

Carta I: “-Retroflexo em final de sílaba – arco”, figura 4.



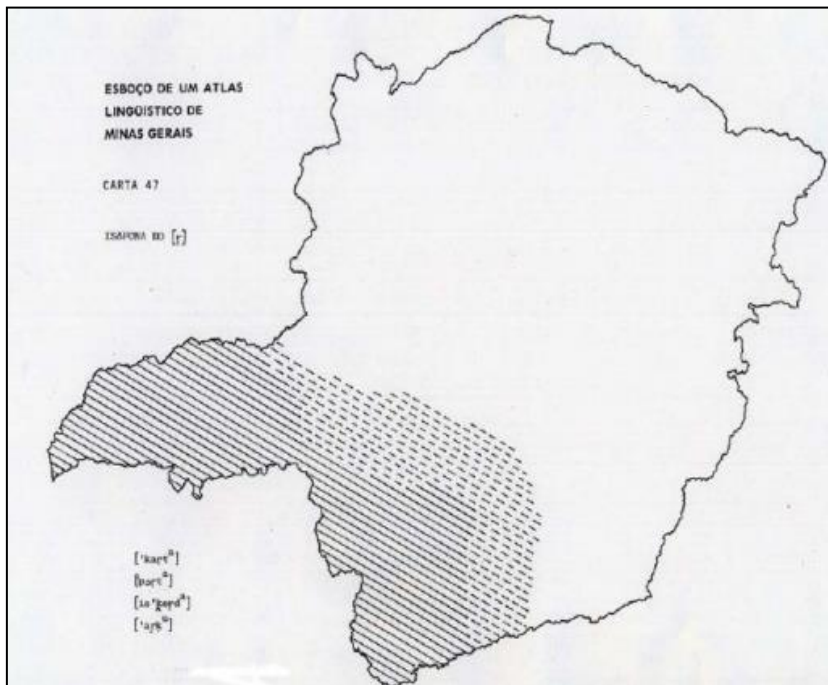
**Figura 4** – Ocorrência do erre retroflexo em final de sílaba, em Minas Gerais – palavra “arco”.

Fonte: Castro (2006, p. 103).

Castro (2006), como vimos, traz o mapa do retroflexo em final de sílaba, cujos dados foram retirados das Cartas 2 e 3 de Ribeiro *et al.* (1977), e cita 28 localidades que contêm a realização retroflexa do (R) em final de sílaba. As localidades são: 24. Santa Vitória, 25. Ituiutaba, 26. Centralina, 27. Monte Alegre, 28. Uberlândia, 33. Patos de Minas, 34. São Gotardo, 40. Prata, 41. Comendador Gomes, 42. Frutal, 43. Planura, 44. Veríssimo, 46. Sacramento, 51. Piuí, 71. Alfenas, 73. Formiga, 79. Guaxupé, 80. Muzambinho, 85. Poços de Caldas, 86. Ouro Fino, 87. Pouso Alegre, 88. Caxambu, 89. Lavras, 90. Andrelândia, 5A. Iturama, 5B. Campina Verde, 5C. Tupaciguara, 7A. Itajubá (RIBEIRO *et al.*, 1977, p. 39-40).

Os pontos vermelhos na Figura 4 mostram a distribuição do erre retroflexo em Minas Gerais. Esses pontos configuram uma área que vai do Sul do Estado de Minas Gerais ao extremo oeste, na região do Triângulo Mineiro, contígua ao norte do Estado de São Paulo.

A Carta 47 (RIBEIRO *et al.*, 1977), figura 5, mostra a ocorrência do erre retroflexo em locais onde há variação e co-ocorrência dessa variante com outras variantes; e em locais onde há somente a realização retroflexa.

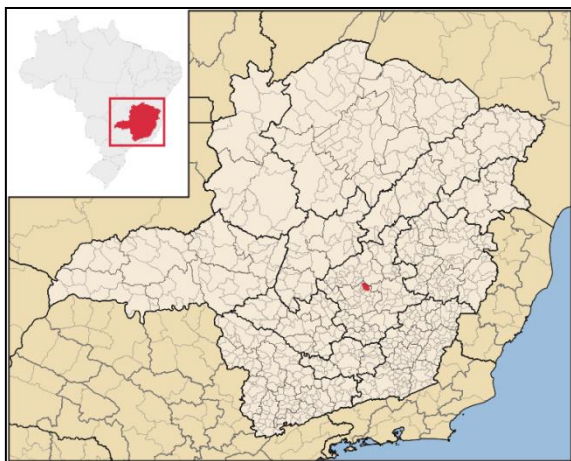


**Figura 5** – Mapa do erre retroflexo em Minas Gerais

Fonte: Ribeiro *et al.* (1977).



Como se pode observar, o município de Lagoa Santa, comunidade objeto desta pesquisa, microrregião central de Minas Gerais e região metropolitana de Belo Horizonte, falar mineiro, não se insere na área descrita para a realização do erre retroflexo nas referidas cartas.



**Figura 6** – Mapa da localização do município de Lagoa Santa em Minas Gerais

Fonte: ABREU (2006). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Minas\\_Gerais\\_Municip\\_LagoaSanta.svg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Minas_Gerais_Municip_LagoaSanta.svg)>.



**Figura 7** – Mapa da localização do município de Lagoa Santa, Minas Gerais

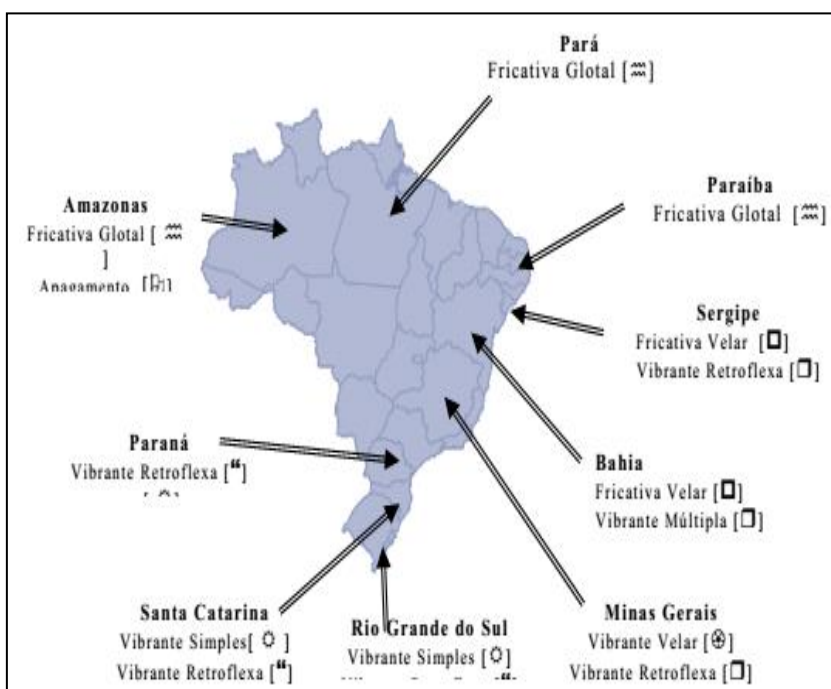
Fonte: Instituto de Geociências Aplicadas (IGA) – Belo Horizonte (1999).

O estudo de Ribeiro (2011) concentra-se na observação das realizações da variável (R) nos atlas linguísticos brasileiros, objetivando catalogar qual(is) variante(s) de (R) predomina(m) em uma dada região. Para isso, a autora analisou nove atlas regionais, mediante os quais fez o registro do número de ocorrências de uma determinada variante para confirmar se aquela com o maior número de ocorrências seria a variante regional. A autora acrescenta que a finalidade de seu estudo é “traçar um paralelo da realização dessa variável no português do Brasil”.

Os atlas analisados por Ribeiro (2011) foram: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963; *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), de 1977; *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), publicado em 1984; *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), de 1987; *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), de 1994; *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), publicado em 2002; *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA), de 2004; *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II), em 2005; e o *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM), publicado em 2006. Em cada região, conforme a análise dos atlas, foi constatada a ocorrência de mais de uma variante do (R).

Para Ribeiro (2011, p. 18), o mais interessante foi a constatação da “diversidade fonética do (R) em contexto pós-vocálico medial”.

O mapa a seguir (Figura 8) mostra as ocorrências das variantes de (R) em coda medial em nove estados brasileiros.



**Figura 8** – Locais de ocorrência da variante predominante do (R) em coda medial

Fonte: Ribeiro (2011, p. 17).

Podemos observar que a variante erre retroflexo está presente em quatro dos nove estados pesquisados (Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Sergipe). É interessante notar a retroflexidade em Sergipe (região Nordeste), apontada por Ribeiro (2011), pois a maioria dos trabalhos (não todos) a respeito da retroflexidade versam sobre dados das regiões Sul, Sudeste ou Oeste do Brasil.

Esses foram apenas alguns dos estudos feitos no Brasil que tratam do fenômeno da retroflexidade. Existem outros tantos, não menos importantes, que aqui não foram trazidos por uma questão de limitação de tempo.

## CAPÍTULO 2

### 2 A COMUNIDADE PESQUISADA

A comunidade objeto desta pesquisa é o bairro Várzea, situado no município de Lagoa Santa, em Minas Gerais, Brasil. A escolha dessa comunidade de fala deveu-se à ocorrência, no local, da realização retroflexa do (R) em coda silábica medial. Desse modo, será apresentado um breve histórico do município de Lagoa Santa e do surgimento e formação do bairro Várzea para uma melhor compreensão da comunidade de fala selecionada para a realização desta dissertação.

#### 2.1 Um pouco de história – Lagoa Santa

Situado na bacia média do Rio das Velhas, o município de Lagoa Santa<sup>7</sup> pertence à região metropolitana de Belo Horizonte e está localizado a 35 quilômetros da capital mineira. Sua fundação data de 1938, ano em que Lagoa Santa passou a ser considerada como um município. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população atualmente é formada por cerca de 52.526 habitantes e sua extensão territorial é de 231,994 Km<sup>2</sup>. É uma região de rochas calcárias com idade aproximada de 600 milhões de anos, e o tipo de vegetação predominante é o cerrado.

Segundo Correa (2010)<sup>8</sup>, a história de Lagoa Santa tem suas raízes nas Bandeiras Paulistas que percorreram o interior do Brasil. Quando chegaram os primeiros bandeirantes, a região de Lagoa Santa era completamente desconhecida dos colonizadores portugueses, sendo habitada por populações indígenas.

A Bandeira de Fernão Dias Paes Leme chegou a Minas Gerais em 1694, em busca da terra das esmeraldas e do famoso Sabarabussu, região que, segundo lendas indígenas, era repleta de

---

<sup>7</sup> Ver localização de Lagoa Santa, em Minas Gerais, nas Figuras 6 e 7.

<sup>8</sup> Marilda Maria Correa é cronista e historiadora.

metais preciosos. O bandeirante Fernão Dias permaneceu por algum tempo na Quinta do Sumidouro, local situado entre os atuais municípios de Lagoa Santa e Pedro Leopoldo, a 3 km do Rio das Velhas. O bandeirante chegou à região das Minas, mas as riquezas só seriam descobertas alguns anos após sua morte, em 1681, no Sumidouro. Homens que faziam parte da Bandeira de Fernão Dias continuaram a exploração da região, inclusive seu filho, Garcia Rodrigues Paes, e seu genro, Manuel de Borba Gato.

O bandeirante Felipe Rodrigues chegou à região de Lagoa Santa pelo veio do Rio das Velhas, atraído pelas riquezas e lucros advindos do comércio com os centros mineradores e com a exploração aurífera. O trajeto era feito pelo mato, e, na tarefa de abrir trilhas, embrenhando-se mato adentro, o bandeirante acabou por machucar-se, contraindo inflamações nas pernas, que se transformaram em feridas. Não havendo remédios suficientes para aliviar a dor e a inflamação, seu estado se apresentava grave. Certa noite, segundo Correa (2010), não suportando mais o cansaço, adormeceu sob um pequizeiro, árvore leguminosa típica e que compunha a extensa vegetação de cerrado que cobria quase toda a região de Lagoa Santa. Ao acordar, sem saber onde estava, deparou-se com magníficas águas que formavam uma maravilhosa lagoa. Desceu à margem e banhou-se naquelas águas. Para seu espanto, notou que, em pouco tempo, as feridas cicatrizaram-se, fato a que ele atribuiu como sendo uma cura milagrosa daquelas águas e agradeceu aos céus.

Após esse episódio, Felipe Rodrigues voltou ao caminho que havia trilhado e comentou com os amigos e companheiros que havia encontrado águas milagrosas, cujo poder de cura era superior aos unguentos utilizados pelos desbravadores para curar males provenientes de machucados no sertão. Assim, famílias foram chegando e estabelecendo-se perto daquelas águas, surgindo o lugarejo de Lagoa Grande. E, em meio a belezas exóticas e sob o impacto da fé, nasceu Lagoa Santa. Isso ocorreu por volta de 1733. Estava formada, então, a freguesia de Nossa Senhora da Saúde, cada vez mais procurada por suas águas milagrosas.

Muitas famílias estavam se formando rapidamente na região, e as pessoas, muito devotas, solicitaram um pároco à Diocese de Mariana. Para Lagoa Santa, foi enviado o padre João Batista Correa de Almeida. E a primeira missa foi celebrada em campo aberto, próxima às águas milagrosas. O povo seguiu em procissão até à igreja do largo da saúde e lá foram celebradas ações, como: casamentos, batizados, extrema-unções e catequeses. Em 15 de agosto de 2013, comemorou-se o 190º Jubileu de Nossa Senhora da Saúde em Lagoa Santa.

## 2.2 O bairro Várzea<sup>9</sup>

O bairro Várzea encontra-se localizado na orla da lagoa central de Lagoa Santa, em Minas Gerais. Sua população é de aproximadamente 3.000 habitantes. A origem do bairro data de 1739, quando Lagoa Santa era ainda um arraial e recebia gradativamente novos moradores, os quais cercavam, à revelia, uma área de terra com o fim de estabelecer moradia. Como, naquela época, ainda não havia proprietários particulares de terras na região, à medida que as pessoas chegavam, cercavam, para si, terras sem nenhum empecilho. O comércio baseava-se na barganha, pois moeda corrente era um recurso escasso.



**Figura 9** – Foto aérea da lagoa central de Lagoa Santa, Minas Gerais

Fonte: *Site*: Turismo Mineiro.com. Minas Gerais: a beleza tira o fôlego e a hospitalidade devolve. *Lagoa Santa*. Disponível em: <<http://visiteminasgerais.com.br/mg/lagoa-santa/>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

A lagoa central<sup>10</sup> de Lagoa Santa era o ponto de referência do arraial. Os locais habitados davam acesso à lagoa através de becos (pois não havia ruas ainda) e referiam-se ao local como vargem, logo após, Várzea. Esse nome deve-se ao início das primeiras plantações de

---

<sup>9</sup> Ver localização do bairro Várzea no Anexo A.

<sup>10</sup> A lagoa central é a lagoa principal da cidade, que originou o nome de Lagoa Santa.

arroz, consideradas como de “fundo de quintal”, quando o povoado se estendeu à procura de um lugar próprio para o plantio de arroz. Situado bem próximo à lagoa central, a Várzea era uma região alagada, repleta de uma vegetação chamada taboa, um verdadeiro brejo, favorável ao plantio de arroz.

### **2.3 O bairro Várzea nos dias atuais**

A rua principal do bairro Várzea é a Conde Dolabela, a partir da qual se tem acesso a tantas outras no bairro, dentre as mais importantes, destacam-se: Rua Lindolfo da Costa Viana, que abriga a Sede da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Lagoa Santa (APAE); Rua Melo Viana, conhecida por grande parte da população de Lagoa Santa, ali se encontra a Paróquia de São Sebastião, local de encontro da comunidade da Várzea para o exercício de sua religiosidade; Rua Alfredo de Abreu, onde se encontra o Asilo da Sociedade São Vicente de Paulo, sociedade beneficente que abriga idosos carentes; Rua Ouro Preto, de fácil acesso, é uma das mais populosas do bairro e possui vários estabelecimentos comerciais; Rua Helena Antipoff, onde residem antigos moradores do bairro.

Hoje, no bairro Várzea, há várias escolas públicas e particulares, destinadas aos três níveis de ensino: Infantil, Fundamental e Médio. A escola pública mais antiga do Várzea é a Escola Estadual Cecília Dolabela Portela Azeredo, que teve sua fundação no ano de 1962. É uma escola que contempla o Ensino Fundamental completo nos turnos da manhã e da tarde e à noite funciona a EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Há também um Posto de Saúde para atendimento da população do Várzea, e recentemente foi inaugurada, no bairro, uma UPA para atendimento da população de Lagoa Santa.

O comércio também se desenvolveu bastante no bairro, com supermercados, depósito de material de construção, papelaria, farmácia, bares e restaurantes. Entretanto, no Várzea, embora seja um bairro antigo e populoso, não há agências bancárias, posto de gasolina, nem casa lotérica.

Assim, observando a formação do bairro Várzea, podemos ver que ele foi o primeiro núcleo populacional de Lagoa Santa. Hoje é um bairro populoso, cujos moradores são trabalhadores que exercem atividades diversas.

## CAPÍTULO 3

### 3 O MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para a execução desta pesquisa, adotamos como modelo teórico-metodológico, a Teoria da Variação e Mudança Linguística desenvolvida por Labov (1972), também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, por operar com números e dar tratamento estatístico aos dados coletados.

#### 3.1 A teoria da Variação e Mudança Linguística

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, conhecida também como Sociolinguística, consolidou-se a partir dos anos 60 (sessenta), através da realização de um congresso na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, nos Estados Unidos, no qual houve a participação de Labov, Dell Hymes e John Gumpers.

Labov (2008 [1972]) ao conceber a língua como um fato social, pondera que o estudo da variação linguística tem como objeto a língua falada, a qual deve ser observada diretamente em uma comunidade real de fala. Sendo esse o objeto de estudo da sociolinguística, constitui-se no ponto de partida do estudo do processo de variação e mudança de uma língua. Entretanto, Labov (1972) esclarece que a comunidade real de fala não se representa por indivíduos que falam de forma exatamente igual, mas sim por aqueles que compartilham as mesmas regras, as quais sofrem avaliações, diferenciando-os de outros grupos.

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo ou contrato quanto ao uso de elementos da língua, mas pela participação em um conjunto de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso<sup>11</sup>. (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

---

<sup>11</sup> *The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms: these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.* (LABOV, 1972, p. 120-121).



Podemos afirmar que os dados empíricos coletados, retirados diretamente de uma comunidade de fala, constituem a base da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Além disso, Labov (1972) propôs também que a influência de uma variável não linguística, como o grupo fator social, poderia funcionar como favorecedora do processo de variação da língua. Para comprovar essa teoria, Labov (1972) realizou um estudo em New York, nas lojas de departamentos do *Lower West Side*, propondo que cada andar dessas lojas correspondesse a um determinado nível social: alto, médio, baixo. Assim sendo, o autor observou a realização sonora do (R), mostrando que ora o erre era pronunciado com um som retroflexo bem marcado, ora ele não era pronunciado, sendo apagado. Esse fenômeno variável possuía relação direta com o nível social dos clientes de cada andar das lojas.

### **3.2 Variação e mudança em progresso: uma análise baseada no tempo aparente**

Como apresentado anteriormente, a análise variacionista objetiva a identificação de formas linguísticas variantes em uma comunidade de fala, além de promover a verificação das causas que possivelmente estejam favorecendo as variações em uma determinada língua, as quais podem levar à mudança.

Nas palavras de Naro (2007), leva algum tempo até que uma variação linguística venha promover uma mudança na língua:

Esta mudança a longo prazo, através dos séculos, não se processa de maneira instantânea ou abrupta, como se numa determinada manhã a população inteira acordasse falando de maneira diferente da do dia anterior. De fato, as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões. (NARO, 2007, p. 43).

A respeito de estudos do Português, Mollica (2007), corroborando a proposição de Naro (2007) quanto ao processo gradual de mudança na língua, diz que as variantes podem permanecer estáveis nos sistemas, ou seja, as mesmas formas continuam se alternando, o que pode ocorrer por um período curto de tempo, ou até por séculos; ou ainda podem configurar a

mudança, quando uma das formas desaparece. Nesse caso, há a substituição de uma das formas por outra, que se configura no fenômeno de mudança linguística.

No dizer de Tarallo (1985), podem ocorrer duas situações distintas: estabilidade da língua, caso as variantes continuem coexistindo, isto é, alternando-se em um mesmo contexto; e a mudança em progresso, caso ocorra a morte de uma das variantes de maneira que a outra se sobressaia.

Em relação a essa segunda situação, Labov (1972) parte do pressuposto de que é possível captar mudanças em progresso através da análise distribucional-quantitativa das variantes em diferentes faixas etárias. Isso constitui o que se convencionou chamar análise em tempo aparente.

Labov (1972) retratou a análise da mudança em tempo aparente através de um estudo sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, realizado nas ilhas de Martha's Vineyard. O autor constatou que os falantes mais idosos, na faixa de 80 (oitenta) anos de idade, não realizavam a centralização do ditongo, já aqueles que estavam em uma faixa de idade intermediária realizavam, com mais frequência, a centralização, fenômeno inovador ocorrido na fala dos habitantes da Ilha de Martha's Vineyard.

Assim, a análise em tempo aparente é de muita valia para a pesquisa aqui apresentada, pois nos interessa saber: a variação está em progresso ou não? A primeira hipótese lançada foi a de que o uso do erre retroflexo representaria um conservadorismo no bairro Várzea, uma vez que esse foi o primeiro bairro do município de Lagoa Santa. Então, pretendemos comprovar aqui se os informantes mais idosos estariam produzindo mais a variante retroflexa do (R) em relação aos mais jovens e, em última análise, confirmar se a variável faixa etária é um fator favorecedor dessa variação e se o erre retroflexo está em vias de desaparecimento nessa comunidade ou não.

### **3.3 Procedimentos utilizados para a seleção dos informantes e a coleta, codificação e análise dos dados**

Esta é uma pesquisa de campo, de forma que os dados foram coletados diretamente na casa dos informantes, através das modalidades: leitura de texto e leitura de lista de palavras. Esse texto e a lista de palavras foram gravados em equipamento eletrônico digital. Os dados apurados foram organizados em um banco de dados para a verificação e análise das ocorrências das variantes do (R) no contexto de final de sílaba medial.

#### 3.3.1 Técnica de amostragem

Para esta pesquisa, foi utilizada a técnica de amostragem aleatória estratificada. Tarallo (1985, p. 27) afirma que: “[...] a amostragem aleatória lhe dará a certeza de que você ao menos tenha dado a chance a todos os membros da comunidade de serem entrevistados”. Segundo Oliveira e Silva (2007), a referida amostra constitui-se através da divisão da população em “células” (“casas”, “estratos”), compostas, cada uma, por indivíduos que possuem as mesmas características sociais. Posteriormente, as “casas” são preenchidas por meio de seleção aleatória.

#### 3.3.2 Os informantes sujeitos da pesquisa

Inicialmente, salientamos que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP/UFMG).

Para a composição do quadro dos sujeitos desta pesquisa, foram selecionados 8 informantes, sendo 4 do gênero masculino, 2 jovens e 2 adultos, e 4 do gênero feminino, 2 jovens e 2 adultas, obedecendo aos seguintes critérios: gênero; ser nascido(a) e criado(a) no bairro Várzea; ter escolaridade, no máximo, até a 8ª série do Ensino Fundamental; e ter autorizado expressamente e por escrito a gravação da leitura dos textos e da lista de palavras, conforme

as normas do COEP (TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) (Anexo B). Quanto ao critério faixa etária, a seleção foi a seguinte: 4 homens, 2 com idade entre 18 a 30 anos e 2, entre 50 a 90 anos; e 4 mulheres nas mesmas faixas etárias (Quadro 1). Assim, temos que a escolaridade e a origem foram controladas.

<b>GÊNERO E FAIXA ETÁRIA DOS INFORMANTES</b>		
<b>Informantes</b>	<b>Gênero</b>	<b>Faixa etária</b>
2	Masculino	18 a 30 anos
2	Masculino	50 a 90 anos
2	Feminino	18 a 30 anos
2	Feminino	50 a 90 anos

**Quadro 1** – Gênero e faixa etária dos informantes

<b>CÓDIGO DOS INFORMANTES</b>		
<b>Informantes</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>
MRFJ	Feminino F	27 anos J
PPFJ	Feminino F	25 anos J
IBMJ	Masculino M	22 anos J
RSMJ	Masculino M	24 anos J
MSFA	Feminino F	57 anos A
TPFA	Feminino F	70 anos A
OIMA	Masculino M	65 anos A
BOMA	Masculino M	85 anos A

**Quadro 2** – Código dos informantes, gênero e idade

### 3.3.3 Coleta de dados

Com o fim de obter palavras com vários contextos que apresentassem a variável (R) em coda silábica medial e que essas palavras fossem realizadas por todos os informantes, elaboramos quatro textos contendo as palavras alvo em meio a outras que consideramos distratoras, cujo objetivo era apenas o de compor os textos. Foi feita, também, uma lista contendo as palavras

alvos, as mesmas que constam nos textos, sem as distratoras. Então, objetivamos com isso, nesta pesquisa, obter um estilo mais formal de leitura com a lista de palavras e um estilo menos formal de leitura com o texto, conforme Labov (1972). Tais contextos foram escolhidos observando-se o traço da vogal precedente à variável dependente (R), assim como também foram pesquisados o ponto e o modo de articulação da consoante seguinte. Por exemplo, a palavra CARTA foi escolhida porque há uma vogal baixa precedendo a variável (R) e interessa-nos saber se essa característica vocálica estaria favorecendo uma das variantes analisadas. Essa palavra foi lida por todos os informantes. Assim, garantimos que todos eles realizassem a variável nesse contexto. Da mesma forma, a palavra MURCHO foi escolhida, porque nos interessa saber se a consoante alveopalatal fricativa seguinte /ʃ/ favorece ou desfavorece alguma das formas variantes envolvidas.

Em suma, a opção pela leitura de texto e de palavras, em vez de narrativa espontânea dá prioridade à produção da variante de interesse para o pesquisador, em contextos selecionados, o que poderia não ocorrer, caso fosse utilizado o método da narrativa espontânea. Os textos e a lista de palavras encontram-se no Anexo C.

### 3.3.4 Codificação dos dados

Os dados gravados a partir da leitura do texto e da leitura da lista de palavras foram transcritos, e, com eles, foi constituído um banco de dados que agora integra o corpus do VARFON-Minas.

Os dados linguísticos formaram um total de 1.003 (mil e três) ocorrências da variável (R) e da variável (L). Foi necessário acrescentar ao estudo do (R) o estudo da variável (L), pois apareceram muitas ocorrências do erre retroflexo relacionadas à variável (L). Os dados foram codificados de acordo com as variáveis dependentes analisadas acusticamente no *software* Praat<sup>12</sup> (versão 32-bit *edition*), por Izabella Rosa Malta<sup>13</sup>. Algumas dessas análises estão no Anexo D.

---

<sup>12</sup> O Praat é um *software* utilizado para análise e síntese da fala, desenvolvido pelos linguístas Paul Boersma e David Weenink, do *Institute of Phonetic Sciences*, da Universidade de Amsterdã. Seu foco é a análise do som como ondas, focando em parâmetros como frequência, comprimento, intensidade, etc. Cf.: Wikipédia, a enciclopédia livre: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Praat>>.

<sup>13</sup> Aluna do curso de Letras da UFMG, concluindo o 7º período da graduação na modalidade Bacharelado em Inglês, com ênfase em Estudos Linguísticos.

### 3.3.4.1 Variáveis dependentes

Para a variável dependente (R) objeto desta pesquisa, inicialmente, teríamos duas variantes: a retroflexa e a fricativa glotal. Contudo, na coleta de dados, devido à variabilidade intensa de (R) em posição de coda medial, surgiram outras variantes que foram também analisadas. Analisaremos também as variantes da variável (L) em coda medial.

Sendo assim, apresentamos, aqui, os dois grupos de variantes encontrados e que compõem a pesquisa realizada no bairro Várzea, em Lagoa Santa/MG. Agrupamos, no quadro seguinte, as variantes referentes às duas variáveis em análise: a variável (R), variantes do grupo 1, e a variável (L), variantes do grupo 2.

VARIANTES DE (R) E (L)		
Grupos	Variantes	Código
Variantes de (R) Primeiro grupo = 1 (garfo)	Retroflexo	1
	Fricativa glotal	2
	Zero erre	3
	X fricativa velar	11
	W para R	7
	L por R – velarizado	10
	Outros	12
Variantes de (L) Segundo grupo = 2 (almoço)	R por L – retroflexo	5
	Zero ele	6
	W para L	4
	R por L – fricativa glotal	8
	L velarizado	9

**Quadro 3** – Variantes de (R) e de (L)

Em relação às variantes, Retroflexo e L velarizado, há uma semelhança significativa conforme a descrição das características articulatórias de cada uma delas. Observamos essa descrição segundo os termos da fonologia articulatória para a realização da variante *retroflexa*

*alveolar vozeada* e da variante *lateral velarizada vozeada*, que se referem às variantes, Retroflexo e L velarizado, respectivamente:

**Retroflexa [ɻ]**<sup>14</sup>

Tipo de obstrução: breve

Articulador ativo: ápice/lâmina da língua

Articulador passivo: alvéolos

Posição do véu palatino: levantado

Estado da glote: fechada

**Lateral [ɭ]**

Tipo de obstrução: total

Articulador ativo: ápice/lâmina da língua

Articulador passivo: alvéolos

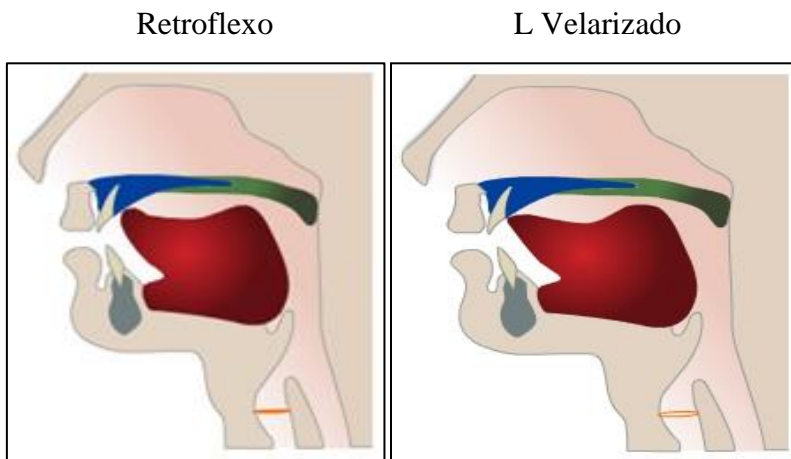
Posição do véu palatino: levantado

Estado da glote: fechada

Os elementos envolvidos na articulação dessas variantes, respectivamente Retroflexo e L velarizado, são muito semelhantes. Como se vê, a única diferença notada nas características que envolvem as referidas variantes está no tipo de obstrução, que é breve no Retroflexo e total no L velarizado.

---

<sup>14</sup> Informações disponíveis no site *Fonética e Fonologia: sonoridade em artes, saúde e tecnologia*: <[http://www.fonologia.org/fonetica\\_consoantes.php](http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php)>.



**Figura 10** – Elementos envolvidos na articulação do Retroflexo e do L velarizado

Fonte: Disponível no site *Fonética e Fonologia: sonoridade em artes, saúde e tecnologia*:  
<[http://www.fonologia.org/fonetica\\_consoantes.php](http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php)>.

Podemos observar que há muita semelhança na maneira como o ápice/lâmina da língua (articulador ativo) se projeta em direção ao articulador passivo (alvéolos). A diferença que notamos em relação a essa projeção é que, na realização do Retroflexo, há uma retração maior do ápice da língua em direção aos alvéolos, enquanto na realização do L velarizado, essa retração é menor, causando obstrução total, como pode ser visto na comparação dessas duas imagens.

A variante Outros da variável (R) foi o item buslada por (burlada). Essa variante não será analisada, pois ocorreu apenas uma vez.

#### 3.3.4.2 *Grupos de fatores que podem influenciar a variável linguística*

Ao adotarmos a teoria da variação e mudança linguística, buscamos desvendar quais são os fatores linguísticos e sociais que estariam influenciando a forma de determinada variante.

Nesta pesquisa analisamos os dados com base nos grupos de fatores linguísticos e sociais assim distribuídos:



### 3.3.4.2.1 Grupos de fatores linguísticos: variáveis independentes linguísticas

#### 3.3.4.2.1.1 Tonicidade da sílaba em que se encontra a variável

Segundo Cristófaros-Silva (2008, p. 77): “Uma sílaba tônica ou acentuada é produzida com um pulso torácico reforçado. Portanto na produção de uma sílaba acentuada temos um jato de ar mais forte (em relação às sílabas não acentuadas ou átonas)”. Em relação à vogal da sílaba tônica, notamos que ela é mais perceptível auditivamente: “A vogal acentuada é auditivamente percebida como tendo duração mais longa e também como sendo pronunciada de maneira mais alta (no sentido de falar alto)” (CRISTÓFARO-SILVA, 2008, p. 77).

O grupo de fator tonicidade/atonicidade foi selecionado por nós tendo em vista a hipótese de funcionar como um agente favorecedor da realização de determinadas variantes, como o apagamento que ocorreu nas duas variáveis em estudo. Essa relação entre a tonicidade e o apagamento de segmentos está relatada em vários estudos, na literatura.

#### 3.3.4.2.1.2 Vogais antecedentes à variável

Arrolamos, a seguir, as vogais tônicas orais. Cristófaros-Silva (2008, p. 79) informa que: “A distribuição das vogais tônicas orais é homogênea em todas as variedades do português brasileiro”.

VOGAIS TÔNICAS ORAIS						
	Anterior		Central		Posterior	
	Arred	não-arred	Arred	não-arred	Arred	não-arred
Alta		i			u	
Média-alta		e			o	
Média-baixa		ɛ			ɔ	
Baixa				a		

**Quadro 4** – Quadro das vogais tônicas orais do Português

Fonte: Quadro adaptado do da autora Cristófaros-Silva (2008, p. 79).

Esse quadro de vogais foi selecionado com o objetivo de verificar se as propriedades, como a altura ou anterioridade da vogal precedente à variável, estariam favorecendo a realização de uma das variantes apresentadas neste estudo. Verificaremos a hipótese de que as vogais [-alto] estariam favorecendo mais a variante retroflexa do que a variante fricativa, conforme Mendes e Oushiro (2013 [2011]).

#### 3.3.4.2.1.3 Ponto e modo de articulação da consoante seguinte à variável

O ponto e o modo de articulação das consoantes são categorias relevantes para a descrição do Português do Brasil. A categoria ponto de articulação define quais são os articuladores passivo e ativo usados na produção das consoantes. Os articuladores ativos compõem-se dos seguintes elementos: lábio inferior, língua, o véu palatino e as cordas vocais. É chamado ativo porque o conjunto se move em relação à articulação para produção das consoantes. Os articuladores passivos são: o lábio superior, os dentes superiores e o céu da boca, que se divide em: alvéolos, palato duro, véu palatino (ou palato mole) e úvula.

Segundo Cristófaros-Silva (2008, p.32-33), o “modo ou maneira de articulação de um segmento está relacionada ao tipo de obstrução da corrente de ar causada pelos articuladores durante a produção de um segmento”.

Sendo assim, selecionamos, para esta pesquisa, esses grupos de fatores com o objetivo de testar a hipótese de que eles estariam favorecendo a realização de alguma das variantes aqui analisadas. A classificação das consoantes selecionadas foi realizada de acordo com o que dispõe o quadro seguinte.

PONTO E MODO DE ARTICULAÇÃO DAS CONSOANTES	
Ponto de articulação das consoantes	Modo de articulação das consoantes
Bilabiais (p, b, m)	Oclusivas (p, b, d, t, k, g)
Labiodentais (f, v)	Nasais (m, n, ñ)
Dentais (d, t, s, z, n, l, r)	Fricativas (f, v, s, z, ʃ, ʒ, h, ð, x, ɣ)
Alveopalatais (tʃ, dʒ, ʃ, ʒ)	Africadas (tʃ, dʒ)
Palatais (ɲ, ʎ)	Laterais (l) (ʎ)
Velares (k, g, x, ɣ)	Tepe (r)
Glottais (h, ɦ)	

**Quadro 5** – Ponto e modo de articulação das consoantes seguintes

Seguem algumas palavras constantes desta pesquisa: **corpo**, **barba**, **fermento**, **garfo**, **sorvete**, **farda**, **porta**, **aniversário**, **cerzido**, **perna**, **Carlota**, **sorte**, **verdes**, **murcho**, **forjado**, **porco**, **carga**.

Neste trabalho o ponto de articulação se mostrou mais relevante na análise dos dados como veremos posteriormente.

#### 3.3.4.2.2 Grupos de fatores sociais: variáveis independentes sociais

Labov (1972, p. 271) aponta que as variações sociais e estilísticas desempenham um papel importante na mudança linguística. A variação social está relacionada a “[...] traços linguísticos que caracterizam os distintos subgrupos de uma sociedade heterogênea”, e a variação estilística está relacionada a “[...] modificações mediante as quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do seu ato de fala”.

A variação e a mudança linguística estão alicerçadas sobre determinados grupos de fatores, tais como: classe social, gênero, bairro, etnia. Labov (2001) pondera que tais fatores, por

exercerem influência no uso da variável linguística, muitas vezes, são favorecedores da variação e mudança linguística.

#### 3.3.4.2.2.1 O fator gênero/sexo

A categoria gênero, na trajetória dos estudos variacionistas, tem sido adotada como fator social relevante para o entendimento da variação linguística. Segundo Labov (1972), o gênero feminino estaria à frente nos processos de variação e mudança quando o fenômeno linguístico variável é considerado de prestígio na comunidade de fala ou está abaixo do nível de conscientização social do fenômeno. Vários estudos ressaltam que as formas de prestígio têm tendência a predominar na fala feminina.

Fischer (1958) constatou essa tendência na língua inglesa, quando da realização do sufixo *-ing* (*walking, talking*), ao verificar que a pronúncia velar ou dental do sufixo correspondia a uma diferença de valorização social. As mulheres praticavam a pronúncia velar, considerada forma prestigiada em relação à pronúncia dental, forma não prestigiada.

Labov (1966) compartilha dessa hipótese ao constatar, no inglês de Nova York, que a pronúncia retroflexa do (R) pós-vocálico (em *card*, por exemplo), uma forma inovadora e considerada de prestígio em relação ao apagamento, tendia a ocorrer mais frequentemente na fala das mulheres do que na fala dos homens.

Paiva (2007) atribui essa tendência ao fato de que possa haver maior consciência feminina quanto ao *status* social das formas linguísticas, não sendo essa uma característica gratuita, considerando que os papéis tradicionalmente impostos e desempenhados pelas mulheres exigem delas uma conduta irrepreensível, cujo exemplo maior estaria na sua responsabilidade em relação à educação dos filhos.

Labov (2008 [1972]) postula que:

Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens, (Labov 1966a: 288), e são mais sensíveis do que os homens ao

padrão de prestígio. Elas mostram numa linha inclinada acentuada da alternância estilística, sobretudo no extremo mais formal do espectro. Essa observação é confirmada inúmeras vezes, em Fisher (1958), em todo o trabalho de Shuy & Fasold em Detroit, em Levine & Crockett, e no estudo de Anshen em Hillsboro. O padrão é particularmente marcado nas mulheres da classe média baixa, que exibem a forma mais extrema desse comportamento<sup>15</sup>. (LABOV, 2008 [1972], p. 281-282).

#### 3.3.4.2.2.2 Faixa etária

Dentre os grupos de fatores sociais que influenciam a mudança, destaca-se o fator faixa etária, uma vez que este tem se mostrado relevante no estudo do fenômeno variável relacionado à mudança. Segundo Labov (1994 *apud* PAIVA; DUARTE, 2007, p. 63), “a combinação de evidências no tempo aparente e no tempo real é o método básico para o estudo da mudança em progresso”. Para o autor, a mudança em tempo aparente consiste em fazer a distribuição de variantes linguísticas através de níveis de idade. Nesta pesquisa, faremos a análise de apenas duas faixas etárias por limitações de tempo.

#### 3.3.4.2.2.3 Estilo

Nos estudos sociolinguísticos, a categoria estilo tem-se mostrado um fator de relevância na análise de vários fenômenos. Há modalidades de estilo mais despojados, informais, como as narrativas pessoais, e de estilos mais formais, como leitura de texto, e mais formais ainda, como a leitura de listas de palavras. Assim, utilizamos, nesta pesquisa, a leitura de texto e a leitura de lista de palavras.

O quadro a seguir mostra a distribuição esquematizada dos grupos de fatores sociais utilizados na execução desta pesquisa.

---

<sup>15</sup>*In careful speech, women use fewer stigmatized forms than men, (Labov 1966a:288), and are more sensitive than men to the prestige pattern. They show this in a sharper slope of style shifting, especially at the more formal end of the spectrum. This observation is confirmed innumerable times, in Fisher (1958), throughout Shuy and Fasold's work in Detroit, in Levine and Crockett, and in Anshen's study of Hillsboro. The pattern is particularly marked in lower-middle class women, who show the most extreme form of this behavior. (LABOV, 1972, p. 243).*

FATORES SOCIAIS		
Gênero	Faixa etária	Estilo
1 = masculino	1 = 18 a 30 anos (jovens)	1 = leitura de texto
2 = feminino	2 = 50 a 90 anos (adultos)	2 = leitura de lista de palavras

**Quadro 6** – Fatores sociais

### 3.3.5 A Análise quantitativa<sup>16</sup>

Segundo Oliveira (2006, p.64), “a seleção de um modelo estatístico se dá, primeiramente, a partir de quais perguntas se quer responder”. Em relação, por exemplo, à variação sonora, um som ora é realizado de uma forma, ora, de outra, em um mesmo item. Então eis a pergunta: o que poderia estar influenciando os indivíduos de uma mesma comunidade a utilizarem variantes distintas de um determinado fonema, em um mesmo contexto lexical? É nesse momento que entram em cena os modelos estatísticos, ferramentas que permitirão responder a essa questão e explicar a variabilidade de um fenômeno em relação a um conjunto de fatores. São os chamados modelos de regressão:

Nos modelos de regressão temos sempre uma variável, chamada variável dependente ou variável resposta, e uma ou mais variáveis explicativas, chamadas de co-variáveis, variáveis independentes ou grupos de fatores, que poderão ajudar a explicar a variabilidade na variável resposta. (OLIVEIRA, 2006, p. 64).

Ainda de acordo com Oliveira (2006), a maioria dos estudos em sociolinguística variacionista tem-se beneficiado do uso do modelo de regressão logística, modelo implementado no *software* Varbrul (*Variable Rule*), dentre outros. Nesse modelo, dado um conjunto de variáveis independentes, a investigação se faz sobre quais dessas variáveis estariam, de fato, associadas à variável dependente. Adotamos o modelo de regressão logística, porque analisamos a variável dependente como sendo binária, como veremos.

<sup>16</sup> A operacionalização dos procedimentos estatísticos foi realizada pelo núcleo estatístico do VARFON-Minas.

Assim, por exemplo, tendo como variável independente o gênero, é possível determinar a influência deste na probabilidade de sucesso da variável dependente, ou seja, na probabilidade de utilização da variante retroflexa dentre outras realizações. O modelo proporciona a análise simultânea do efeito de múltiplas variáveis independentes. Nesta pesquisa, a análise estatística dos dados foi realizada através do conjunto de *softwares* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).

### **Razão de Chances**

Na estatística, a Razão de Chances (RC) é uma medida que mostra a chance de um dado ocorrer mais em relação a outro. Para um melhor entendimento dessa medida, é importante observar as considerações de Oliveira (2006):

A comparação entre as chances de ocorrência de um evento entre fatores de uma variável é chamada de razão de chances e é bastante utilizada nos modelos de regressão logística. A razão de chances, ou *odds ratio*, fornece uma medida do grau de associação entre fatores de uma variável independente. (OLIVEIRA, 2006, p. 68).

Outro item que é necessário para se entender a RC é o fator de referência:

Numa regressão logística convencional utiliza-se uma codificação de fatores das variáveis independentes em que determina-se um fator de referência. Tal codificação é amplamente difundida e utilizada nas mais diversas áreas do conhecimento. No SPSS, assim como em outros pacotes estatísticos, a codificação com fator de referência é dada como padrão. Nela, os efeitos dos demais fatores de uma variável independente e, conseqüentemente, a razão de chances, estarão em relação ao fator de referência. (OLIVEIRA, 2006, p. 73).

Então, dando prosseguimento a essa explicação, observa-se, na prática, a aplicação da RC, Razão de Chances, ou *odds ratio*, na apuração de um resultado fornecido por uma tabela. Os valores para cálculo da RC são obtidos através do inter cruzamento dos dados, as variáveis dependentes e variáveis independentes, no conjunto de *softwares* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).

## Significância

Os resultados estatísticos de um fenômeno analisado verificam a hipótese nula, ou seja, quando não há nenhum efeito em relação ao intercruzamento de uma variável dependente com a(s) variável(is) independente(s) estabelecida(s) para a análise. Assim há que se recorrer a um recurso estatístico que estabeleça os níveis de significância aceitáveis para se comprovar a hipótese nula.

Sobre hipótese nula e níveis de significância, Oliveira (2006) esclarece:

Nos modelos de regressão, por exemplo, um teste estatístico poderia propor testar a hipótese nula de não haver efeito na variável dependente associado a uma variável independente. Assim, a suposição de que a variabilidade em itens lexicais terminados em /l/+vogal possa ser explicada pelo gênero dos falantes vem acompanhada da hipótese nula que sugere que o gênero dos falantes não exerce influência estatisticamente significativa sobre a variabilidade nos itens. A hipótese efetivamente testada é a *hipótese nula*.

A probabilidade máxima aceitável de rejeitarmos a hipótese nula quando ela é de fato verdadeira é chamada de *nível de significância*. No exemplo acima, o nível de significância seria a probabilidade máxima de aceitarmos que o gênero do falante interfere na variabilidade, quando na realidade ele não interfere. *O nível de significância* é um valor arbitrário, definido segundo critérios do pesquisador. Convencionalmente, na sociolinguística variacionista, assim como em outras ciências, utilizamos um *nível de significância de 0,05*. (OLIVEIRA, 2006, p. 66).

### 3.3.6 Teste de avaliação

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) dividem em cinco os problemas a serem tratados por uma teoria da mudança linguística. Labov (1972) ressalta que nem todos eles estão relacionados ao quadro social da mudança:

- a) O problema dos fatores condicionantes: deve-se identificar quais os conjuntos de mudanças possíveis e quais são os condicionantes dessas mudanças e da direção que elas podem tomar. Labov (1972) explica que os condicionamentos universais são independentes de qualquer comunidade particular;



- b) O problema da transição: o pesquisador deve descobrir como se dá a mudança de uma determinada estrutura para outra. Labov (1972) ressalta que a questão de identificar a transição entre dois estágios quaisquer da mudança é um problema linguístico interno;
- c) O problema do encaixamento: segundo Labov (1972), o problema do encaixamento tem dois aspectos: a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças linguísticas e também como encaixada num complexo social, condicionada com mudanças sociais. Assim, o pesquisador precisa identificar como a mudança está encaixada na estrutura interna da língua e no sistema de relações sociais;
- d) O problema da avaliação: Labov (1972) explica que há um importante componente social nesse problema, pois o pesquisador deve mostrar como os membros da comunidade de fala reagem à mudança em progresso e descobrir que informação expressiva as variantes veiculam;
- e) O problema da implementação: deve-se explicar por que a mudança ocorreu num tempo e lugar particulares e não em outros. Segundo Labov (1972), podemos esperar que haja fatores sociais profundamente implicados no problema da implementação.

Vamos testar aqui o problema da avaliação.

Segundo Tarallo (1985), no teste de avaliação, o pesquisador solicita ao informante que se manifeste em relação à aceitabilidade ou não de certas variantes. Para isso, apresentamos aos informantes duas sentenças, uma com a variante erre retroflexo e outra com a fricativa glotal, e perguntamos ao informante qual seria a melhor realização. O objetivo é testar a avaliação das variantes em questão e testar o estigma da variante retroflexa do (R).

## CAPÍTULO 4

### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Aqui, analisamos os dados coletados em campo para as variáveis dependentes apresentadas no Capítulo 3. Foram codificadas 1.003 ocorrências de palavras contendo as variantes de (R) e de (L), coletadas através do estilo leitura de texto e de lista de palavras.

Para iniciar esta análise, esquematizamos as variáveis dependentes com suas respectivas frequências de ocorrência e percentuais.

Observamos inicialmente que as variáveis (R) e (L) possuem muitas variantes semelhantes, mas, como a variante X fricativa velar só ocorreu para a variável (R), separamos as variáveis (R) e (L), já que não possuem exatamente as mesmas variantes.

**Tabela 2 – Variáveis Dependentes**

<b>VARIÁVEIS DEPENDENTES (R) e (L)</b>		
<b>Variáveis Dependentes</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Retroflexo	204	20,3
Fricativa glotal	384	38,3
Zero erre	63	6,3
W para L	254	25,3
R por L-retroflexo	21	2,1
Zero ele	25	2,5
W para R	2	,2
R por L-fricativa glotal	6	,6
L velarizado	14	1,4
L por R-velarizado	1	,1
X fricativa velar	28	2,8
*Outros	1	,1
<b>Total</b>	<b>1003</b>	<b>100,0</b>

A variante \*Outros é o [s] na palavra buslada (burlada), que ocorreu apenas uma vez em um informante, por essa razão, essa variante não será analisada neste trabalho, como visto.

#### 4.1 Variável (L)

**Tabela 3 – Totais da Variável (L)**

<b>VARIÁVEL (L)</b>		
<b>Variável dependente</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
W para L	254	79,4
R por L-retroflexo	21	6,6
Zero ele	25	7,8
R por L-fricativa glotal	6	1,9
L velarizado	14	4,4
<b>Total</b>	<b>320</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 3, são apresentadas as 5 (cinco) variantes de (L). Como a variável (L) só tem uma variante com mais de 10%, a realização W para L, optamos por analisar os dados do (L) apenas com os valores percentuais, pois a análise da regressão teria má distribuição dos dados. A ordem dos percentuais é: W para L>Zero ele>R por L-retroflexo>L velarizado>R por L-fricativa glotal. Hierarquicamente, houve maior frequência de realizações de W para L; em segundo lugar, ficou o zero ele; em terceiro, o R por L-retroflexo; em quarto, o L velarizado; e, por último, a realização de R por L-fricativa glotal.

**Tabela 4** – Cruzamento das variantes da variável (L) e gênero

<b>VARIÁVEL (L) E GÊNERO</b>			
<b>Variável dependente</b>	<b>Gênero</b>		<b>Total</b>
	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	
W para L	105	149	<b>254</b>
R por L-retroflexo	21	0	<b>21</b>
Zero ele	14	11	<b>25</b>
R por L-fricativa glotal	5	1	<b>6</b>
L velarizado	14	0	<b>14</b>
<b>Total</b>	<b>159</b>	<b>161</b>	<b>320</b>

Os dados do cruzamento das variantes da variável (L) e gênero, na Tabela 4, mostram que o gênero feminino não realiza nem R por L-retroflexo, nem L velarizado. As mulheres realizam as variantes na seguinte ordem W para L>Zero ele>R por L-fricativa glotal>R por L-retroflexo e L velarizado, e, os homens, na ordem W para L>R por L-retroflexo>Zero ele >L velarizado>R por L-fricativa glotal.

Há mais variação nas produções de fala dos homens do que nas produções das mulheres. O R por L-retroflexo e o L velarizado são a diferença entre homens e mulheres. Se tirarmos o R por L-retroflexo e o L velarizado do gênero masculino, a ordem das variantes restantes será a mesma entre homens e mulheres.

É interessante notar que o R por L-retroflexo e o L velarizado constituem a diferença mais importante entre homens e mulheres. Os homens têm essas duas variantes, as mulheres não.

Outro aspecto interessante de se notar, na tabela 4, é que houve zero ele em coda medial, na fala de homens e mulheres.

**Tabela 5** – Cruzamento das variantes da variável (L) e faixa etária

<b>VARIÁVEL (L) E FAIXA ETÁRIA</b>			
<b>Variável dependente</b>	<b>Gênero</b>		<b>Total</b>
	<b>Jovem</b>	<b>Adulto</b>	
W para L	130	124	<b>254</b>
R por L-retroflexo	0	21	<b>21</b>
Zero ele	22	3	<b>25</b>
R por L-fricativa glotal	4	2	<b>6</b>
L velarizado	4	10	<b>14</b>
<b>Total</b>	<b>160</b>	<b>160</b>	<b>320</b>

Os dados do cruzamento das variantes da variável (L) e o fator faixa etária, na Tabela 5, mostram que os jovens não realizam a variante R por L-retroflexo. A ordem hierárquica para os jovens em relação às variantes do (L) é W para L>Zero ele>R por L-fricativa e L velarizado>R por L-retroflexo. A ordem hierárquica de realização das variantes de (L) pelos adultos é W para L>R por L-retroflexo>L velarizado>Zero ele>R por L-fricativa glotal. Se retirarmos o R por L-retroflexo e o L velarizado, nota-se que a ordem de realização das variantes dos adultos é a mesma dos jovens. O percentual dessas variantes realizadas pelos adultos é bem maior do que o percentual realizado pelos jovens, ou seja, a maior diferença no uso das variantes entre jovens e adultos é o L velarizado e o R por L-retroflexo.

#### 4.1.1 Variável (L): indivíduo e item lexical

Os dados do cruzamento da variável (L), indivíduo e item lexical mostram que as duas mulheres jovens não realizaram o R por L-retroflexo nem o L velarizado. Os homens jovens também não realizaram o R por L-retroflexo, assim a pronúncia retroflexa relacionada à variável (L) é típica de homens adultos. Há indícios de que essa variante está caindo em desuso. As mulheres variam menos. Os homens adultos variam bastante, principalmente o informante BOMA, que é o mais idoso dos homens. Há indícios de que seria esse comportamento efeito do estigma relacionado ao erre retroflexo. As mulheres estariam mais

atentas ao padrão de correção. Como não fizemos o teste de avaliação para a variável (L), essa é uma hipótese.

Observando a tabela da variável (L) – Cruzamento das variantes com as vogais precedentes – do Anexo F, podemos observar que a variante típica do (R), R por L-retroflexo, possui os maiores percentuais relativos, favorecidos pelas vogais [o] e [ɔ]. A variante R por L-fricativa glotal também típica do (R) possui o seu maior percentual relativo favorecido pela vogal [ɔ]. O L velarizado, variante mencionada na literatura como gatilho da alternância das variantes de (L) com as variantes de (R), possui o seu maior percentual relativo favorecido pela vogal [u]. Podemos observar que as vogais favorecedoras dos diversos processos possuem o traço [+recuado].

#### 4.2 Variável (R)

**Tabela 6** – Totais da variável (R)

<b>VARIÁVEL (R)</b>		
<b>Variável dependente</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Retroflexo	204	29,9
Fricativa glotal	384	56,3
Zero erre	63	9,2
W para R	2	,3
L por R-velarizado	1	,1
X fricativa velar	28	4,1
<b>Total</b>	<b>682</b>	<b>100,0</b>

A ordem hierárquica das variantes, na Tabela 6, representa-se através da sequência: Fricativa glotal>Retroflexo>Zero erre>X fricativa velar>W para R>L por R-velarizado. Observamos que as variantes típicas do (L), que são o W para R e o L por R-velarizado, são as últimas variantes nessa hierarquia.

**Tabela 7** – Cruzamento das variantes da variável (R) e faixa etária

<b>VARIÁVEL (R) E FAIXA ETÁRIA</b>			
<b>Variável dependente</b>	<b>Faixa etária</b>		<b>Total</b>
	<b>Jovem</b>	<b>Adulto</b>	
Retroflexo	8	196	<b>204</b>
Fricativa glotal	271	113	<b>384</b>
Zero erre	42	21	<b>63</b>
W para R	2	0	<b>2</b>
L por R-velarizado	0	1	<b>1</b>
X fricativa velar	20	8	<b>28</b>
<b>Total</b>	<b>343</b>	<b>339</b>	<b>682</b>

Na Tabela 7, a ordem hierárquica das variantes nas produções de fala dos jovens faz-se na sequência Fricativa glotal> Zero erre>X fricativa velar >Retroflexo>W para R>L por R-velarizado e, nas produções de fala dos adultos, obedece à sequência Retroflexo>Fricativa glotal>Zero erre >X fricativa velar >L por R-velarizado> W para R. O que podemos observar, comparando a ordem dos jovens e adultos, é que o Retroflexo, nos adultos, passa a ocupar posição superior na hierarquia e o L por R-velarizado também sobe na mesma direção nos adultos. Retirando-se o Retroflexo e o L por R-velarizado, a ordem seria a mesma em jovens e adultos.

**Tabela 8** – Cruzamento das variantes da variável (R) e gênero

<b>VARIÁVEL (R) E GÊNERO</b>			
<b>Variável dependente</b>	<b>Gênero</b>		<b>Total</b>
	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	
Retroflexo	137	67	<b>204</b>
Fricativa glotal	146	238	<b>384</b>
Zero erre	43	20	<b>63</b>
W para R	2	0	<b>2</b>
L por R-velarizado	1	0	<b>1</b>
X fricativa velar	10	18	<b>28</b>
<b>Total</b>	<b>343</b>	<b>339</b>	<b>682</b>

Na Tabela 8, a hierarquia das variantes para o masculino apresenta-se como Fricativa glotal>Retroflexo>Zero erre>X fricativa velar >W para R>L por R-velarizado. Para o gênero feminino, essa ordem apresenta-se como Fricativa glotal>Retroflexo> Zero erre >X fricativa velar >W para R e L por R-velarizado. Observamos que a ordem das variantes é semelhante tanto para os homens quanto para as mulheres. As mulheres não realizam as variantes típicas do (L), como o W para R, nem o L por R-velarizado.

O que podemos observar de modo geral em relação às variáveis (R) e (L) é que os adultos estão mais relacionados à retroflexidade.

#### 4.2.1 Variável (R): indivíduo e item lexical

A ordem hierárquica das variantes para as mulheres jovens está na sequência: Fricativa glotal>X fricativa velar>Zero erre. Não há, nas mulheres, o Retroflexo, nem as variantes típicas do (L): L velarizado e W para R. Homens jovens têm o Retroflexo e as variantes típicas do (L). Mulheres adultas não têm variantes típicas do (L): W para R ou L velarizado. Homens adultos têm o Retroflexo e o L velarizado. Assim podemos concluir que as variantes típicas do (L) ocorrem nas realizações dos homens, o Retroflexo não ocorre nas realizações das mulheres jovens e ocorre principalmente em adultos.

Observando a tabela da variável (R) – Cruzamento das variantes com as vogais precedentes – do Anexo F, podemos observar que as variantes típicas do (L), W para R e L por R-velarizado, são favorecidas pela vogal precedente [a]. A vogal [a] possui o traço [+ recuado].

A seguir, vamos fazer a regressão para a variável (R). Trataremos, aqui, apenas as variantes que têm percentual acima de 9%. Os outros percentuais são muito baixos e poderíamos ter má distribuição dos dados, como dissemos.



**Tabela 9** – Variantes da variável (R)

<b>VARIANTES DA VARIÁVEL (R)</b>		
<b>Variantes de (R)</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Retroflexo	204	31,3
Fricativa glotal	384	59,0
Zero erre	63	9,7
<b>Total</b>	<b>651</b>	<b>100,0</b>

A ordem hierárquica das variantes da variável (R) é Fricativa glotal>Retroflexo>Zero erre. Utilizaremos o modelo de regressão binomial por meio do conjunto de *softwares* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).

### 4.3 A Variável (R) e a regressão

#### 4.3.1 Retroflexo x Fricativa glotal

**Tabela 10** – Variável (R): regressão binomial Retroflexo x Fricativa glotal

<b>RETROFLEXO x FRICATIVA GLOTAL</b>		
<b>(R)</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Retroflexo	204	34,7
Fricativa glotal	384	65,3
<b>Total</b>	<b>588</b>	<b>100,0</b>

Na análise dessas duas variantes (Tabela 10), a ordem hierárquica representa-se por Fricativa glotal>Retroflexo.

### Os valores têm como referência as fricativas

As variáveis independentes que deram significativas foram: anterioridade da vogal precedente, ponto da consoante seguinte, gênero e faixa etária. O modo da consoante seguinte não foi considerado, visto que havia muitos zeros no cruzamento do modo com o ponto da consoante, ou seja, há má distribuição dos dados. O ponto mostrou indício de atuação mais significativa do que o modo.

**Tabela 11** – Retroflexo x Fricativa glotal: vogal precedente

VOGAL PRECEDENTE			
Variável independente	Fatores	Significância	RC
Vogal precedente	Posteriores	0,024	0,40
	Anteriores	0,007	0,37
	a*		1,00

\*Fator de referência

O fator de referência dentro do grupo de fator é a vogal baixa [a]. Os dados da Tabela 11 mostram que a chance de ocorrer uma realização Fricativa glotal quando a vogal precedente é baixa é 2,5 (1,0/0,40) vezes a chance de ocorrer Fricativa glotal quando a vogal precedente ao (R) é posterior.

A chance de ocorrer uma realização Fricativa glotal quando a vogal precedente é baixa é 2,7 (1,0/0,37) vezes a chance de ocorrer Fricativa glotal quando a vogal precedente é anterior. Assim, analisando pelo inverso, podemos dizer que o [a] desfavorece o Retroflexo. O que observamos é que as vogais tanto posteriores quanto anteriores favorecem a variante retroflexa, provavelmente devido a aspectos relacionados à altura dessas vogais, visto que elas são mais altas do que o [a].

**Tabela 12** – Retroflexo x Fricativa glotal: ponto da consoante seguinte

<b>PONTO DA CONSOANTE SEGUINTE</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Ponto da consoante seguinte	Bilabial	0,008	3,67
	Labiodental	0,145	2,43
	Dental	0,044	2,36
	Alveopalatal	0,794	1,15
	Velar*		1,00

\*Fator de referência

Os resultados da Tabela 12 mostram que o efeito dos fatores labiodental e alveopalatal não é estatisticamente significativo, indicando, ainda, que a chance de ocorrer Fricativa glotal quando a consoante seguinte é bilabial corresponde a 3,67 vezes a chance de ocorrer Fricativa glotal quando a consoante seguinte é velar.

Os resultados indicam, também, que a chance de ocorrer Fricativa glotal quando a consoante seguinte ao (R) é dental corresponde a 2,36 vezes a chance de ocorrer Fricativa glotal quando a consoante seguinte é velar. Assim, analisando pelo inverso, podemos dizer que a consoante velar favorece o retroflexo.

**Tabela 13** – Retroflexo x Fricativa glotal: gênero

<b>GÊNERO</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Gênero	Masculino	<0.001	0,10
	Feminino*		1,00

\*Fator de referência

De acordo com a pesquisa realizada no bairro Várzea, foi constatado que as mulheres realizam mais a fricativa do que os homens, pois, de acordo com os dados da Tabela 13, a chance de um falante feminino empregar Fricativa glotal corresponde a 10,0 (1,0/0,10) vezes a chance de um falante masculino empregar a Fricativa glotal, ou seja, os homens favorecem

o Retroflexo. Nossa interpretação desse resultado está relacionada ao estigma da variante retroflexa como veremos nos testes de avaliação.

**Tabela 14** – Retroflexo x Fricativa glotal: faixa etária

<b>FAIXA ETÁRIA</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Faixa etária	Adulto	<0.001	0,00...
	Jovem*		1,00

\*Fator de referência

Os dados da Tabela 14 mostram que a chance de um falante jovem empregar Fricativa glotal é de mais de 100 (1,0/0,00...) vezes a chance de um falante adulto empregar a Fricativa glotal, ou seja, os adultos favorecem o Retroflexo. Interpretamos esse resultado como indício de progressão da Fricativa glotal.

Concluindo, após a regressão observamos que a variante retroflexa está em vias de desaparecimento. Os falantes típicos dessa variante em Lagoa Santa são os informantes com características mais conservadoras (HARAS): homem, adulto, modo de vida com características rurais, escolaridade mínima e pouca mobilidade.

A vogal baixa desfavorece o Retroflexo e as consoantes velares seguintes favorecem mais o Retroflexo, em relação às fricativas.

## 4.3.2 Fricativa glotal x Zero erre

**Tabela 15** – Variável (R): regressão binomial Fricativa glotal x Zero Erre

<b>FRICATIVA GLOTTAL X ZERO ERRE</b>		
<b>Variantes de (R)</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Fricativa glotal	384	85,9
Zero erre	63	14,1
<b>Total</b>	<b>447</b>	<b>100,0</b>

Na análise dessas duas variantes (Tabela 15), a ordem hierárquica representa-se por Fricativa glotal > Zero erre.

**Os valores têm como referência o Zero erre**

As variáveis independentes que se mostraram significativas foram: tonicidade da sílaba, ponto da consoante seguinte, gênero e estilo.

**Tabela 16** – Fricativa glotal x Zero erre: tonicidade da sílaba

<b>TONICIDADE DA SÍLABA</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Tonicidade	Tônica	<0.001	0,27
	Átona*		1,00

\*Fator de referência

De acordo com a pesquisa, notamos que a sílaba átona é favorecedora do zero erre, uma vez que os dados da Tabela 16 mostram que a chance de ocorrer zero erre quando a sílaba do (R) é átona é 3,7 (1,0/0,27) vezes a chance de ocorrer zero erre quando a sílaba do (R) é tônica. Os itens lexicais do tipo (cerzido ~ cezido) apagam mais do que itens cuja sílaba precedente é tônica (círculo ~ círculo). Os apagamentos de segmentos ocorrem mais em sílabas átonas como já mostrado na literatura.

**Tabela 17** – Fricativa glotal x Zero erre: ponto da consoante seguinte

<b>PONTO DA CONSOANTE SEGUINTE</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Ponto da consoante seguinte	Bilabial	0,054	0,21
	Labiodental	0,228	0,33
	Dental	0,93	1,05
	Alveopalatal	0,058	3,01
	Velar*		1,00

\*Fator de referência

Os dados da Tabela 17 mostram que o efeito dos fatores da consoante seguinte não é estatisticamente significativo.

**Tabela 18** – Fricativa glotal x Zero erre: gênero

<b>GÊNERO</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Gênero	Masculino	<0.001	3,76
	Feminino*		1,00

\*Fator de referência

Os dados da Tabela 18 mostram que a chance de um falante masculino empregar Zero erre é 3,76 vezes a chance de um falante feminino empregar o Zero erre. Mais uma vez, pode se constatar uma diferença significativa de gênero em relação ao emprego das variantes no bairro Várzea, comprovando que as variantes mais prestigiadas, como a Fricativa glotal, são mais realizadas pelas mulheres, e as menos prestigiadas como o Retroflexo e o Zero erre são mais realizadas pelos homens.

**Tabela 19** – Fricativa glotal x Zero erre: estilo

<b>ESTILO</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Estilo	Texto	0,15	0,47
	Lista de palavras*		1,00

\*Fator de referência

Os dados da Tabela 19 mostram que a chance de um falante empregar Zero erre ao ler uma lista de palavras é 2,12 (1,0/0,47) vezes a chance de um falante empregar o Zero erre ao ler um texto. Na comunidade pesquisada, a chance de apagar o (R) é maior na leitura de lista de palavras do que na leitura de texto.

O resultado é curioso, porque a hipótese testada era a de que o apagamento seria maior no texto, pois esse é um estilo menos formal que a lista de palavras. Segundo Mendes e Oushiro (2013 [2011]):

Estilo, por sua vez, é aqui definido no sentido de Labov (2001b, 2006 [1966]) como “grau de monitoramento à fala”, em que se espera que o informante fale mais cuidadosamente de acordo com a seguinte hierarquia: (i) leitura de lista de palavras (mais monitorado); 12 (ii) leitura de notícia de jornal;13 (iii) leitura de “depoimento”;14 e (iv) conversação na entrevista (menos monitorado). (MENDES e OUSHIRO, 2013[2011], p. 77).

Para o resultado encontrado na comunidade pesquisada, podemos formular a hipótese de que as pessoas consideram a leitura de texto mais difícil do que a leitura de lista de palavras, pois a leitura de texto envolve estruturas mais complexas do que uma lista de palavras, exigindo, assim, mais cuidado no exercício de ler. Já em relação à lista de palavras, pelo fato de as palavras estarem soltas, o leitor fica mais à vontade para fazer a leitura de uma palavra após a outra, sem se preocupar com a fluência da leitura. Nessa última situação, aumentam a velocidade de fala, levando ao maior apagamento do (R) em uma lista de palavras.

## 4.3.3 Retroflexo x Zero erre

**Tabela 20** – Variável (R): regressão binomial Retroflexo x Zero Erre

<b>RETROFLEXO X ZERO ERRE</b>		
<b>Variantes de (R)</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Retroflexo	204	76,4
Zero erre	63	23,6
<b>Total</b>	<b>267</b>	<b>100,0</b>

Na análise dessas duas variantes (Tabela 20), a ordem hierárquica representa-se por Retroflexo>Zero erre. De acordo com a literatura na área, o apagamento de (R) em coda medial é raro em relação ao apagamento em coda final de palavras, mas ocorre.

Segundo Oliveira (1983 *apud* HORA, 2009), há relatos que confirmam ser o apagamento dos róticos mais comum em posição de coda externa, ou seja, em final de palavras, porém há alguns desses relatos que mencionam seu apagamento em posição interna. Callou *et al.* (1996) analisaram o comportamento de (R) em cinco Estados brasileiros, nas posições de coda silábica medial e final de palavras, e, dentre as variantes encontradas, também se detectou o zero fonético, cuja ocorrência se deu nas duas posições: coda interna e coda externa de palavras. Assim como Oliveira (1983 *apud* HORA, 2009), Callou *et al.* (1996) afirmaram que o apagamento da variante em coda externa foi bem mais frequente do que em coda interna.

Chaves de Mello (1976 *apud* HORA, 2009) afirma que o apagamento de (R) é um processo que pode afetar até os erres que fecham uma sílaba na posição interna e, assim, exemplifica com o nome de família *Albuque(r)que/Albuquerque*. Outro relato foi postulado por Marroquim (1945 *apud* HORA, 2009), o qual, diante da possibilidade de ocorrer *supresa/su(r)presa*, confirma a hipótese de apagamento do (R) em coda silábica medial.

Hora (2009) apresenta o fenômeno do apagamento de erre em posição medial de palavra diante do contexto seguinte preenchido por fricativas, conforme os exemplos: “foça x força, vázea x várzea, gafo x garfo, ceveja x cerveja, macha x marcha, gojeta x gorjeta”.



### Os valores têm como referência a variante Zero erre

As variáveis independentes que se mostraram significativas foram: tonicidade, ponto da consoante seguinte, faixa etária e estilo.

**Tabela 21** – Retroflexo x Zero erre: tonicidade

<b>TONICIDADE</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Tonicidade	Tônica	0,005	0,29
	Átona*		1,00

\*Fator de referência

Os dados da Tabela 21 mostram que a chance de ocorrer Zero erre quando a sílaba do (R) é átona corresponde a 3,44(1,0/0,29) vezes a chance de ocorrer Zero erre quando a sílaba é tônica. Conclui-se, portanto, que a sílaba átona é favorecedora do Zero erre, e a sílaba tônica é favorecedora da realização do Retroflexo.

**Tabela 22** – Retroflexo x Zero erre: ponto da consoante seguinte

<b>PONTO DA CONSOANTE SEGUINTE</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Ponto da consoante seguinte	Bilabial	0,344	0,38
	Labiodental	0,203	0,17
	Dental	0,756	0,80
	Alveopalatal	0,225	2,45
	Velar*		1,00

\*Fator de referência

Os dados da Tabela 22 mostram que o efeito dos fatores não é estatisticamente significativo.

**Tabela 23** – Retroflexo x Zero erre: faixa etária

<b>FAIXA ETÁRIA</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Faixa etária	Adulto	<0.001	0,01
	Jovem*		1,00

\*Fator de referência

Os dados da Tabela 23 mostram que a chance de um falante jovem empregar Zero erre é 100 (1,0/0,01) vezes a chance de um falante adulto empregar o Zero erre. Esse resultado revela mais uma vez que os jovens realizam menos o Retroflexo e confirma a hipótese de que ele esteja em fase de desaparecimento no bairro Várzea.

**Tabela 24** – Retroflexo x Zero Erre: estilo

<b>ESTILO</b>			
<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Significância</b>	<b>RC</b>
Estilo	Texto	0,011	0,30
	Lista de palavras*		1,00

\*Fator de referência

Os dados da Tabela 24 mostram que a chance de um falante empregar Zero erre ao ler uma lista de palavras é 3,33 (1,0/0,30) vezes a chance de um falante empregar o Zero erre ao ler um texto.

Conforme observado, o estilo texto é considerado pela literatura como uma modalidade menos formal do que a lista de palavras, portanto deveria haver, no estilo leitura de texto, mais o apagamento da variante do que no estilo lista de palavras. Em nossos dados esse fato não se mostrou verdadeiro. Uma hipótese para essa ocorrência é a de que o apagamento da variante pode estar vinculado às dificuldades das pessoas em relação à leitura de um texto comparativamente à leitura de uma lista de palavras. Adotando-se essa perspectiva, um texto exigiria mais cuidado na leitura.

#### 4.4 A variável (R) e o teste de avaliação

Como dissemos anteriormente, testamos duas frases: uma com a variante fricativa glotal e outra com a variante retroflexa: “a pohta está abehta” e “a pohta está abehta”, uma vez com a variante fricativa glotal e outra com a variante retroflexa. Em seguida, foi solicitado aos informantes que avaliassem se uma das frases é melhor do que a outra e qual seria a melhor, caso ele respondesse que havia uma melhor. Os informantes mais jovens disseram que a frase contendo erre retroflexo estava errada, e um desses jovens disse que parecia um “roceiro falando”. Dos informantes adultos, dois não notaram a diferença entre as duas frases, as outras duas informantes adultas responderam que a variante retroflexa se tratava de “falar errado”. Por meio das respostas obtidas, é possível confirmar a hipótese de que a variante erre retroflexo é estigmatizada na comunidade pesquisada. Ao considerarem a pronúncia retroflexa como errada (realizar o erre retroflexo significa falar errado), os informantes estão fazendo uma avaliação negativa dessa pronúncia.

Notamos que observações advindas de moradores de outro bairro também demonstraram preconceito, na medida em que esses moradores, ao se referirem ao pessoal da Várzea, proferem comentários como: “— Ah! eu não quero encontrar com aqueles índios da Várzea”, ou como: “— Aqueles índio brigadô da Várzea!”.

Voltando ao diálogo citado no início deste trabalho: “— Você é da Várzea?” “— Por quê?” “— Porque você fala puxando erre!”, podemos notar que as pessoas que o proferem estão tocando, na verdade, em uma marca linguística, que, nesse caso, é a variante erre retroflexo, de maneira que ela fica em evidência em toda a produção de fala realizada por um falante. Essa característica, por ser singularizada e diferenciada da comunidade de Lagoa Santa como um todo, marca de um grupo – moradores da Várzea –, torna-se um estereótipo. Segundo Labov (2008 [1972], p.212), “sob extrema estigmatização, uma forma se torna assunto de comentário social explícito e pode acabar por desaparecer. Trata-se então de um estereótipo<sup>17</sup>”. Levando em consideração as observações feitas no bairro Várzea e os resultados da pesquisa, constatamos que a variante erre retroflexo é um estereótipo e está em direção ao desaparecimento nessa comunidade de fala.

---

<sup>17</sup> *Under extreme stigmatization, a form may become the overt topic of social comment, and may eventually disappear. It is thus a stereotype.* (LABOV, 1972, p. 180).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta inicial para este estudo era a de analisar as variantes erre retroflexo e fricativa glotal. Entretanto, durante a coleta dos dados, observamos que a variante erre retroflexo era também variante do (L) em coda medial. A partir da observação desse fato, passamos a analisar as duas variáveis.

Observamos que existiam 5 (cinco) variantes de (L):W para L, R por L-retroflexo, Zero ele, R por L-fricativa e L velarizado, e 7 (sete) variantes de (R): Retroflexo, Fricativa glotal, Zero erre, W para R, L velarizado, X fricativa velar e [s]. Como [s] ocorreu apenas uma vez, na palavra burlada (buslada), essa variante não foi aqui analisada.

A diferença entre as variantes das duas variáveis (L) e (R) é a não realização da [x] fricativa velar para o (L) de forma que não houve, por exemplo, a realização (so[x]te ~ so[w]te), mas houve a realização (so[h]te ~ so[w]te) com Fricativa glotal.

Em relação ao (L), o percentual do [w] foi muito maior do que o percentual das demais variantes. Assim, não fizemos a regressão devido ao fenômeno ser pouco variável, pois, caso fosse feita a regressão, haveria má distribuição dos dados. Fizemos, então, apenas a análise de alguns fatores sociais em termos percentuais.

A observação mais importante em relação à variável (L) e o gênero foi a constatação de que a hierarquia dos percentuais é a mesma, comparando-se homens e mulheres, se retirarmos o R por L-retroflexo e o L velarizado. As mulheres não realizam nenhuma dessas variantes. Em se falando, também, do grupo de fator faixa etária, a hierarquia dos percentuais é a mesma entre jovens e adultos se retirarmos o L velarizado e o R por L-retroflexo.

O percentual dessas variantes realizado pelos adultos é bem maior do que o percentual realizado pelos jovens (os jovens não realizam o R por L-retroflexo). Assim essa é a diferença mais importante dessas variantes pelas diferentes faixas etárias.

Em relação à variável (R), os percentuais mostraram que os jovens não realizam a variante retroflexa do (R). Indício de progressão da variante Fricativa glotal. Há indício de estigma da variante retroflexa porque as mulheres jovens não a realizam.

Quanto à faixa etária, a hierarquia dos percentuais das variantes da variável (R) é a mesma entre jovens e adultos quando retiramos o L velarizado e o Retroflexo.

Temos que em relação ao gênero, a hierarquia dos percentuais das variantes da variável (R) é a mesma entre homens e mulheres quando se retira o L velarizado e o Retroflexo.

A regressão da variável (R), considerando-se as variantes retroflexa e fricativa glotal, indica o favorecimento da variante retroflexa pelas vogais diferentes da vogal [a], vogal baixa central. Esse favorecimento está relacionado, provavelmente, com a altura das vogais. Houve ainda o favorecimento do erre retroflexo pelas consoantes velares, que possuem o traço [+alto] e [+recuado]. Assim a altura dos segmentos adjacentes (vogal precedente e consoante seguinte) parece atuar na realização retroflexa, assim como o traço [+recuado].

A regressão mostrou como vimos que os adultos favorecem a variante retroflexa, e os jovens realizam mais a Fricativa glotal. Indício de progressão da Fricativa glotal.

Houve ainda favorecimento pelos homens em relação à variante retroflexa, provavelmente reflexo do estigma atribuído ao Retroflexo, evidenciado nos testes de avaliação.

A regressão das variantes, Fricativa glotal e Zero erre, indicou o favorecimento da atonicidade da sílaba em relação ao Zero erre, conforme os fenômenos de apagamento de segmento.

O gênero masculino favoreceu também o Zero erre. O estigma em relação à variante Zero erre não foi avaliado, mas, provavelmente, o desfavorecimento dessa variante pelas mulheres está relacionado a algum grau de estigmatização da variante.

Houve ainda favorecimento do zero erre na lista de palavras. Esse resultado não corrobora o que diz a literatura a respeito de graus de estilo ao compararmos as modalidades texto e lista de palavra, em que a lista seria mais formal que o texto. Interpretamos esse resultado como relacionado à falta de fluência na leitura do texto e não como graus diferentes de estilos relacionados à lista de palavras e leitura de textos.

A regressão das variantes, Retroflexo e Zero erre mostrou também o favorecimento da atonicidade e da lista de palavras para a variante Zero erre. Os jovens mostraram-se favorecedores do Zero erre. Indício de progressão dessa variante.

Voltando às perguntas iniciais deste trabalho: podemos dizer que as variantes do (R), que ocorreram em Lagoa Santa, são apenas a Fricativa glotal e o Retroflexo? Não, pois sabemos que existem outras tantas variantes, como, por exemplo: a X fricativa velar, o W para R, o L para R-velarizado, o Zero erre. Há fatores linguísticos que favorecem ou desfavorecem o emprego do Retroflexo? Sim, há fatores linguísticos e sociais que o favorecem. A variante erre retroflexo está em progressão na comunidade estudada? Não, ela está em vias de desaparecimento na comunidade pesquisada, porque os jovens já não estão realizando essa variante. O Retroflexo é uma variante estigmatizada na comunidade analisada? Sim, pois apuramos, através dos testes de avaliação, que alguns falantes consideram essa realização como uma forma de falar errado. Mostramos, também, que há características de um estereótipo ao se rotular a realização retroflexa como sendo a de um “índio da Várzea”.

Comprovamos as questões relacionadas ao estigma e à pouca vitalidade da variante retroflexa, mencionados na literatura.

Mostramos que, no mapa dos falares de Minas, a ocorrência da variante retroflexa estende-se além daquelas (localidades) apontadas em Zágari (1998) ou Ribeiro *et al.* (1977). Como sabemos, as Cartas de Minas foram formuladas com as realizações de algumas cidades apenas.

Com relação à origem do Retroflexo no PB, confirmamos a afirmação de Head (1987, p. 14) de que é possível encontrar explicações plausíveis nos processos de alternância das líquidas no Português para a realização retroflexa. Observamos que as variantes do (R) e do (L) em coda medial são muito semelhantes. Mostramos que, quando retiramos as variantes L velarizado e Retroflexo, a hierarquia estabelecida entre os percentuais das variantes é a mesma, ou seja, a variante erre retroflexo e L velarizado caminham juntas, conforme, também, as observações de Head (1987, p. 15) em relação ao erre retroflexo e à velarização.

Confirmamos também a lenização do /l/ conforme Cohen (2006), pois ocorre o enfraquecimento desse fonema na posição de coda medial. Ao compararmos a hierarquia da

variável (L) (W para L>Zero erre>R por L-retroflexo>L velarizado>R por L-fricativa glotal) com a hierarquia da variável (R) (Fricativa glotal>Retroflexo>Zero erre>X fricativa velar>W para R>L por R-velarizado), observamos que, em relação ao (L), a variante retroflexa, típica do (R), ocupa um lugar médio na hierarquia do (L). Já na hierarquia do (R), as variantes típicas do (L) (W para R e L por R-velarizado) ocupam posição final, mostrando, assim, maior vulnerabilidade da variável (L). As pessoas trocam mais, de modo geral, o L pelo erre retroflexo, como na palavra almoço (a.ɹmoço), do que o erre pelo W, por exemplo, na palavra garfo (gawfo).

Houve o favorecimento do R por L-retroflexo, do R por L-fricativa glotal e do L velarizado (variantes do (L)) exercido pelas vogais [+ recuado]. Houve também o favorecimento do W para R e do L por R-velarizado, variantes do (R), exercido pela vogal [a], que possui o traço [+ recuado]. Como dissemos, houve o favorecimento do Retroflexo pelas consoantes velares, que possuem o traço [+recuado]. Comprovamos assim a relação entre o L velarizado e variantes do (R) através do traço [+ recuado], incluindo aí o erre retroflexo.

Head (1987) propõe a busca dos mecanismos de substituição seletiva, ou seja, por que motivo teria ocorrido a substituição fônica em um caso e não em outro? Propomos que seja feita uma pesquisa da formação sócio-histórica das regiões de ocorrência do erre retroflexo, observando as línguas de contato e a intensidade do contato dentre outros aspectos.

Os próximos estudos devem considerar, ainda, o fato de algumas línguas indígenas não possuírem alguns fonemas relacionados à variação em questão. Sabemos que apenas essa informação não é suficiente, como diz Head (1987), mas, ao contrário desse autor, consideramos essa informação valiosa para situações do Português como segunda língua, como ocorreu no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Raphael Lorenzeto de. *Maplocator of Minas Gerais's Lagoa Santa City*. 2006. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/File:MinasGerais\\_Municip\\_LagoaSanta.svg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_LagoaSanta.svg)>. Acesso em: 10 jun. 2014.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. 1994. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado. In: CASTRO Vandersi Sant'Ana. *A Resistência de Traços do Dialeto Caipira: Estudo com Base em Atlas Linguístico das Regiões Brasileiras*. 2006. 285 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Helen Cristina da. *Dois Momentos do /r/ retroflexo em Lavras-MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil*. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ. Rio de Janeiro. Artigos inéditos. *Revista Diadorim*, v. 8, 2011.

AMARAL, Amadeu. *O Dialecto Caipira*. São Paulo: Casa Editora “o Livro”, 1920, 227p.

AQUINO, Thiago Brasil de; GALIASSE, Maria de Fátima; MULITERNO, Paulo Tiago; NETO, Carlos Wicher; SILVA, Fernanda Estácio da. *Na Trilha dos Bandeirantes: Retroflexão no Dialeto Caipira*. *Filologia linguística do Português*. Rev., São Paulo, n. 7, p. 111-118, 2005.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat doing phonetics by computer*. Phonetic Sciences, University of Amsterdam. Spuistraat, 210. Amsterdam, 2012. Disponível em: <[www.fon.hum.uva.nl/praat](http://www.fon.hum.uva.nl/praat)>. Acesso em 12 jun. 2014.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Nas Trilhas do –R Retroflexo*. Signum: Estud. Ling, londrina, n. 10/2, p. 265-283, dez. 2007.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João A. *Variação e diferenciação dialetal: A pronúncia do /r/ no português do Brasil*. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. Volume VI: Desenvolvimentos, p. 471.

CASTRO, Vandersi Sant'Ana. *A Resistência de Traços do Dialeto Caipira: Estudo com base em Atlas Linguístico das Regiões Brasileiras*. 2006. 285 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.



COHEN, Maria Antonieta. A. M. *Percurso do 'R' retroflexo no Português do Brasil*. In: RAMOS, J.M. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da Anpoll*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estudos da fala rural: a retroflexão do erre e a neutralização rural/urbano*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA V, 2007. Belo Horizonte. [Caderno de Resumos] Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007, p. 408.

CORREA, Maria Marilda. *Um Pouco de Nossa história. Crônicas de Maria Marilda: histórias pesquisadas ao pé do ouvido*. *Revista Virtual da Cidade*. Disponível em: <[http://www.lagoasanta.com.br/cronicas/maria\\_marilda/cronicas-marilda-ago-09.htm](http://www.lagoasanta.com.br/cronicas/maria_marilda/cronicas-marilda-ago-09.htm)>. Acesso em: 27 set. 2010.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2008.

EXPEDIÇÃO AO PAÍS DAS MARAVILHAS. *Expedition Grimm*. Kassel, 2013. Disponível em: <<https://www.deutschland.de/pt/topic/.../expedição-ao-país-das-maravilhas>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

FERRAZ, Irineu da Silva. *Características Fonético-acústicas do /r/ retroflexo, uma das variantes dos sons de /r/ de Pato Branco (PR)*. 2005. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. rev. e aum., Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p.314.

FISCHER, J. L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. *Word*, 1958 apud PAIVA, Maria Conceição. *A variável gênero/sexo*. In: MOLLICA, Maria Cristina; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 33-34.

FONÉTICA & FONOLOGIA: *Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia*: Disponível em [HTTP://www.fonologia.org/fonetica\\_consoantes.php](HTTP://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php)> Acesso em 10 jun. 2014.

HEAD, Brian F. *Propriedades Fonéticas e Generalidade de Processos Fonológicos: O Caso do "R Caipira"*. UNICAMP. *Cadernos de Estudos linguísticos*, n. 13, 1987, p. 5-39.

HORA, Demerval da. *Fonética e Fonologia*. UFPB virtual, 2009. Disponível em: <[http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica\\_e\\_Fonologia.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica_e_Fonologia.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2014.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Conciso*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Moderna, 2011.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS – IGA. *Lagoa Santa-MG*. Belo Horizonte, 1999.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Massachusetts/Oxford: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Massachusetts/Oxford: Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Cambridge: Blackwell, 1996: 215-245. In: FERRAZ, Irineu da Silva. *Características Fonético-Acústicas do /r/ retroflexo do Português Brasileiro: Dados de Informantes de Pato Branco (PR)*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

LEITE, Cândida Mara Britto. *Atitudes Linguísticas: A variante retroflexa em Foco*. 2004. Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual de Campinas– Programa de Pós-Graduação em Linguística, Campinas, 2004.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934. In: HORA, Demerval da. *Fonética e Fonologia*. UFPB virtual, 2009. Disponível em: <[http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica\\_e\\_Fonologia.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica_e_Fonologia.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2014.

MENDES, Ronald Beline; OUSHIRO, Livia. *Variable (-r) in Paulistano Portuguese*. 2013 [2011]. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 66-95.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. Variantes e variáveis*. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 11.

NARO, Anthony Julius. *O dinamismo das línguas*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 43.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. *Variação em itens lexicais terminados em /l/ + vogal na região de Itaúna/MG*. 2006. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Letras da UFMG– Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. 1983. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: The case of the liquids*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania. In: HORA, Demerval da. *Fonética e Fonologia*. UFPB virtual, 2009. Disponível em: <[http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica\\_e\\_Fonologia.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica_e_Fonologia.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2014.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Realizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos de Linguagem*. Belo Horizonte, v. 6, n. 6, p.32-58. 1997.

OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de. *Coleta de dados*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 34-40.

RAMOS, Jânia Martins. *Avaliação de Dialetos Brasileiros: O Sotaque*. *Estudos da Linguagem*. Revista. Belo Horizonte: UFMG, ano6, no. 5, v. 1, p. 103-125, Jan./Jun.1997.

RENNICKE, Liris. *As Atitudes Linguísticas perante o /r/ retroflexo em Belo Horizonte, MG*. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Helsinque, Finlândia, 2010.

RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha. *O comportamento Linguístico do (R) pós-vocálico nos Atlas brasileiros publicados*. Letras Escreve – *Revista de Estudos Linguísticos e Literários do curso de letras – UNIFAP*. v. 1. n. 1. – janeiro a junho de 2011.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mario R.L; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. *Esboço de atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: MEC. Casa de Rui Barbosa. Universidade Federal de Juiz de Fora. 1977.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. *Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico, variação linguística e ensino*. [1º Semestre de 2008]. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito Linguístico e Cânone Literário, n.36. 2008. Entrevista concedida a Juçara Abraçado. p. 13.

\_\_\_\_\_. *O preconceito linguístico deveria ser crime*. Galileu, nº 220, novembro 2009. In: RENNICKE, Liris. *As Atitudes Linguísticas perante o /r/ retroflexo em Belo Horizonte, MG*. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Helsinque, Finlândia, 2010.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. rev. e aum. pelo autor. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; MEC, 1963. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Nas Trilhas do –R Retroflexo*. Signum: Estud. Ling., Londrina, n 10/2, p. 265-283. Dez. 2007.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

TURISMO MINEIRO.COM. MINAS GERAIS: *a beleza tira o fôlego e a hospitalidade devolve*. Lagoa Santa. Disponível em: [HTTP://visiteminasgerais.com.br/mg/lagoa-santa/](http://visiteminasgerais.com.br/mg/lagoa-santa/). Acesso em: 08 jun. 2014.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Projeto VARFON-Minas*. LEE, S. H (Org.). FALE/UFMG, 2012, p. 148-159.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZÁGARI, Mário Roberto L. *Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.) *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 31-46.

## ANEXOS

Anexo A: Mapa com a localização do bairro Várzea



**Figura 11** – Localização do bairro Várzea no município de Lagoa Santa

Fonte: Site *Revista Virtual da Cidade* (Mapa da cidade): <[www.lagoasanta.com.br](http://www.lagoasanta.com.br)>.

**Anexo B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado Senhor(a),

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

**1) Introdução**

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa com o objetivo de verificar a variação da consoante “erre” em coda silábica interna no Bairro Várzea, no município de Lagoa Santa e colaborar para a documentação e constituição de um banco de dados referente ao dialeto mineiro. Você foi selecionado porque se encaixa nos critérios exigidos para esta pesquisa: ser pessoa moradora do Bairro Várzea, no município de Lagoa Santa, desde criança, ter até o Ensino Fundamental, pertencer à faixa etária de 18 a 30 anos e de 50 a 90 anos. Sua participação não é obrigatória.

**2) Procedimentos do Estudo**

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em realizar entrevista gravada, ler textos, ler uma lista de palavras e responder a perguntas feitas pelo entrevistador.

**3) Riscos e desconfortos**

Consideramos que a metodologia utilizada para coleta de dados não oferece nenhum risco de constrangimento para o entrevistado em relação à Língua, embora possa haver algum constrangimento por parte do mesmo, no momento em que este se encontrar frente a um equipamento de gravação.

**4) Benefícios**

Sua participação e contribuição neste trabalho de pesquisa e entrevistas, embora não vá lhe proporcionar diretamente um benefício, será importante e de muita valia para a constituição de um banco de dados no dialeto mineiro, envolvendo o bairro Várzea, situado no município de Lagoa Santa.

**5) Custos/Reembolso**

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá nenhum pagamento pelo mesmo.

**6) Caráter Confidencial dos Registros**

A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa.

As entrevistas serão codificadas de forma a não permitir a exposição do nome do informante. As gravações serão usadas para a documentação e constituição de um banco de dados referente ao dialeto mineiro, mas o nome de cada informante será mantido em sigilo.

### 7) Participação

Sua participação neste estudo é muito importante e voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício ou cuidados a que tenha direito nesta instituição. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor informar o pesquisador e/ou a pessoa de sua equipe que esteja atendendo-o.

### 8) Informações

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que poderá ser contatado para esclarecimentos pelo telefone 3499-4592, por emailcoep@prpq.ufmg.br ou no endereço: Av. Antônio Carlos, 6627-Unidade Administrativa II, sala 2005, 2º andar. Pampulha. CEP 31270-901 - Belo Horizonte, MG. Estou ciente de que terei acesso aos resultados obtidos, se for de minha vontade, além de quaisquer esclarecimentos adicionais que eu necessite.

Os pesquisadores responsáveis poderão fornecer qualquer esclarecimento sobre essa pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

Nome do Pesquisador: Maria do Carmo Viegas

Endereço: Rua Desembargador Alarico Barroso, nº 385, apto.202.

Bairro: Ouro Preto, Belo Horizonte, MG.

Telefone: (31) 3498-4335

Email: mariadocarmo.viegas@gmail.com

Nome do pesquisador (co)participante: Maria Helena Soares Paes

Endereço: Avenida Prefeito João Daher, nº 460

Bairro: Centro, Lagoa Santa, MG. CEP: 33400-000

Telefone (31) 3681-1811

Email: helenaspaes@gmail.com

### 9) Declaração de Consentimento

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas.

Confirmo também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante Data

Nome (em letra de forma) e Assinatura do pesquisador Data

## Anexo C: Textos e lista de palavras lidos pelos informantes

### Texto 1

#### Festa de aniversário

No dia 24 de abril, Ivan ia completar 11 anos. Ele mandou uma **carta** convidando amigos e familiares para a festa. No seu **aniversário** ia ter: carne de **porco**, **pernil** e **sorvete**. Tudo parecia **perfeito**, não tinha uma **vírgula** fora do lugar. Na cozinha, a doceira preparava o bolo, só que aconteceu um imprevisto, ninguém esperava que o bolo ia **murchar**. Todos ficaram desapontados com o bolo **murcho**. Assunto que poderia até sair no **jornal** da cidade.

Isso não foi problema, pois a doceira fez outro bolo com **fermento** e decorou com detalhes **verdes** e brancos pelo que ganhou até uma **gorjeta**. Os detalhes do bolo eram da cor da **calça** de um palhaço muito **folgado** que chegou para animar a festa. Os convidados estavam chegando e nada do tio **Álvaro**. Quando ligaram para sua casa, ele respondeu com toda **calma** que estava fazendo a **barba** e preparando a **farda** de soldado. Enfim todos chegaram à festa com **Sorte!**

Na pescaria, os convidados pescaram uma bola quadrada e outra em forma de **círculo**. Enquanto isso, seu **irmão** Pedro ficou no **berçário** brincando com uma lata de **talco**. Depois cantaram parabéns e Ivan fez o primeiro **corte** no bolo.

Todos foram embora, inclusive **Álvaro**, que passou mal depois de comer bolo. Chamaram o **corpo** de bombeiro e ele foi levado para o hospital. Chegou lá com uma forte dor na **perna** e o médico descobriu que ele estava era com **verme**.

Ao chegar em casa com quase toda a **carga** do aniversário, **Álvaro** abriu a **porta**, foi a cozinha, pegou o **garfo** e enfim conseguiu comer as coisas que trouxe da festa.

### Texto 2

#### Na natureza

Já faz algum tempo que derrubamos florestas, queimamos carvão e despejamos na natureza uma quantidade enorme de gás **carbônico**, o que é prejudicial para o planeta, pois provoca o aquecimento global. Em razão da proteção e conservação das áreas, recebi uma notificação do IBAMA referente a uma **perda** em minha área **verde**, depois que um **soldado**, usando um



**revólver**, foi **filmado** jogando um **balde** cheio de **álcool** no meio da mata para gravar o **filme**: o incendiário. A lei do fisco **corta** todo tipo de fraude, mas é constantemente **burlada** por algum **esperto** que faz contrabando de animais e derruba florestas. Um traficante havia **forjado** um meio de trazer **narcótico** escondido em sacos de areia, após **cerzir** os mesmos com linha agulha, porém um saco que não foi **cerzido** caiu **aberto** no cais do **porto** e sua feição foi descoberta.

### Texto 3

Imagine que situação difícil para um **sultão**, (chefe poderoso do mundo Árabe) que, agora cego, tem que **apalpar** as paredes para andar. O criado o ajuda e pede para que **solte** as mãos, porém isso nem sempre **resolve**. Ele, então, se torna alvo do **insulto** e da intolerância das pessoas. No **almoço** ele gosta de comer quibe com salada de agrião e **salsa**.

O SEBRAE está oferecendo **curso** em **curto** espaço de tempo destinado àquelas pessoas que visam abrir uma **firma** especializada em prestação de serviços de jardinagem e conservação de praças. O objetivo do órgão em oferecer esse **curso** no país é porque as praças e jardins estão sucateados e abandonados pela administração pública, pois aqueles que cuidavam dessa parte já se aposentaram e não surgiram novas pessoas para assumir este posto.

### Texto 4

#### Curiosidades

A princesa **Carlota** Joaquina foi obrigada a casar com 10 anos de idade, como prêmio ganhou um **anelzinho** de ouro para a consumação do ato. Este jogo de interesse entre famílias deixou uma **marca** profunda em sua **alma** de menina.

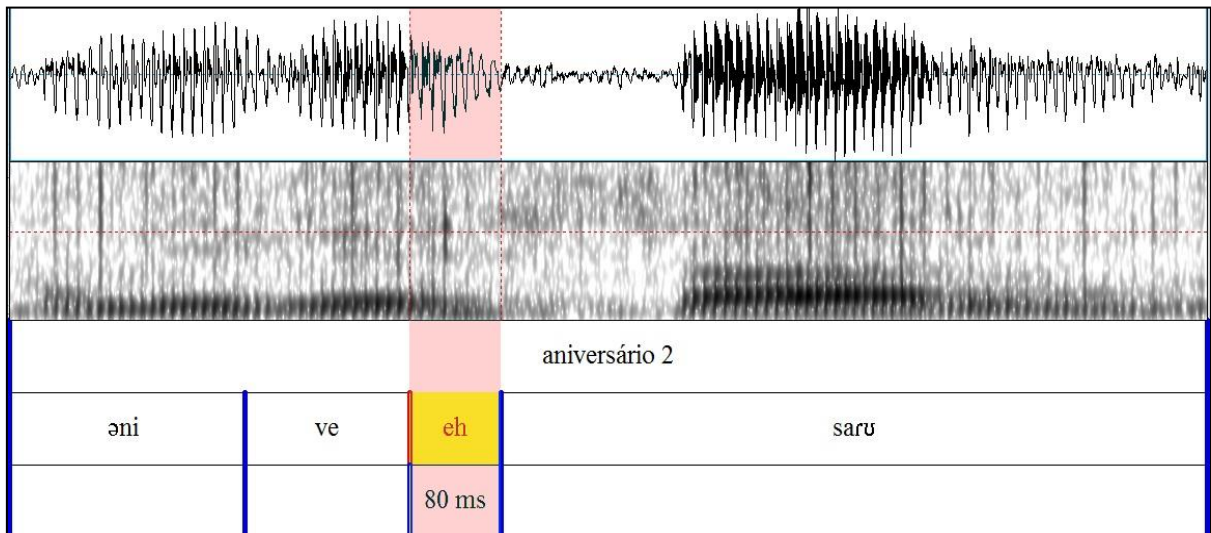
### Lista de palavras

Carta – garfo – porco – porto – corte – sorte – porta – corta – Sorvete – perda – verde – pernil – aberto – esperto – carbônico – vírgula – círculo – narcótico – murcho – murchar – aniversário – berçário – irmão – firma – curso – curto – corpo – barba – farda – marca – carga – perfeito – cerzir – cerzido – gorjeta – forjado – verme – fermento – perna – jornal – burlado – Carlota- álcool – Almoço – Alma – Balde – Calma – Calça – Filme – filmado – soldado – apalpar- folgado – insulto – revólver – resolve – Salsa – Solte – Sultão – talco – anelzinho.

### Anexo D: Espectrogramas das produções de fala dos informantes da pesquisa

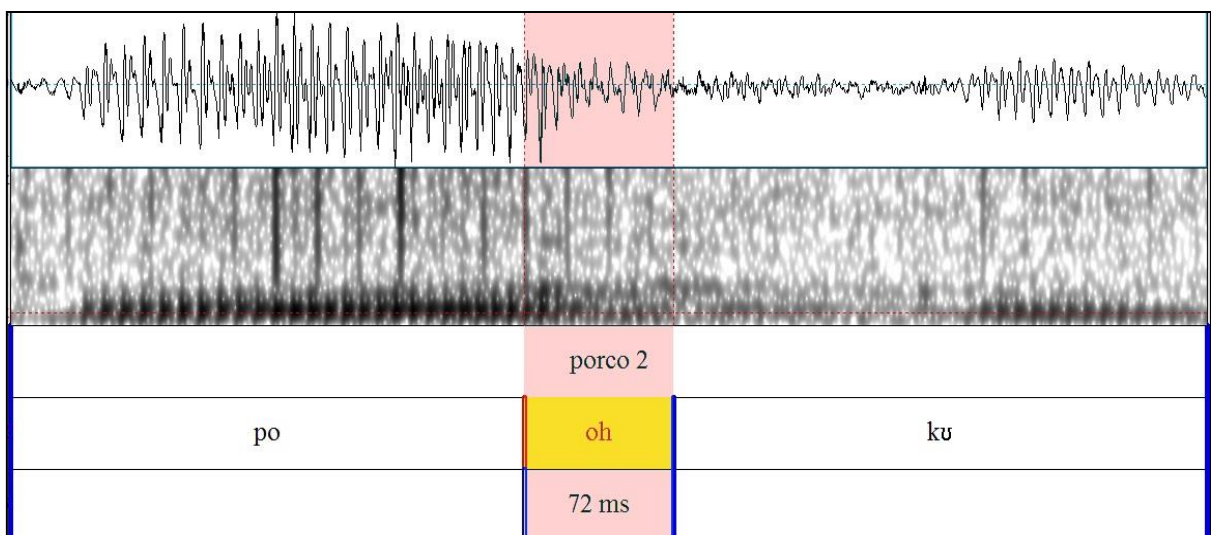
Todos os espectrogramas aqui apresentados foram realizados como auxílio do programa de análise da fala denominado Praat.

Informante IBMJ – Item lexical: aniversário



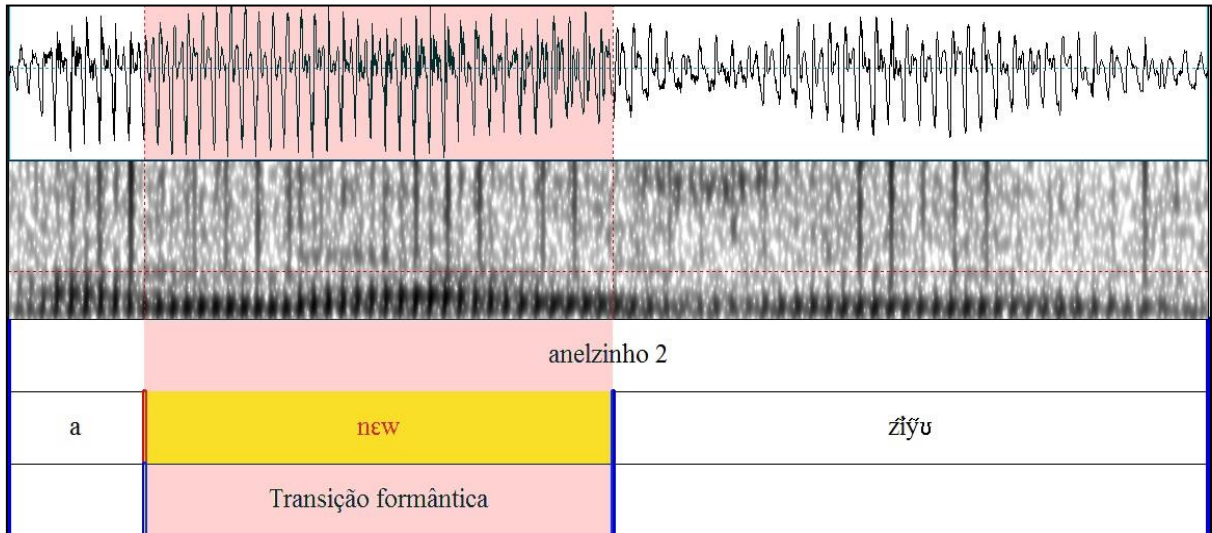
**Figura 12** – Espectrograma da pronúncia da variante de (R): Fricativa glotal na palavra aniversário

Informante IBMJ – Item lexical: porco



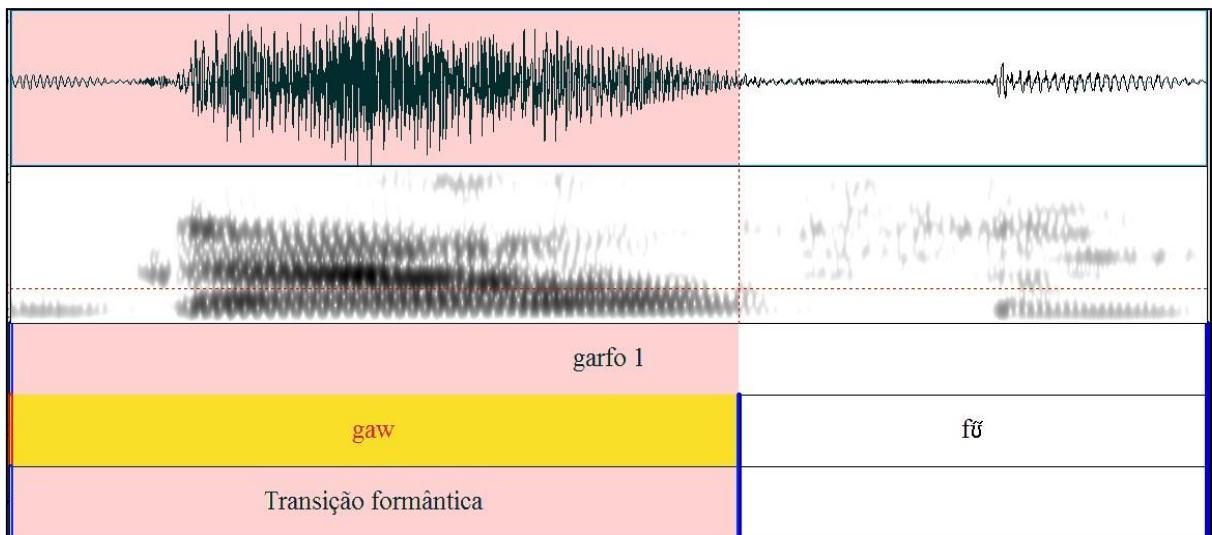
**Figura 13** – Espectrograma da pronúncia da Fricativa glotal ,entre barras transversais, na palavra porco

Informante IBMJ–Item lexical: anelzinho



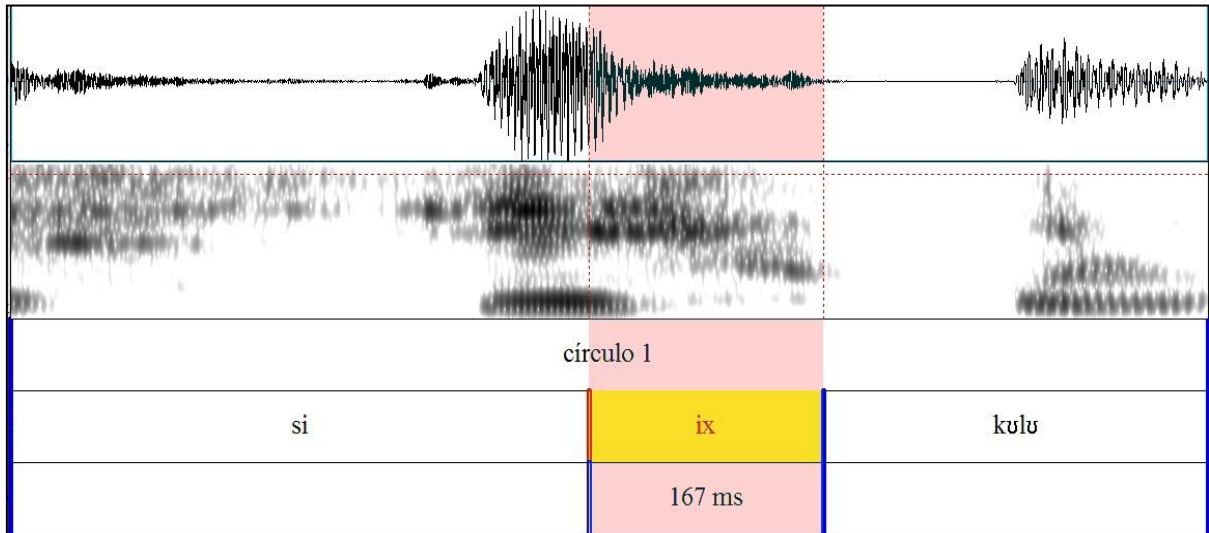
**Figura 14** – Espectrograma da pronúncia da variante W para L na palavra anelzinho

Informante RSMJ – Item lexical: garfo



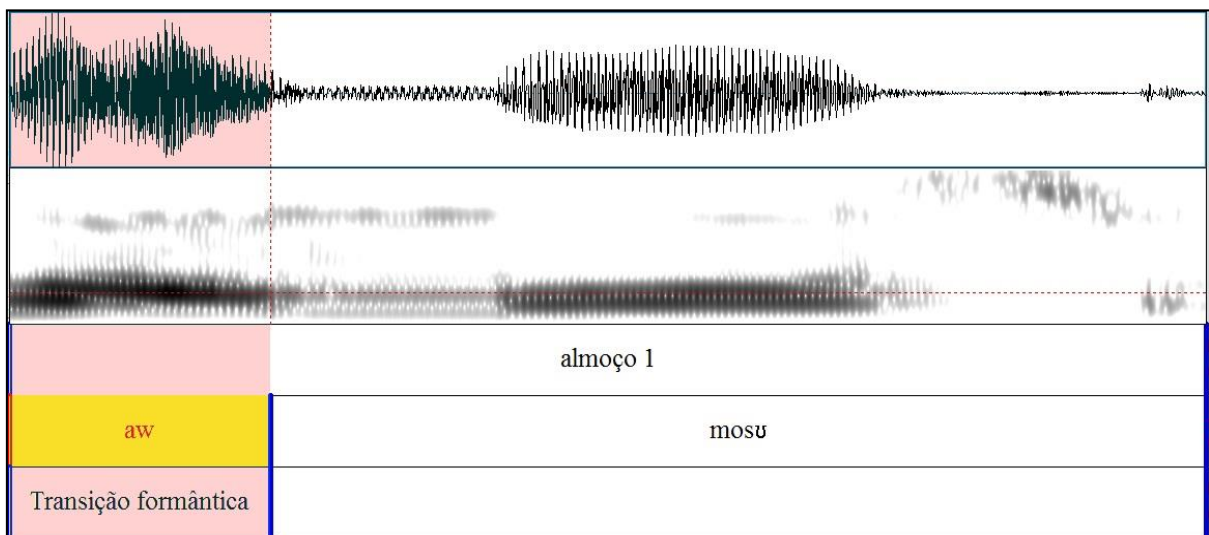
**Figura 15** – Espectrograma da pronúncia da variante W para R na palavra garfo

Informante RSMJ – Item lexical círculo



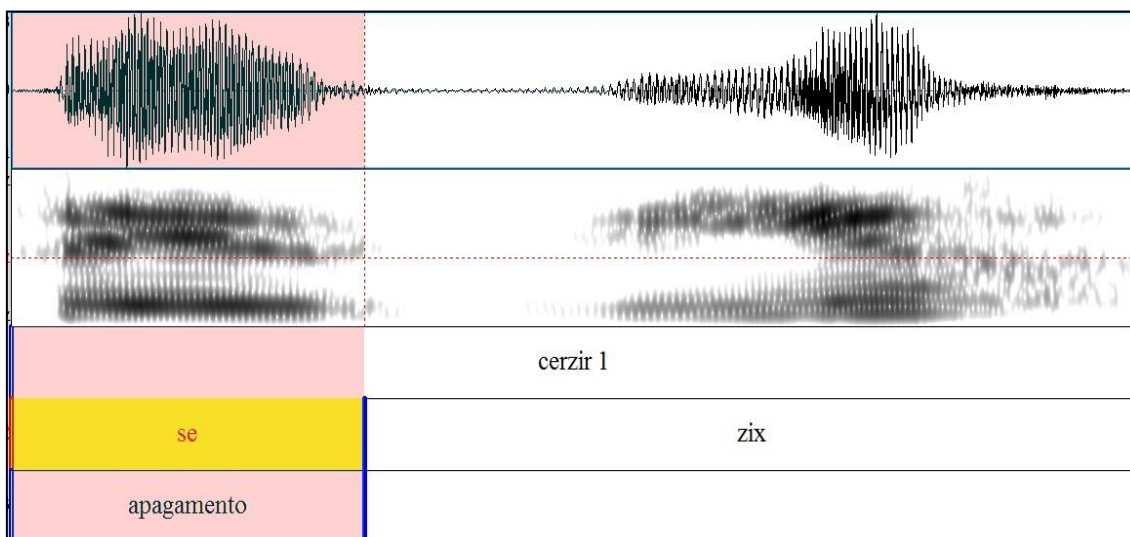
**Figura 16** – Espectrograma da pronúncia da variante X fricativa velar na palavra círculo

Informante PPFJ – Item lexical almoço



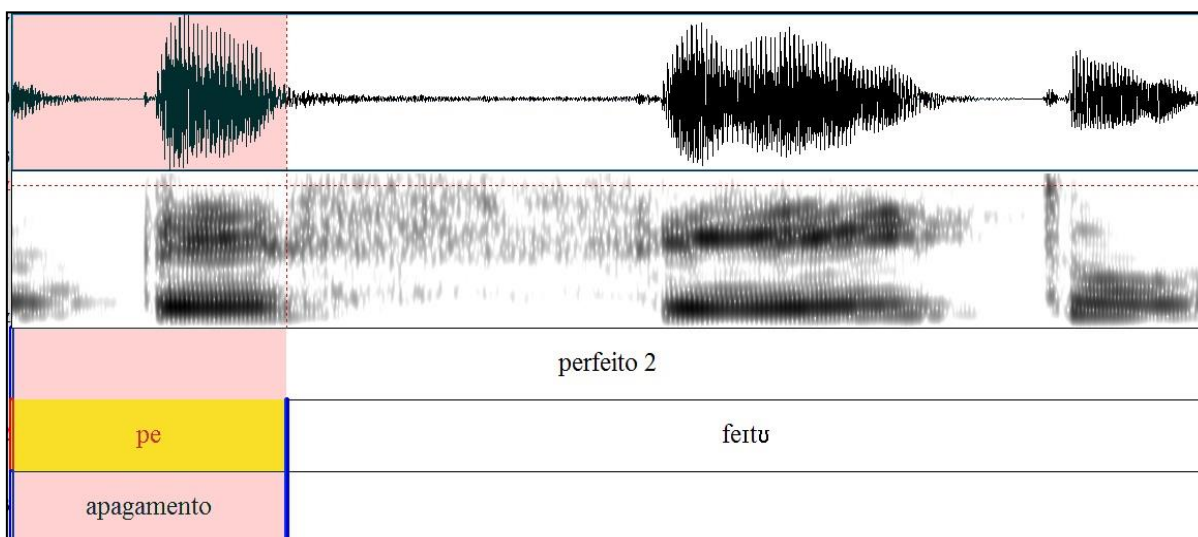
**Figura 17** – Espectrograma da pronúncia da variante W para L na palavra almoço

Informante PPFJ –Item lexical: cerzir



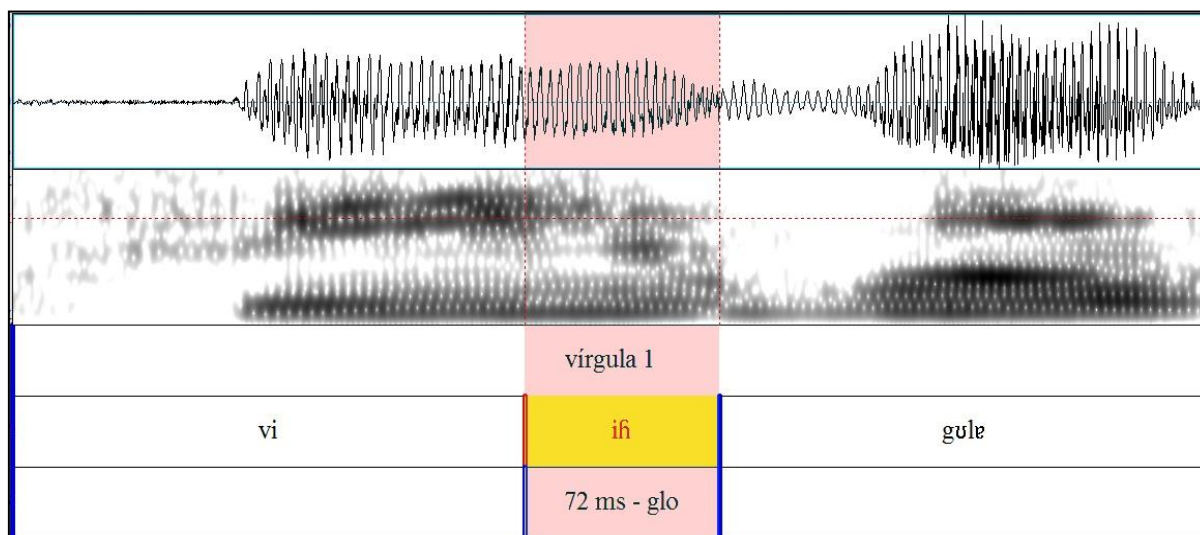
**Figura 18** – Espectrograma da pronúncia da variante Zero erre na palavra cerzir

Informante PPFJ – Item lexical: perfeito



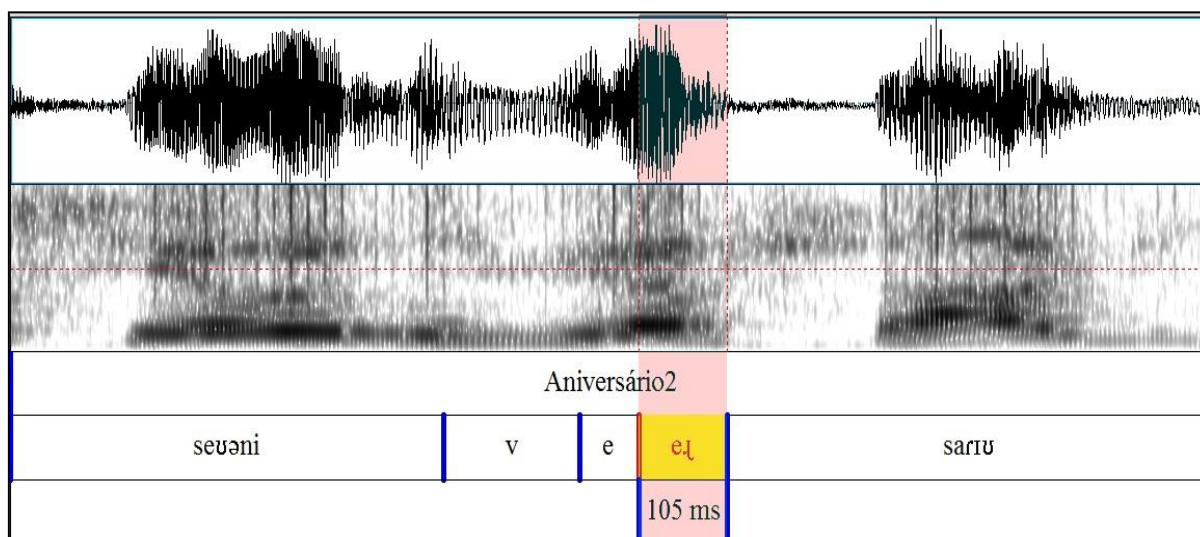
**Figura 19** – Espectrograma da pronúncia da variante Zero erre na palavra perfeito

Informante PPFJ – Item lexical: vírgula



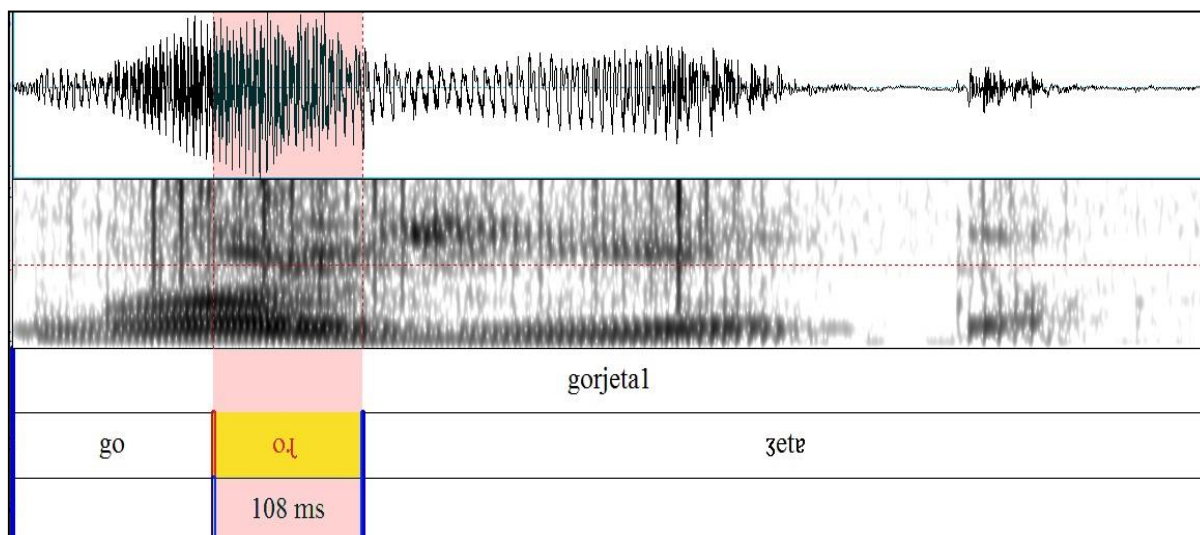
**Figura 20** – Espectrograma da pronúncia da variante Fricativa glotal na palavra vírgula

Informante BOMA –Item lexical: aniversário



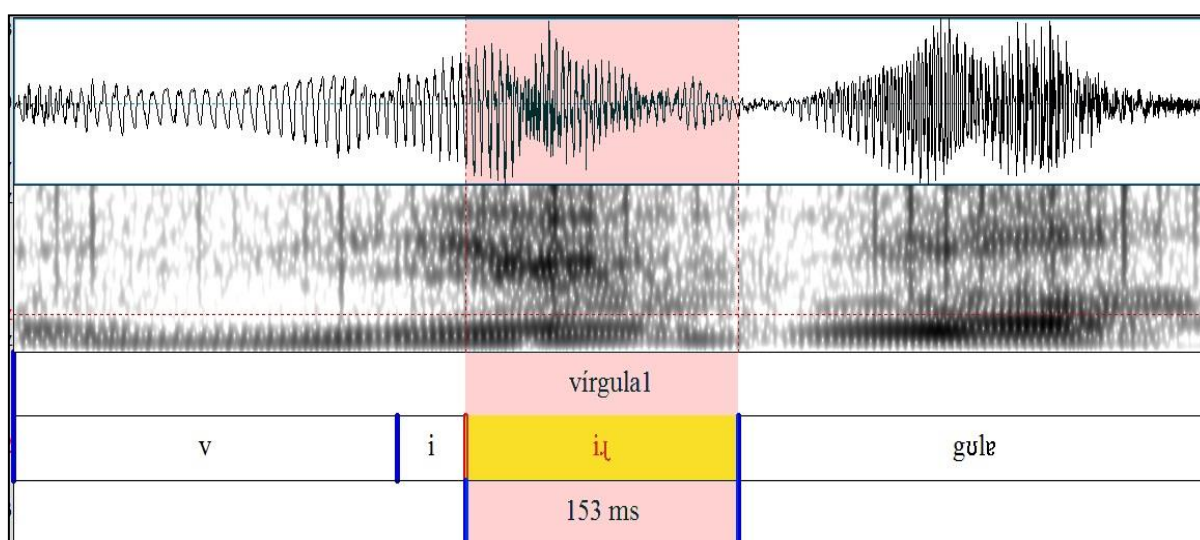
**Figura 21** – Espectrograma da pronúncia da variante Retroflexo na palavra aniversário

Informante BOMA – Item lexical: gorjeta



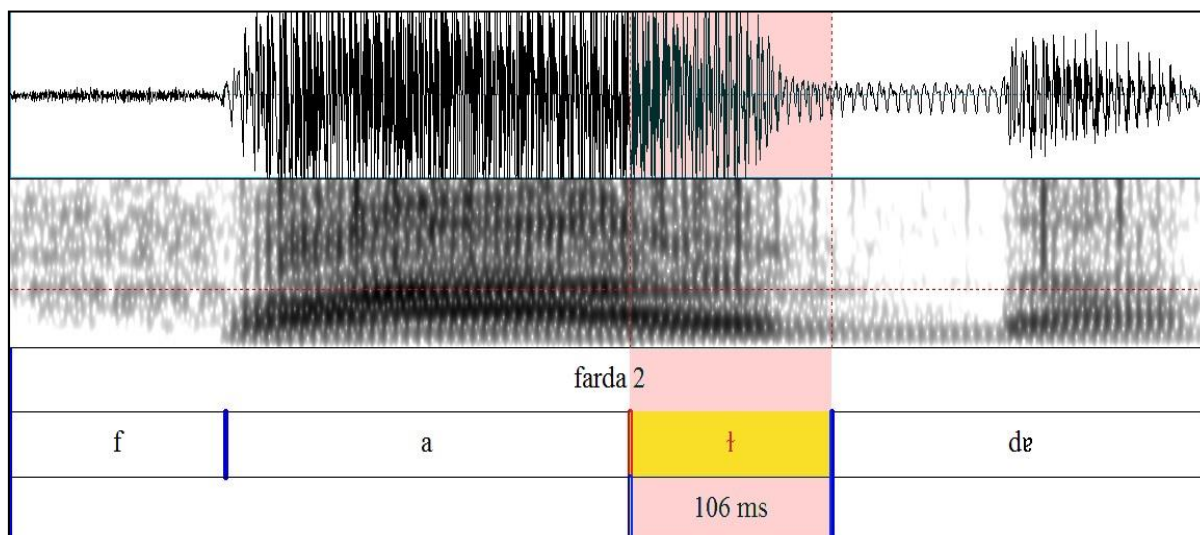
**Figura 22** – Espectrograma da pronúncia da variante Retroflexo na palavra gorjeta

Informante BOMA – Item lexical: vírgula



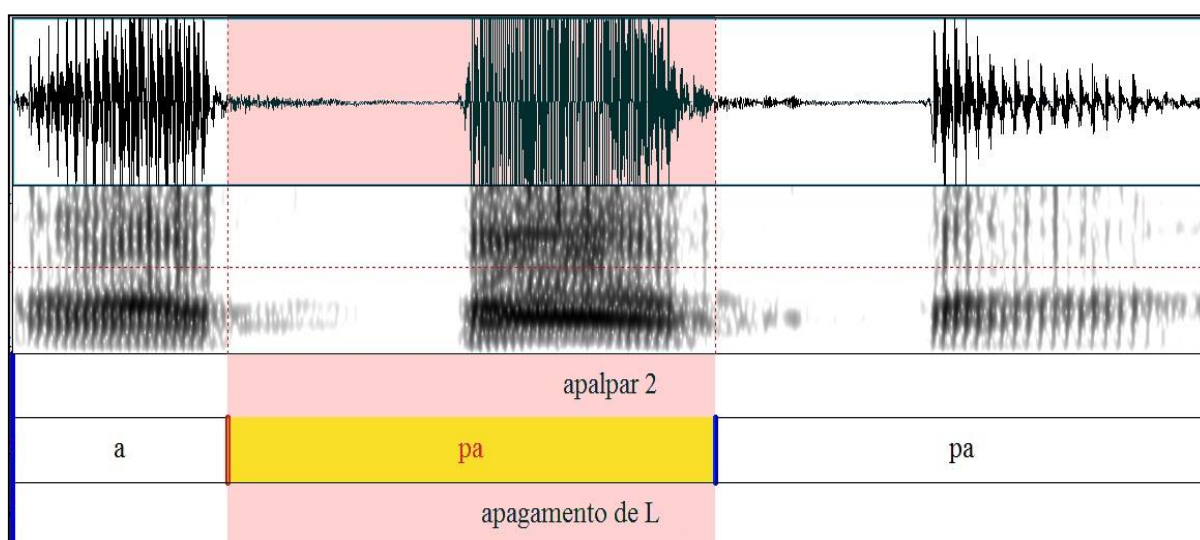
**Figura 23** – Espectrograma da pronúncia da variante Retroflexo na palavra vírgula

Informante BOMA – Item lexical: farda



**Figura 24** – Espectrograma da pronúncia da variante L por R-velarizado na palavra farda

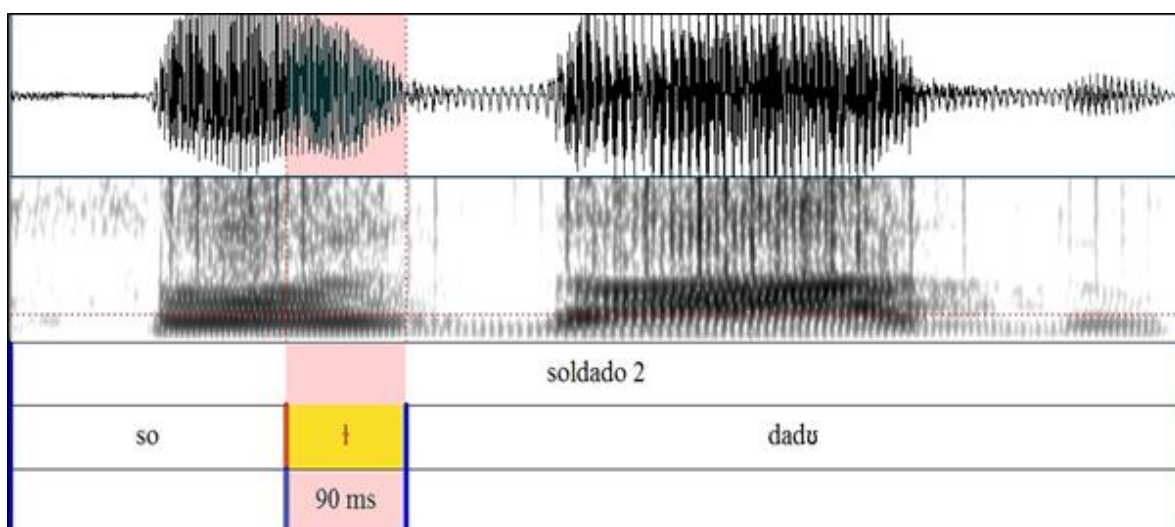
Informante BOMA –Item lexical: apalpar



**Figura 25** – Espectrograma da pronúncia da variante Zero ele na palavra apalpar

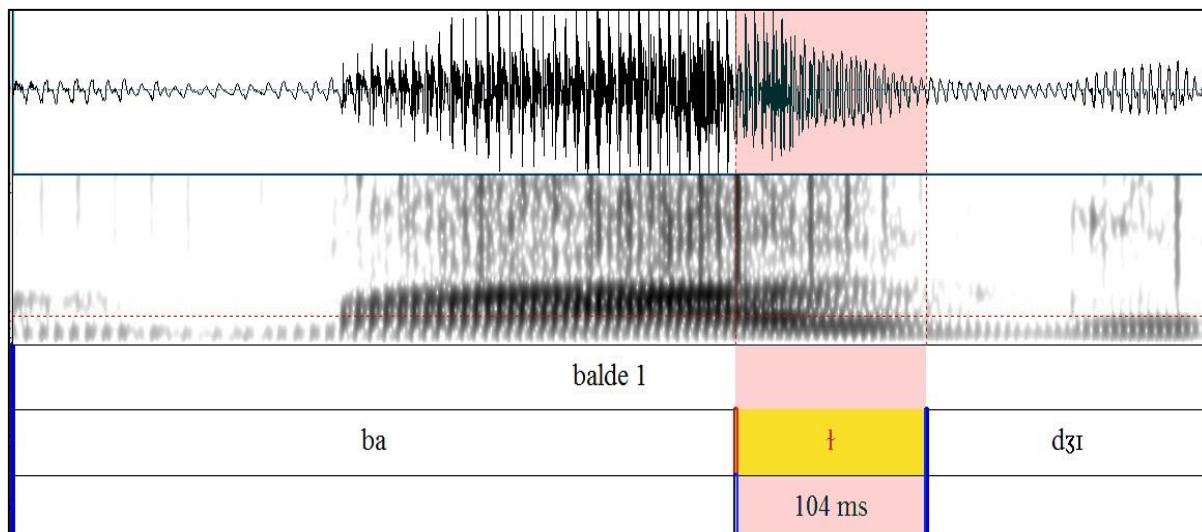


Informante BOMA – Item lexical: soldado



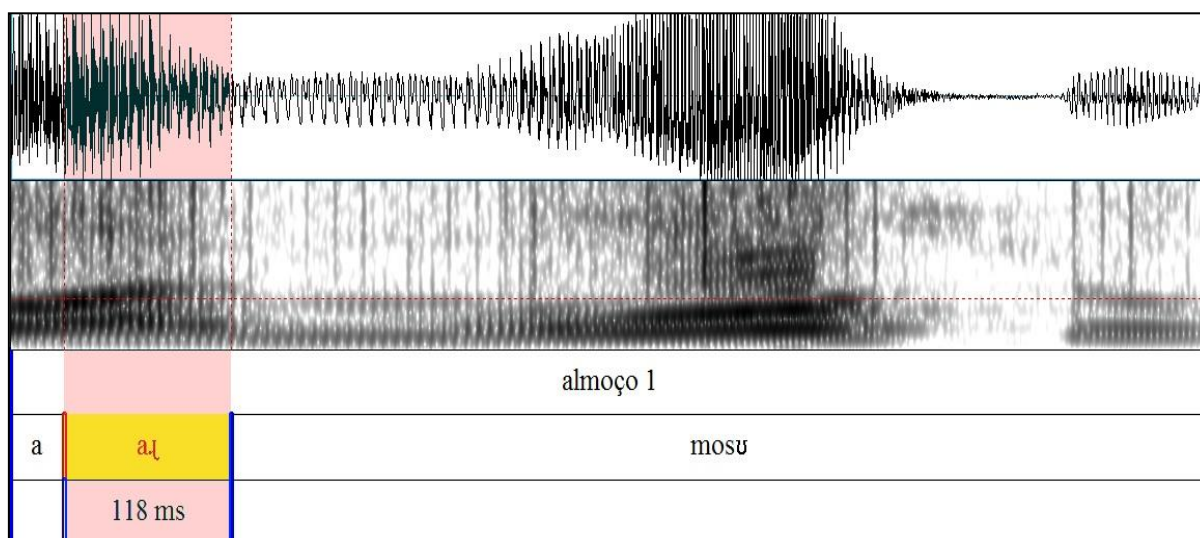
**Figura 26** – Espectrograma da pronúncia da variante L velarizado na palavra soldado

Informante BOMA – Item lexical: balde



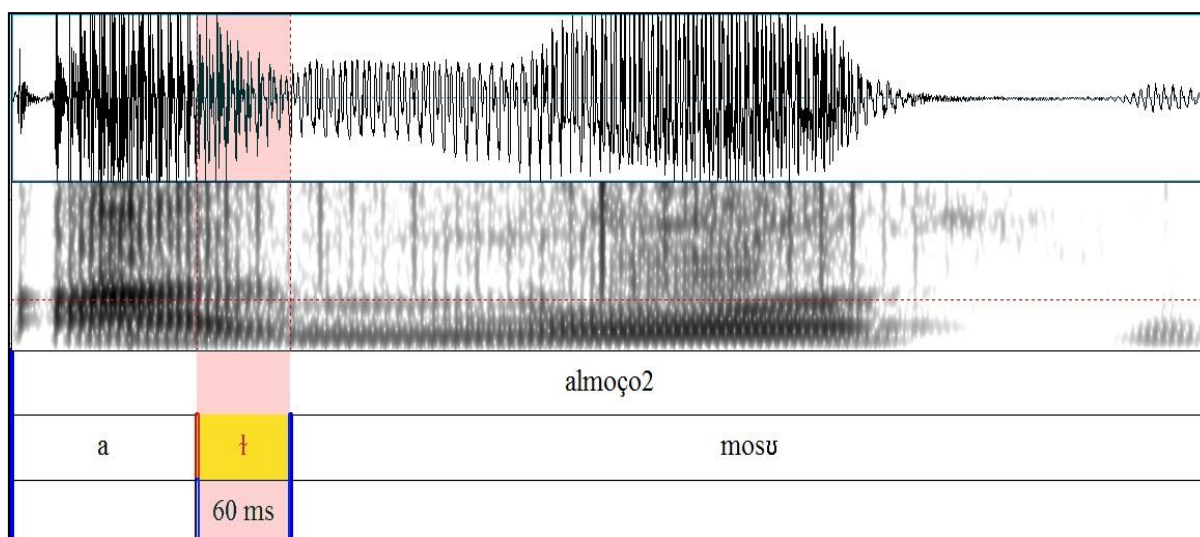
**Figura 27** – Espectrograma da pronúncia da variante L velarizado na palavra balde

Informante BOMA – Item lexical: almoço1.



**Figura 28** – Espectrograma da pronúncia da variante L por R-retroflexo na palavra almoço

Informante BOMA – Item lexical: almoço2.



**Figura 29** – Espectrograma da pronúncia da variante L velarizado na palavra almoço



Na divisão proposta por Nascentes, o falar baiano, no Norte de Minas, é marcado, por exemplo, pelas vogais abertas antes da tônica; o falar paulista ou sulista, no Sul e Sudoeste do estado, tem o erre retroflexo, conhecido pela pronúncia de porta em parte do interior de São Paulo; o fluminense, na região Leste, tem o chiado que lembra o jeito de falar do Rio de Janeiro; e o mineiro, na região central (que inclui a capital), é identificado, por enquanto, por não ter abertura tão frequente na sua pronúncia, nem outros traços generalizados como nos outros.

“Por meio do estudo da linguagem e da sua relação com a sócio-história, conhecemos melhor uma comunidade de fala. Além disso, nosso interesse está nas semelhanças e diferenças em relação ao português europeu e na comparação com as várias regiões do Brasil”, explica a professora Maria do Carmo Viegas, que coordena o VarFon e conta com equipe de sete pós-graduandos. Trabalho de mestrado produzido por Alan Jardel Oliveira – que tratou de variações na região de Itaúna, Centro-oeste do estado – mereceu o prêmio da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll).

## INFORMANTES TÍPICOS

Dentro das chamadas áreas dialetais, os pesquisadores do VarFon-Minas selecionam as cidades mais significativas e, em seguida, os informantes, que devem ser pessoas nascidas e moradoras do local e que não tenham vivido fora ou viajado muito. Gravações digitais são submetidas à análise de softwares que medem, entre outras características, a duração dos sons. “O desenvolvimento da fonética acústica, com o surgimento de tecnologias aplicadas, contribuiu muito para o aprofundamento dos estudos sobre a fala”, afirma Maria do Carmo Viegas. Segundo ela, a fala agora torna-se objeto de investigação da academia, que privilegiou por décadas apenas o estudo da competência linguística.

Estudo como o dos mestrandos Maria Helena Paes e Diogo Vilaça investigam o erre retroflexo em diferentes posições nas palavras. E já descobriram especificidades. “Há cidades em que a pronúncia do erre não varia, em outras ele pode ter diversas realizações. Esse aspecto está relacionado com o estigma ou não a ele atribuído na comunidade de fala”, explica Maria do Carmo Viegas, doutora pela UFMG e pós-doutora pela Unicamp, sempre em Estudos Linguísticos. Outro trabalho do grupo, da doutoranda Melina Dias, pesquisa a

abertura em diferentes regiões de Minas e propõe um falar de transição entre mineiro e o baiano, ainda a ser confirmado.

Os estudos das vogais do VarFon pretendem ajudar a explicar a fama dos mineiros de falarem “mole” e ao mesmo tempo “comerem” o final das palavras. As medições confirmam, na comparação com outras regiões, a curta duração das vogais átonas finais e o alongamento da vogal tônica. “Parece um paradoxo, mas as duas características estão presentes em posições diferentes na palavra”, atesta Maria do Carmo.

Fonte: Boletim UFMG, Nº 1.711, Ano 36, 20.9.2010.

Reportagem 2: *Estudo revela que Minas tem uma das maiores variações de falas do país*



*“Já trabalhei em outros estados e nunca mudei meu modo de falar. A língua é minha identidade, sem ela perco a minha personalidade.”* (Oriel Izidio de Abreu, produtor rural).

**Figura 31** – Estudo revela que Minas tem uma das maiores variações de falas do país

O chapéu de palha sobre a vasta cabeleira, a calça dobrada acima da canela e o rosto avermelhado pelo sol da manhã mostram que Oriel Izidio de Abreu, de 67 anos, estava na

lida. Como faz todos os dias, desde que acorda, ele gosta de cuidar da horta e das árvores frutíferas do seu sítio em Lagoa Santa, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Mas, logo depois do almoço, é sagrado, e o homem de fala tranquila e jeito despachado, pai de três filhos, não deixa de dedicar um dedinho de prosa a quem chega à propriedade acompanhado de um amigo dele. Com poucos minutos de conversa, não custa perguntar: “O senhor é daqui mesmo?”. Acostumado à indagação, Oriel tem a resposta na ponta da língua: “Sou sim, nascido e criado no bairro da Várzea”.

A surpresa durante a conversa está na pronúncia de palavras que têm o chamado “r” retroflexo, que se traduz, com todo o respeito, pelo chamado “r” caipira, aquele característico do Sul de Minas e interior de São Paulo. Porta, porteira, carne, cordeiro e várzeas, entre outras, soam diferente do modo de falar dos demais habitantes de Lagoa Santa, que fica a 36 quilômetros da capital. O motivo dessa particularidade está na formação do bairro, nascido com o nome de Vargem e fundado, em 1733, pelo bandeirante paulista Felipe Rodrigues. Durante muito tempo, o local ficou distante e isolado do restante da cidade, conservando a pronúncia peculiar. “Já trabalhei em outros estados e nunca mudei meu modo de falar. A língua é minha identidade, sem ela perco a minha personalidade”, acredita piamente o produtor rural, encostado na porteira do sítio.

O jeito especial de Várzea, principalmente dos moradores mais velhos, mostra que Minas é plural em diversidade linguística, com muitos falares ou dialetos. Segundo a professora da Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutora em estudos linguísticos Maria do Carmo Viegas, o estado é, no país, um daqueles com maiores variações na fala. “Várzea é um caso muito interessante e específico, pois está num universo dominado pelo falar mineiro”, diz a professora, que organizou o livro *Minas é plural*, com textos dela e dos professores César Nardelli e Seung-Hwa Lee. A obra é resultado dos estudos desenvolvidos, na Fale, pelo Grupo de Pesquisa VARFON-Minas (Variação Fonético-fonológica, Morfológica e Lexical) de Minas Gerais. “As variações demonstram a riqueza do patrimônio linguístico mineiro, uma fonte valiosa para as pesquisas.”

Ao longo de 10 anos, o grupo estudou quatro tipos de falar no estado, que são o mineiro, na Região Central; baiano, no Norte, Noroeste e vales do Jequitinhonha e Mucuri; sulista, no Sul, Sudoeste e Triângulo; e fluminense, na Zona da Mata. “Essas variações são resultado da formação e da história de Minas, desde antes da época da mineração, nos séculos 17 e 18.

Com a descoberta do ouro, chegaram aqui baianos, paulistas e outros, imprimindo as suas características linguísticas. Assim, o estado foi alargando as suas fronteiras físicas, culturais, sociais e econômicas”, afirma Maria do Carmo. O VARFON já colhe material para aprofundar as pesquisas e lançar outro livro, desta vez com o nome Minas é singular, alimentando ainda o atlas linguístico em produção no país.

## FRONTEIRAS

Além dos levantamentos bibliográficos, com destaque para os mapas feitos por Antenor Nascentes, em 1953, e Mário Zágari, em 1998, a equipe do VARFON saiu a campo, com entrevistas em Belo Horizonte, Lagoa Santa, na Grande BH; Ouro Branco, na Central; Piranga, na Zona da Mata; Itaúna, na Centro-Oeste; e Machacalis, no Vale do Mucuri. Maria do Carmo explica que os municípios de Ouro Branco e Piranga, distantes 85 quilômetros um do outro, foram escolhidos por estarem na “fronteira” entre o falar mineiro e o fluminense, portanto numa transição. Para o trabalho surtir o efeito desejado, os pesquisadores, durante as entrevistas, procuraram deixar as pessoas bem à vontade, pois, nessa condição, elas falariam realmente a língua materna (vernacular) aprendida na infância. Em Itaúna, no Centro-Oeste, também se verificou ocorrência do “r” retroflexo, característica, neste caso, de outra área de transição entre os falares mineiro e o sulista.

“De maneira geral, nós, mineiros, diminuímos ou engolimos a sílaba final e alongamos a tônica: É por isso que ‘pertinho’ se torna ‘pertim’ e ‘casa de fulano’ simplesmente ‘ca de fulano’”, diz a professora.

No falar mineiro, com exceção do bairro Várzea, a característica é ausência do “r” retroflexo (caipira) e de vogais abertas, embora, da década de 1970 para cá, com a migração de trabalhadores, note-se o incremento nesse último tipo de pronúncia na Grande BH. Já no falar baiano, como verificado em Machacalis, os moradores primam pela maior abertura da vogal, a exemplo de merenda (mé-renda), covarde (có-varde) e corrupção (cór-rupção). O “r” retroflexo do Sul de Minas pode ter suas raízes na língua falada pelos índios tupis. “A hipótese é de que esses povos não tinham esse som, então para eles, neste aspecto, teria sido mais difícil aprender a língua dos colonizadores”, conta Maria do Carmo.

## MINEIRO FALA ASSIM

### >> FALAR MINEIRO

Região Central

Característica: Ausência do “r” retroflexo (caipira) e de vogais abertas, com exceção do bairro Várzea, em Lagoa Santa. Desde a década de 1970, com as migrações de trabalhadores para a RMBH, vem se notando um incremento na presença de vogais abertas.

### >> FALAR BAIANO

Regiões Norte, Noroeste e vales do Jequitinhonha e Mucuri

Característica: Pronúncia com vogais bem abertas (exemplos: có-varde, mé-renda, neblina)

### >> FALAR SULISTA

Regiões Sul, Sudoeste e Triângulo

Característica: “r” retroflexo (caipira)

### >> FALAR FLUMINENSE

Zona da Mata

Característica: Em Piranga, na área de transição entre os falares mineiro e fluminense, há pronúncia de palavras com vogal aberta (mé-renda), embora, quando a sílaba seguinte apresenta o som “i”, isso não se observe (caso de neblina)

### >> DE MANEIRA GERAL

Os mineiros cortam a última sílaba das palavras (ca em vez de casa) e apagam os plurais (vamo, em vez de vamos, fizero, em vez de fizeram etc.), os gerúndios (andano, no lugar de andando) e o “r” no fim dos verbos (fazê, em vez de fazer). Além disso, transformam o sufixo “inho” em “im”, fazendo, por exemplo, “pertinho” virar “pertim”. No país, há outros falares ou dialetos que também reduzem a sílaba final, mas em Minas essa prática é maior.

Fonte: Disponível em: <<http://www.famamg.com/2011/09/estudo-revela-que-minas-tem-uma-das-maiores.html>>. Acesso em: 26 jun. 2014.



Reportagem 3: Os Dialeto de Minas

LINGUAJAR

ESTUDO DA FACULDADE DE LETRAS DA UFMG REVELA QUE ESTADO TEM UMA DAS MAIORES VARIACÖES DE FALAS DO PAÍS E UM RICO PATRIMÔNIO LINGÜÍSTICO

Os dialetos DE MINAS

GUSTAVO WERRECK

O chapéu de palha sobre a vasta cabeleira, a calça dobrada acima da canela e o rosto avermelhado pelo sol da manhã mostram que Oriel Izidro de Abreu, de 67 anos, estava na lida. Como faz todos os dias, desde que acordou, ele gosta de cuidar da horta e das árvores frutíferas do seu sítio em Lagoa Santa, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Mas, logo depois do almoço, é sagrado, e o homem de fala tranquila e jeito despaçado, pai de três filhos, não deixa de dedicar um dedinho de prosa a quem chega à propriedade acompanhado de um amigo dele. Com poucos minutos de conversa, não custa perguntar: "O senhor é daqui mesmo?" Acostumado à indagação, Oriel tem a resposta na ponta da língua: "Sou sim, nascido e criado no Bairro das Várzeas".

A surpresa durante a conversa está na pronúncia de palavras que têm o chamado "r" retroflexo, que se traduz, com todo o respeito, pelo chamado "r" caipira, aquele característico do Sul de Minas e interior de São Paulo. Porta, porteira, carne, cordeiro e várzeas, entre outras, soam diferente do modo de falar dos demais habitantes de Lagoa Santa, que fica a 36 quilômetros da capital. O motivo dessa particularidade está na formação do bairro, nascido com o nome de Vargem e fundado, em 1733, pelo bandeirante paulista Felipe Rodrigues. Durante muito tempo o local ficou distante e isolado do restante da cidade, conservando a pronúncia peculiar. "Já trabalhei em outros estados e nunca mudei meu modo de falar. A língua é minha identidade, sem ela perco a minha personalidade", acredita piamente o produtor rural, encochado na porteira do sítio.

O jeito especial de Várzeas, principalmente dos moradores mais velhos, mostra que Minas é plural. Segundo a linguista e professora de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutora em estudos linguísticos Mariana do Carmo Viegas, o estado é, no país, um daqueles com maiores variações na fala. "Várzeas é um caso muito interessante e específico, pois está num universo dominado pelo falar mineiro", diz a professora, que organizou o livro Minas e plural, com textos dela e dos professores César Nardelli e Seung-Hwa Lee. A obra é resultado dos estudos desenvolvidos, na Fale, pelo Grupo de Pesquisa Var-Fon (Variação Fonética-fonológica, Morfológica e Lexical) de Minas Gerais. "As variações demonstram a riqueza do patrimônio linguístico mineiro, uma fonte valiosa para as pesquisas".

Ao longo de 10 anos, o grupo estudou quatro tipos de falar no estado, que são o mineiro, na Região Central, baiano, no Norte, Nordeste e vales do Jequitinhonha e Mucuri, sulista, no Sul, Sudoeste e Triângulo, e fluminense, na Zona da Mata. "Essas variações são resultado da formação e da história de Minas, desde antes da época da mineração, nos séculos 17 e 18. Com a descoberta do ouro, chegaram aqui baianos, paulistas e outros, imprimindo as suas características linguísticas. Assim, o estado foi alargando as suas fronteiras físicas, culturais, sociais e econômicas", afirma Maria do Carmo. O Var-Fon já colhe material para aprofundar as pesquisas e lançar outro livro, desta vez com o nome Minas e singular, alimentando ainda o atlas linguístico em produção no país.

FRONTEIRAS Além dos levantamentos bibliográficos, com destaque para os mapas feitos por Antenor Nascimentos, em 1953, e Márcio Zagari, em 1998, a equipe do Var-Fon saiu a campo, com entrevistas em Belo Horizonte, Piranga, na Zona da Mata, Ouro Branco, na Central, Piranga, na Zona da Mata, Itaipava, no Centro-Oeste, e Machacalis, no Vale do Mucuri. Maria do Carmo explica que os municípios de Ouro Branco e Piranga, distantes 85 quilômetros um do outro, foram escolhidos por estarem na "fronteira" entre o falar mineiro e o fluminense, portanto numa transição. Para o trabalho surtiu o efeito desejado: os pesquisadores, durante as entrevistas, procuraram deixar as pessoas bem à vontade, pois, nessa condição, elas falam realmente a língua materna (verricular) aprendida na infância. Em Itaipava, no Centro-Oeste, também se verificou ocorrência do "r" retroflexo, característica, neste caso, de outra área de transição entre os falares mineiro e o sulista.

De maneira geral, nos mineiros, diminuímos ou engolimos a sílaba final e alongamos a tônica: "É por isso que 'perinho' se torna 'perim' e 'casa de fulano' simplesmente 'ca de fulano', diz a professora. No falar mineiro, com exceção do Bairro de Várzeas, a característica é ausência do "r" retroflexo (caipira) e de vogais abertas, embora, da década de 1970 para cá, com a migração de trabalhadores, note-se o incremento nesse último tipo de pronúncia na Grande BH. Já no falar baiano, como verificado em Machacalis, os moradores primam pela maior abertura da vogal, a exemplo de mizerada (mê-zerada), covade (co-vade) e corrução (co-rução). O "r" retroflexo do Sul de Minas pode ter suas raízes na língua falada pelos índios tupis. "A hipótese é de que esses povos não tinham esse som, então, para eles, neste aspecto, teria sido mais difícil aprender a língua dos colonizadores", conta Maria do Carmo.



66 Já trabalhei em outros estados e nunca mudei meu modo de falar. A língua é minha identidade, sem ela perco a minha personalidade.

99 Oriel Izidro de Abreu, produtor rural



Professora Maria do Carmo Viegas organizou o livro Minas e plural

MINIEIRO FALA ASSIM



- FALAR MINEIRO: Região Central. Característica: Ausência do "r" retroflexo (caipira) e de vogais abertas, com exceção do Bairro das Várzeas, em Lagoa Santa. Desde a década de 1970, com as migrações de trabalhadores para o RMBH, vem se notando um incremento na presença de vogais abertas.
FALAR SULISTA: Regiões Sul, Sudoeste e Triângulo. Característica: "r" retroflexo (caipira).
FALAR FLUMINENSE: Zona da Mata. Característica: Em Piranga, na área de transição entre os falares mineiro e fluminense, há pronúncia de polissílabos com vogal aberta (mê-zerada), embora, quando a sílaba seguinte apresenta o som "r", isso não se observe (caso de neblina).

DE MANEIRA GERAL Os mineiros cortam a última sílaba das palavras (ca em vez de casa) e apagam os plurais (vamo, em vez de vamos, fizero, em vez de fizeram etc.), os gerúndios (andando, no lugar de andando) e o "r" no fim dos verbos (fizê, em vez de fizeram). Além disso, transformam a sílaba "zêro" em "ze", fazendo, por exemplo, "perinho" virar "perim". No país, há outros falares ou dialetos que também reduzem a sílaba final, mas em Minas essa prática é maior.



No Bairro das Várzeas, em Lagoa Santa, Maria do Carmo mantém o "r" retroflexo e ouve a sobrinha Maria Helena falar de pesquisas linguísticas

Sotaque caipira na Grande BH

Em Piranga, a equipe verificou uma abertura maior da vogal em algumas palavras, com uma diferença "nessa região de transição linguística, as pessoas falam 'me-zenia', mas não abrem a vogal quando a sílaba seguinte tem o som de 'r', caso da palavra neblina. Natural de Piranga, doutoranda da UFMG e integrante da equipe Melina Retende Dias, de 29 anos, conta que sempre notou esta característica na sua cidade.

Morada do Bairro das Várzeas, em Lagoa Santa, Maria da Conceição Soares Gonzaga, de 84 anos, conhecida como dona Zinha, conserva o jeito do homem mineiro de falar. Mas, assim como o tataravô Oriel, ela pronuncia "porta, porteira e portão" com o "r" retroflexo. "Falo assim! Nem lembrava mais...", diz a simpática senhora, tia da estudante de mestrado da Fale/UFMG Maria Helena Soares Paes. Como boas mineiras, as duas, nos momentos de folga, conversam no portão da casa de dona Zinha, vivida mãe de seis filhos e avó de 10 netos. Maria Helena conta sobre suas pesquisas, a tia presta bastante atenção e diz que fez apenas o grupo escolar (as quatro primeiras séries do ensino fundamental). A conversa evoluiu e a tia diz que aprendeu, numa época, mudar a pronúncia. "Mas não teve jeito, são muitos anos falando dessa forma". Na despedida, dona Zinha pergunta: "Vai sair no jornal?", mostrando que o "r" retroflexo é uma das marcas da comunidade.

Na porta, ao lado da tia, Maria Helena, moradora de Lagoa Santa, conta que "nos mineiros, além de cortar a última sílaba das palavras, apagam os plurais (vamo, em vez de vamos, fizero, em vez de fizeram etc.) e o 'r' nos gerúndios (andando, no lugar de andando) e o 'r' no fim dos verbos (fizê, em vez de fizeram). Professora em escolas da sua cidade e Vespasiano, ela nota que, em algumas famílias do Bairro das Várzeas, alguns mais jovens pronunciam o "r" retroflexo, embora essa pronúncia seja mais presente nos mais velhos.

Figura 32 – Os Dialeto de Minas

Fonte: Jornal Estado de Minas, 26 de setembro de 2011. Caderno Geraís, p. 23.

Reportagem 3: *Os Dialeto de Minas*: destaque mapas dos falares



**Figura 33** – *Os Dialeto de Minas*: destaque dos mapas dos falares

Fonte: Estado de Minas, 26 de setembro de 2011. Caderno Gerais, p. 23.

